

EEEME

17º ENCONTRO ESPÍRITA SOBRE MEDICINA ESPIRITUAL



“O corpo reflete o que há no Espírito, sendo assim, o Espírito precisa ser curado primeiro. A Medicina Espiritual há de ser associada à Medicina Humana, em função de que uma vai cuidar do corpo e a outra do Espírito. A Medicina Espiritual socorre o perispírito, mas também socorre o corpo, ela não se sobrepõe ao remédio, porque cada uma age no seu campo; cada uma tem a sua esfera de ação; cada uma tem o seu momento.”

Ignácio Bittencourt

(Patrono do Encontro: 19/04/1862 – 18/02/1943)

Reuniões de Estudo para o Encontro

Seção Doutrinária

(Estudos realizados em 2006)

Índice

Visão da Medicina Espiritual	3
Aula dada por Márcia Cordeiro em 18/03/2006.....	3
Distúrbios Orgânicos: Marcas e Predisposições	11
Aula dada por Tereza Rodrigues – 23/03/2006.....	11
Doenças da Alma com Reflexos no Corpo Físico – Obsessão	20
Aula dada por Deuza Nogueira em 13/04/2006.....	20
Depressão, Síndrome do Pânico e Ansiedade	28
Aula dada por Alexandre Lobato em 15/04/2006.....	28
Mediunidade – Instrumento de Progresso para o Espírito	31
Aula dada por Marcelo Alves em 11/05/2006.....	31
Condições para a Cura: Vontade, Perseverança, Autoconhecimento	37
Aula dada por Eulina Castro – 27/04/06	37
Evangelho: Aceitação e Prática.....	42
Aula dada por Deuza Nogueira – 20/05/06	42
Jesus – O Médico das Almas – As Curas de Jesus	48
Aula dada por Lúcia Ventura – 25/05/06.....	48
O Perdão.....	54
Aula dada por Nilceia – 29/06/06	54
A Casa Espírita – Núcleo de Transformação Superior das Almas	64
Aula dada por Joaquim Couto em 13/07/2006	64

Visão da Medicina Espiritual

Aula dada por Márcia Cordeiro em 18/03/2006

Nós estamos dentro de um estudo da Medicina Espiritual. Qual é a nossa visão da Medicina Espiritual? O que é a Medicina Espiritual?

Nós já aprendemos com os espíritos, e isto está no material do Encontro de Medicina Espiritual, que quando os espíritos usam essa expressão, estão se referindo às atividades que os espíritos especializados no trato com o doente, utilizam junto ao perispírito do homem, para promover o equilíbrio e a cura.

Então, Medicina Espiritual é a ação de espíritos especializados, com técnicas específicas em um ponto específico que é o perispírito. Isso foi tema de comunicação de Balthazar.

Quando estamos pensando em Medicina Espiritual, estamos pensando, por parte dos homens, na procura de um fator além dos limites da medicina terrena. E como é além dos limites da medicina terrena, não quer dizer uma situação miraculosa. Isso é fundamental que a gente tenha na cabeça. “O doutor não me curou do câncer, vou tomar passe nesse ou naquele lugar, porque lá vou conseguir um milagre que o doutor não está podendo me dar, a cura do câncer.” Não é isso que os espíritos estão nos dizendo. Quando nos apresentam a proposta do tratamento espiritual, estão nos apresentando a proposta de curarmos as causas espirituais das nossas doenças. O motivo pelo qual nessa existência eu tenho câncer, e se eu não curar isso, na próxima eu vou ter isso e aquilo outro, na terceira vou ter isso e aquilo outro, até que tendo me curado do desequilíbrio da alma eu não volte a enfermar. Isso é fundamental na nossa visão.

Quando estamos raciocinando Medicina Espiritual não estamos pensando no método sobrenatural pelo qual doenças que a medicina não está conseguindo curar, vão ser resolvidas com a intervenção dos espíritos. Esse é o nosso primeiro equívoco, quando tratamos da Medicina Espiritual. Quando procuramos os espíritos e seus tratamentos, quer a gente saiba ou não disso, a visão dos espíritos é nos ajudar a vermos as causas espirituais dos nossos problemas e nos oferecer meios pelos quais possamos nos curar, daquele distúrbio da alma, que nesse momento está se expressando como aquela doença e que em outro momento poderá estar se expressando como outra qualquer. Então a nossa visão tem que ser mais ampla sobre o que chamamos Medicina Espiritual.

Por que o tema central da Seção Doutrinária é bem-aventurados os aflitos?

“— De uma maneira geral a humanidade considera a doença uma das grandes aflições. Só que existem os que vivem na condição de bem-aventurados os aflitos, no dizer de Jesus, e existem os que não se enquadram nessa condição, vivem a aflição, mas não se enquadram na bem-aventurança. Porque se deixam conduzir, talvez pela revolta, e não aprendem o que a doença, no caso a aflição vindo através da doença, vem ensinar.”

Quem é que não se enquadra na condição de bem-aventurados os aflitos?

“— Os revoltados.”

Quem são os revoltados?

“— Somos nós.”

Porque se nós aceitássemos a bem-aventurança, sofreríamos com proveito. O nosso problema é que a doença é vista como aflição e injustiça. “Por que eu estou com câncer? Por que estou com doença crônica? Por que meu filho morreu de leucemia?” São as nossas questões. Porque se tivéssemos a visão da vida terrena do ponto de vista da vida espiritual, a morte, a dor, o sofrimento deveriam ser vivenciados com outro tipo de sentimento.

Por isso, a Seção Doutrinária vai nos dar os fundamentos para revermos de que maneira estamos encarando a dor, a morte e o sofrimento. Qual é o nosso sentimento em relação a isso. Isso é outro ponto básico da discussão que vocês vão fazer com os encontristas, e que vão fazer antes com vocês mesmos. Porque se eu sou capaz de dizer para o outro: a vida continua, mas na hora que bate na minha casa, eu me pergunto porque o guia não impediu que meu ente querido morresse. Então eu estou achando que tenho um crédito pelo qual eu posso passar pela existência sem sofrer, sem me afligir, sem adoecer até à morte.

Há dois pontos doutrinários fundamentais: Bem e mal sofrer, capítulo V, item 18 e a mensagem de Lázaro sobre o dever, capítulo XVII, item 7, O Dever.

“Deus criou todos os homens iguais para a dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem pelas mesmas causas, para que cada um julgue judiciosamente o mal que pode fazer. O mesmo critério não existe em relação ao bem, infinitamente mais variado nas suas expressões. A igualdade diante da dor é uma sublime previsão de Deus, que deseja que seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o mal, alegando a ignorância dos seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta. É austero e dócil; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, permanece inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que às criaturas, e ama as criaturas mais do que a si mesmo. Ele é, ao mesmo tempo, juiz e escravo na sua própria causa.

O dever é o mais belo adorno da razão; ele nasce dela, como o filho nasce da sua mãe. O homem deve amar o dever, não porque ele o preserve dos males da vida, aos quais a humanidade não pode subtrair-se, mas porque ele dá à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia, sob uma forma mais elevada, em cada uma das etapas superiores da humanidade. A obrigação moral da criatura para com Deus jamais cessa; ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, porque deseja que a beleza de sua obra resplandeça diante dele.” (Lázaro. Paris, 1863.)

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – Cap. XVII, item 7, O Dever – Edições CELD.)

Todos são iguais perante a dor. Todos sofrem ou sofrerão. Não há ninguém que possa se eximir da dor. A dor, no ponto em que nós nos encontramos, faz parte da nossa existência. Isso é outro fundamento doutrinário que temos que ter na cabeça. Se até hoje não aconteceu nada, espera que seu bocadinho vai chegar. Sua encomenda não está atrasada, ela vem na época certa. Porque frente à dor todos os homens são iguais.

Quanto ao bem e mal sofrer Lacordaire diz:

18 – Quando Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus lhes pertence”, ele não se referia aos sofredores em geral, pois todos os que estão na Terra sofrem, quer estejam sobre um trono ou na miséria; porém, poucos sabem sofrer, poucos compreendem que só as provas bem toleradas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é um erro; Deus vos recusa consolações se vos falta coragem. A prece é um sustentáculo para a alma, mas não é suficiente, é preciso que ela seja apoiada sobre uma fé viva na vontade de Deus. Muitas vezes vos foi dito que ele não envia um fardo pesado para ombros frágeis; o fardo é proporcional às forças, como a recompensa é proporcional à resignação e à coragem. A recompensa será tanto mais grandiosa quanto mais penosa for a aflição, mas é preciso merecer essa recompensa, é por isso que a vida é cheia de adversidades.

O militar que não é enviado para a luta não fica contente, porque o repouso no campo não lhe proporciona nenhuma promoção; sede, pois, como o militar e não procureis um repouso no qual vosso corpo se enfraqueceria e vossa alma se embotaria. Ficai satisfeitos quando Deus vos envia a luta. Essa luta, não é o fogo da batalha, mas as aflições da vida onde, muitas vezes, é necessário ter mais coragem que em um sangrento combate porque aquele que permanece firme diante do inimigo, cederá sob a pressão de um sofrimento moral.

O homem não tem recompensas por essa espécie de coragem, mas Deus lhe reserva os louros da vitória e um lugar glorioso. Quando vos chegar um motivo de dor ou de contrariedade, esforçai-vos para superá-lo, e quando chegardes a dominar os impulsos da impaciência, da cólera ou do desespero, dizei com uma justa satisfação: “Eu fui o mais forte”.

“Bem-aventurados os aflitos” pode, portanto, ser assim traduzido: Bem-aventurados aqueles que têm o ensejo de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, pois eles terão centuplicadas a alegria que lhes falta na Terra, e após o trabalho virá o repouso. (Lacordaire, Havre, 1863.)

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – Cap. V, item 18 – Edições CELD.)

São duas ou três as nossas posturas habituais frente à aflição, que estamos exemplificando com as doenças, é a mais comum, quando se trata do Encontro de Medicina Espiritual é a nossa noção de injustiça, o desânimo e a postura de superioridade. Nós achamos que a dor pode acontecer no quintal do vizinho, no nosso não pode acontecer porque somos bons filhos de Deus. Porque nos acreditamos superiores.

Quando ocorreu o tsunami, uma senhora muçulmana, ao responder ao repórter ocidental sobre se tinha morrido muita gente na família dela, encerrou a reportagem dizendo: “E o que adianta ser bom muçulmano. Bom ou mau a onda vem e mata.” É a nossa noção de que pela adesão a um credo, uma religião, uma filosofia, aquilo nos tornou superiores e não poderemos estar inclusos naquilo que acontece com o outro. A nossa noção sobre dor e sofrimento é que é um castigo. É a mesma noção da antigüidade sobre a cólera dos deuses. A Bíblia está cheia dessas passagens. Iavé se encolerizou com o povo e mandou a peste, a doença, a fome. Iavé se vinga daqueles que não agem de acordo com a sua expectativa.

A nossa noção é sempre de intolerância frente à dor e ao sofrimento. O fundamento doutrinário é: todos os homens são iguais perante a dor. A dor é um processo para espíritos que estão no ponto em que nos encontramos. Processo necessário ao despertar da nossa sensibilidade. A dor comparece para burilar a nossa natureza animal, porque não nos dispusemos à busca consciente do progresso. A dor surge como mecanismo de despertar da natureza espiritual. Todos os homens são iguais perante a dor, o que quer dizer que, em algum momento todos nós havemos de sofrer.

Só a presença da dor não tem nenhum resultado. O que aprendemos com a dor é que é o processo do bem ou mal sofrer. A presença da dor é da lei, é fatalidade na nossa existência, todos havemos de sofrer. O que faremos do sofrimento já é conosco. Porque vai acontecer da forma como vemos a Deus e a sua justiça. Esse é outro fundamento doutrinário. O resultado da vivência da dor é completamente diferente.

Vamos ver as obras mediúnicas nas quais encontramos relatos de situações obsessivas. Na obra de André Luiz *No Mundo Maior*. A obra começa com o relato do instrutor Calderaro, junto a um homem doente por obsessão, que está internado. Junto dele o verdugo, alguém que foi assassinado por ele naquela existência. Quando a intervenção espiritual é feita junto a esses espíritos a irmã Cipriana, que é o espírito que vem doutrinar o obsessor, pergunta a ele: “— Valerá a condição de vítima para cairmos tanto na escala da vida?” Há 30 anos ele foi vítima, foi assassinado. Isso desenvolveu nele um processo de revolta, que o torna um verdugo mais impiedoso do que aquele que, num momento de irreflexão, lhe tirou a vida. Ele quer justificar 20, 30 anos de obsessão pelo fato de ter perdido a vida naquele momento. Só que, naquela mesma existência o outro que lhe tira a vida, já estava sendo subjugado por ele há vários anos numa relação trabalhista, quase de escravidão. Revoltado vai lá e tira a vida dele para receber aquilo que julga de direito.

Quando a dor aparece, nós, normalmente, nos achamos injustiçados. Caímos na revolta ou no desânimo. Lacordaire diz: “O desânimo é um erro; Deus vos recusa consolações se vos falta coragem.”

O que é desânimo? É outro aspecto da revolta. Ou tomamos a justiça nas próprias mãos ou então, no desânimo, nos revoltamos contra Deus que nos colocou naquela situação. Nas duas situações estamos frente à revolta. A revolta é sempre insubmissão a Deus. Por isso, Deus nos recusa consolações quando caímos no desânimo. Isso tudo é fundamento doutrinário para discutir com o encontrista. “Por que eu fiquei doente?” ou “Por que morreu fulano na minha família?”

Pergunta: Ouve-se muito a seguinte expressão: fulano sofre mais porque é mais sensível. Como explicar isso em relação ao que é a verdadeira sensibilidade, porque a dor vem para nos despertar sensibilidade como espírito. Poderia explicar isso?

O que é que dizemos quando usamos essa expressão? Por que dizemos que fulano está sofrendo mais? Qual é o comportamento que ele apresenta, para dizermos que esse sofre mais que aquele? Porque aquele se desespera mais que o outro, não é isso? Quem sofre mais o que perdeu o pai ou o que perdeu a mãe? Não tem termômetro para isso.

Quando Kardec no estudo do *Livro dos Espíritos* faz as perguntas sobre a perda de entes queridos e funerais, os espíritos dizem que o sentimento do pobre, que não pode botar mais do que uma singela flor no túmulo do seu ente amado que partiu, ou do outro que pode mandar para um túmulo custoso, é o mesmo. A dor, a perda é a mesma, cada um expressa de acordo com a sua possibilidade. Então, quando a gente diz que fulano é mais sensível, é porque olhamos para ele e o vemos mais desesperado. Se está mais desesperado é mais revoltado. A dor dói igualzinho. Não

mandou dar mais para esse ou para aquele. É sempre a nossa noção de que é injusto o que passamos, que faz com que ache que aquilo foi uma coisa superlativa.

Pergunta: A dor é neutra, mas de acordo com o estágio de amadurecimento...

Márcia: A resposta é sempre individual. Ela só tem uma finalidade, despertar a sensibilidade, nos afastar da natureza animal. Porque aí todos somos obrigados a pensar: “a vida é só isso? Eu só nasci para sofrer? Eu vou passar essa existência toda assim e depois?” E muitos de nós no auge da revolta nos precipitamos na deserção do suicídio. É o máximo da incredulidade.

O que chamamos dor se mascara em vários aspectos. Ora é doença, ora é perda de entes queridos, ora é o afastamento de alguém que a gente ama, ora é a situação social. Tudo isso para nós é dor e aflição. Mas a forma de reagir, o que a gente faz com isso, é de acordo com o nosso sentido de submissão ao outro. E submissão num aspecto muito amplo, no sentido de compreensão, que a lei só nos dá o que é necessário para o nosso progresso. Então, todas as circunstâncias que me chegam têm como papel alavancar o meu progresso, depende de mim aproveitar a circunstância. Toda a vez que me coloco no desânimo, na revolta ostensiva, ou busco justiça com as próprias mãos, eu me imobilizo: “Ah! desde que mamãe morreu nunca mais saí da depressão.” Eu não sou metade de ninguém, sou um e tenho uma trajetória como espírito. Quando eu coloco às custas do outro minha infelicidade, estou me aterrando numa situação que é transitória por si mesma. O que é verdadeiro é a impermanência das circunstâncias e das situações. Hoje eu estou aqui com esses recursos, com essas características, logo a seguir eu posso estar num outro contexto. É assim mesmo, porque a vida é movimento e mudança. O que importa é que em qualquer uma das circunstâncias eu não perca de vista meu propósito maior que é crescer para Deus.

Nossas alegrias e nossas dores são ditadas pela nossa submissão ou insubmissão a lei divina. E a submissão ou insubmissão a lei divina depende da consolidação da nossa fé. É aí que damos testemunho da fé ou da incredulidade.

“Meu filho nasceu mal formado. É um sofrimento para ele e para mim.” Tem gente que deixa a criança na maternidade. Tem gente que desde o primeiro dia de vida diz: “Doutor o que eu vou fazer para melhorar meu filho.” Isso é individual. Por que ele nasceu deformado? Nós que somos reencarnacionistas sabemos que, necessariamente, é uma causa anterior, que nem sempre temos essa revelação, mas temos isso com mais clareza. O outro que guarda conformidade e aceitação, também tem a certeza que Deus não errou com o filho dele e acha que o único dever dele é aceitar, porque aquele filho precisa mais dele do que o outro que não tem problema. Isso é construção individual.

Não se conquista o que não se construiu. Quando a gente diz que conquistou, alguém lutou para alcançar aquele grau. Lei de justiça, amor e caridade, perfeição moral: há pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem esforços. O que os espíritos respondem? Paga-se-lhes o tributo que se paga a velhos guerreiros, que lutam e conquistaram suas glórias. Conquista não vem por osmose. Quem conquistou e está comprovando com humildade e resignação está cumprindo o dever de casa direitinho. Quem está na revolta, no desânimo, na deserção, está rasgando a cartilha várias vezes, não vamos ter dúvida disso. Estamos fugindo da escola, estamos indo comer merenda, por isso que não tem na hora que procura. Por mais que seja duro de ouvir esse discurso, é real.

Nós estamos exatamente como a história da formiga e da cigarra. A formiga reservou para o inverno, a cigarra não reservou. E quando procura, acha? Toda vez que a gente procura dentro da gente e não acha é porque estamos desperdiçando oportunidade de construir aquilo. E ninguém vai poder dar aquilo para gente. Toda conquista espiritual é individual. Somos estimulados a fazer, mas ninguém faz pela gente. E sabemos se temos ou não temos na hora que precisamos dela, não é antes. Paciência, resignação, fé e esperança é na hora, aí a sabemos se temos.

Vamos lembrar a mensagem de Lázaro: todos os homens são iguais perante Deus. Para todos nós vai chegar o momento do testemunho. É o momento de apresentar à lei a nossa conquista.

Quando nesse módulo aqui vamos procurar compreender os distúrbios da alma quando precursores da doença do corpo, estamos tentando entender como é a forma como nós temos conduzido a nossa carreira evolutiva. Nesse momento, está nos propiciando uma série de desconfortos, e os mais chamativos são as doenças físicas, mas temos os distúrbios de caráter. “Ah!

Eu nunca tenho condição de terminar nada que começo. Começo um milhão de coisas, mas nunca consigo terminar.” Isso é falha de caráter. Eu sou preguiçoso, não tenho persistência, desisto com a primeira dificuldade, tenho falta de confiança, é baixa estima, seja lá o que for, mas é falha do caráter. Qual é o resultado disso: “Ah! Eu nunca consigo chegar onde quero. Ah! No meu trabalho sempre alguém passa minha frente e é promovido quando eu devia ser o promovido.” De quem é a culpa? Nossa. E eu convivendo com o resultado da minha falha tenho dor e sofrimento, frustração, desapontamento, aflição. Que eu devo a quem? A mim. E quem pode resolver? Eu mesmo. É isso que a Medicina Espiritual vem fazer, mostrar que cada homem é o melhor médico de si mesmo, não tem doutor melhor.

Quando se fala de distúrbios da alma como precursores, se quer dizer que esse resultado com o qual estamos vivendo, convivendo, e que nos faz aflitos e sofredores, aí está para remover uma causa que existe em nós mesmos. E à qual vamos ter que nos dedicar, estudar e pensar sobre ela para removê-la. Para poder ser bem-aventurado e conseguir tirar da aflição uma experiência.

Joana de Ângelis tem uma obra bem proveitosa para o estudo, *Momentos de Saúde*. Ela traz algumas noções sobre saúde, doença, o papel do espírito nas suas dificuldades. Na introdução ela diz assim:

“Conseguir a harmonia entre o equilíbrio orgânico, o emocional e o psíquico num quadro geral de bem-estar, constitui um grande desafio para inteligência humana, que milenarmente vem recorrendo as mais variáveis quão complexas experiências, que tem resultado em admiráveis e valiosas conquistas.”

Tem um tripé que queremos atingir: equilíbrio orgânico, emocional e psíquico para atingir a situação que chamamos de bem-estar ou felicidade. Isso vem sendo procurado milenarmente pela inteligência humana e a inteligência humana vem engendrando os modos de transformar esse tripé em qualidade. Então o avanço das ciências da saúde, do conhecimento em relação a saúde, o funcionamento do corpo humano e as condições que tornaram a vida humana cada vez mais longa, é o resultado do esforço da inteligência humana. Embora hoje a gente viva o dobro do tempo que vivia na Idade Média, nós dizemos assim: necessariamente não somos mais temidos. Embora a gente não morra, a grosso modo, de peste, de varíola, que era o terror do homem da Idade Média, temos os anti-depressivos, remédio para dormir, para acordar. Porque o avanço da ciência corrigiu uma série de situações do meio ambiente. Inventou a vacina, mas é o desequilíbrio da alma que é o precursor da doença do corpo. Nós não adoecemos mais daquilo, mas adoecemos de depressão, de tédio. Muda o tipo de doença, mas a alma continuou desequilibrada.

A discussão está sempre em torno disso. Para viver melhor temos que mudar o nosso interior, e só nós podemos fazer isso, porque senão vamos tomar o anti-depressivo mais cedo. Nos EUA a pediatria é uma das especialidades que mais prescreve anti-depressivo.

Intervenção: Nós temos crianças de 10, 12 anos tomando passe no Celdinho com depressão.

É dessa vida? É da circunstância dessa existência? Não, é o espírito acovardado ante a luta pela vida. E que vai ter que enfrentar corajosamente essa situação. Por que é que em algumas sociedades o suicídio entre jovens atinge taxas alarmantes? Entre algumas profissões também? A medicina é uma delas. Tem o maior índice de suicídios entre todas as categorias profissionais. É pela forma como nós encaramos a existência. Insatisfação consigo mesmo. Ele lida com a vida e a morte. Nenhuma outra profissão tem isso.

Como é que aquilo serve para o outro e não serve para mim. Em que posição eu me coloco frente a isso, que quando a dor e o sofrimento bate em minha porta eu acho que é intolerável, que eu não posso viver com isso? Isso é postura do espírito. Isso está dentro da gente, individual e coletivamente. Por isso, que o consultório de psicologia está cheio, está todo mundo procurando as alternativas, querendo encontrar no meio da alimentação e atividade física solução para isso. É condição do espírito, exclusivamente do espírito. A visão da vida é do espírito.

Por que nós adoecemos? Porque somos espíritos doentes, o corpo só está expressando a nossa dificuldade. Somos doentes porque temos a postura viciosa ante o que é a circunstância da lei da vida. A gente não se adapta em função do progresso, não quer fazer esforço para mudar a si mesmo? E vamos pagando um preço para isso, necessariamente.

Joana de Ângelis vai adiante e diz assim:

“A saúde é uma conquista interior, que se reflete no corpo como resultado da harmonia íntima.”

“A vida é um incessante mecanismo de transformações, nada permanece inalterável. A mudança é fenômeno natural do processo renovador. Desse modo, emoções, organização fisiológica, comportamentos humanos encontram-se sujeitos aos imperativos de alterações necessárias, variando de acordo com ocorrências, circunstâncias, ocasiões.

O cultivo das idéias pessimistas, geradoras de enfermidades, dissabores, angústias e tragédias deve ser substituídos pelos pensamentos saudáveis, produtivos, responsáveis pelos bens da vida.

Os teus pensamentos seguem a linha direcional das tuas aspirações. O que anelas na emoção, elaboras na construção mental. Sucederá, portanto, conforme o queiras.

Certamente experimentarás no transcurso da existência física provas e expiações que decorrem de pensamentos e atitudes passadas, ora retornando a vida do ser como mecanismo de reparação, resgate e reeducação. Houvesse agido de forma diferente enfrentarias outras situações cármicas.”

(*Momentos de Saúde* – cap. 3 – psicografia de Divaldo P.Franco, Leal Ed.)

Nós não podemos nos eximir de um resultado que vimos plasmando no tempo. Para diluir isso precisamos fazer uma construção nova. A persistência na mesma atitude não vai resolver. Isso é fundamental compreender. Nesse estudo sobre o mecanismo espiritual da doença (porque em última análise é do que trata a seção doutrinária), temos que compreender que estamos trabalhando uma matéria plástica, extremamente sensível à ação da nossa mente, que é o nosso fluido perispírita, é nele que estamos assinalando nosso testamento para o futuro, estamos fazendo isso hoje. E, se queremos harmonia, é necessário utilizar a força da mente, que é pensamento, sentimento, emoção e vontade de maneira disciplinada, senão não faz essa construção para o futuro. Esse o chavão que todo expositor espírita repete, que toda vez seque pede orientação ao mundo espiritual eles repetem. Enquanto não nos conscientizarmos dessa relação de causa e efeito, não sairemos do círculo dessa dor. Para interromper isso precisamos viver de outra forma, necessariamente.

Por isso, todo o contexto da Medicina Espiritual convida o espírito enfermo a refletir sobre si mesmo, porque é a única forma de cortar isso. Porque depende de uma postura interior.

Na casa espírita o exercício da Medicina Espiritual é trazer todo mundo para a reflexão: sou um espírito imortal, tenho vidas sucessivas e sou o arquiteto do meu destino. Vou ser feliz ou desgraçado, de acordo como eu construir isso.

Intervenção: O sujeito vai ter que olhar para dentro de si mesmo, não vai ter outra saída. Se ele não tiver essa coragem, vai empurrando aquilo para frente, até ter a coragem, que tem que ser hercúlea. Porque é fácil olhar lá fora, agora olhar dentro da gente...

Ele não vai empurrando não, é feito bola de neve. Quanto mais tempo demoramos para o enfrentamento interior, nós fazemos isso com mais dor e sacrifício. É como se fossemos anquilosando certas possibilidades. (*Anquiloze = lesão da articulação, perda de movimentos.*) Nas forças da alma que não trabalhamos, vamos perdendo a destreza, fica cada vez mais difícil. Vai ter que repetir, não pode deixar de repetir, porque a lei não vai deixar sem aprender a lição. É isso que nem sempre temos bem claro dentro de nós.

“— Ah! Eu saí pelo suicídio.”

“— Está bem meu filho, agora vamos voltar para o corpo, resolver o problema do suicídio, volte para o ponto que estava e trate de fazer direito.”

“— Ah! Mas depois do suicídio nasceu cego, surdo, mudo, sem a perna...”

“— Está bem sai dessa vida, pega outro corpo e começa de um onde parou. Os problemas continuam parados, esperando. Volta para ali, isso foi um desvio.”

Até que a gente vá aderindo à lei, de livre e espontânea vontade, nós vamos sofrer. Só paramos de sofrer quando resolvemos aderir de livre e espontânea vontade. Isso está marcado fluidicamente em nós. A lei não se engana. Uma vez que se perca em qualquer mecanismo de desequilíbrio, é preciso restaurar o equilíbrio ao nível do perispírita. Aí entramos nas circunstâncias obrigatórias do retorno do equilíbrio. Ninguém sofre por ninguém, cada um sofre por si mesmo. Não precisa procurar culpado em lugar nenhum. Tudo está marcado em nós. O Código Penal da Vida Futura é para ler de manhã, de tarde e antes de dormir para entendermos o que Kardec diz:

cada espírito traz em si mesmo o céu e o inferno. É isso que vem para o perispírito, que a materialização do que nós somos e que só pode ser corrigido quando o órgão adocece. Não pode ser de outra maneira.

São esses os princípios doutrinários para a compreensão da dor. Os distúrbios da alma que nos tornam doentes, na expressão da doença física mais exuberante como na expressão do mal moral. A cada um segundo as suas obras, está perfeitamente delineado nesse automatismo do perispírito. Cristo pôde dizer isso justamente, por causa do automatismo do perispírito.

Questão 117 – *Depende dos Espíritos o progredirem mais ou menos rapidamente para a perfeição?*

“Certamente. Eles a alcançam mais ou menos rápido, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa do que outra recalcitrante?”

Os espíritos respondem que é boa a comparação, aquele que progride a muitas penas se forra mas não quer dizer que caminha sem dor. Porque num determinado estágio de evolução a dor é mecanismo que alavanca o progresso da natureza espiritual.

Pergunta: Até nos animais esse processo está presente?

Márcia: Sim, com uma diferença, o animal não tem consciência de si mesmo. Isso a gente vê no *Céu e o Inferno*, a dor funciona como incentivo ao desenvolvimento da inteligência. Quando Kardec estuda isso no *Céu e o Inferno*, ele mostra a luta pela sobrevivência, a discussão se o animal sente dor, qual o papel da dor, se o animal é só instinto porque seria castigo divino. Kardec mostra a luta pela sobrevivência. Um ataca o outro se defende. Estão desenvolvendo a inteligência, a dor está participando ali nesse sentido.

Pergunta: No ser humano a eutanásia é fora de cogitação com base no ensinamento espírita. Porque é a questão moral, não sabemos até onde a pessoa tem que ir, não temos o direito de interferir no que Deus determinou...

Márcia: Não, é mais que isso. A existência corpórea é sempre oportunidade do progresso. A interrupção da existência corpórea é cortar a possibilidade do progresso para o espírito. É por isso, que suicídio e assassinio são crimes ante a lei de Deus. Qualquer circunstância na qual eu interrompo o fio da existência, eu impeço o espírito de lutar pelo seu progresso.

Vovô está com 90 anos, com câncer terminal, está no CTI, vai deixar o vovô assim até quando se o doutor já falou que não tem cura? Isso é uma outra discussão dentro do ramo da medicina que se chama bioética, vocês vão ter que estudar isso para poder discutir com as pessoas. O que vai acontecer ali? O corpo não recupera, não tem mais reação orgânica, caminha para morte sem que você vá lá interromper.

Eu tenho diagnóstico de uma doença incurável e tenho direito de dispor da minha vida e do meu corpo, de acordo com certos sistemas de legislação. Quero a assistência da medicina para acabar com a minha vida, porque não quero passar pelas etapas de sofrimento que a doença vai me trazer. No Brasil isso é contrário a lei, cadeia para o doutor. Em certos sistemas de legislação você tem essa possibilidade. Mas diante da lei de Deus não.

Um bom exemplo disso está no livro *Obreiros da Vida Eterna*, tem o caso de Cavalcante. Cavalcante está num quadro clínico de infecção generalizada, vai morrer não tem jeito, o corpo não vai reagir a mais nada. É questão de dias ou de horas. Ele começa a se desprender do corpo e vê os quadros da vida espiritual, que são interpretados pela medicina como alucinação do moribundo. O doutor dá uma injeção de anestésico e o corpo morre, mas Cavalcante espírito ainda não se desprende. Continua ligado ao corpo e pelo sistema nervoso absorveu a substância anestésica até o perispírito. Permanece como espírito sem possibilidade de reação durante várias horas por causa daquilo. É preciso saber essas gradações todas para discutir com o encontrista.

Pergunta: No caso do animal, que pode ser sacrificado porque está sofrendo, já ouvi argumentação que o animal não tem vida moral, como fica essa situação?

Márcia: Não tem vida moral. O animal tem a doença que transmite para o ser humano, você vai lá e abate o animal com raiva, sacrifica. Está evitando um mal maior. Está discutindo a

responsabilidade do homem que faz isso. É o estudo da lei de reprodução, pode o homem interferir nas espécies? Pode quando a finalidade é útil.

Pergunta: Quem tem um cachorro em casa que está sofrendo e sofre com isso...

Márcia: Tem doenças na medicina veterinária que você esgota o recurso e tem uma série de dificuldades com o animal por causa daquilo, o tratamento veterinário é abater o animal.

Pergunta: E o resultado, no caso da eutanásia dessa criatura que estava em fase terminal, vai depender única e exclusivamente dele, porque ele como espírito...

Márcia: Primeiro depende da motivação: ele pediu para o doutor ir matá-lo? Não, foi o doutor que resolver dar a medicação. Problema do doutor. O doente pediu? Problema dos dois.

Pergunta: Vai ser reencarnação completista no caso?

Márcia: Completista na literatura de André Luiz não é isso. Completista é um termo que André Luiz traz para espíritos que encarnados utilizaram todas as possibilidades da vida corporal, sempre buscando progresso, sem causar desequilíbrio do corpo. Isso é um galardão na vida espiritual.

Pergunta: Esses países que a legislação favorece isso. O cidadão daquela cultura entende que aquilo é certo e pede para desencarnar nessa situação. Mesmo assim vai ser encarado como suicida do outro lado?

Márcia: Isso quem vai resolver é o guia dele. Porque certas culturas, como a oriental, o suicídio, muitas vezes, é encarado como atitude honrosa. Os espíritos dizem que ainda é pouca a compreensão da finalidade da vida. A penalidade é proporcional ao grau de compreensão da vida espiritual, em qualquer circunstância. De qualquer forma em todas as sociedades nas quais nós admitimos que podemos interferir na duração da vida pela nossa vontade, temos como substrato disso o egoísmo, e como egoístas vamos ter que prestar um tributo a lei.

Distúrbios Orgânicos: Marcas e Predisposições

Aula dada por Tereza Rodrigues – 23/03/2006

Nós vamos falar de problemas orgânicos que decorrem das marcas e/ou predisposições do perispírito.

A base do nosso estudo está nos livros: *Porque adoecemos*, vol. 1 e 2, da Associação Médica Espírita de Minas Gerais. *O Sentido do Sofrimento*, do Milton Menezes. *Ação e Reação* – capítulo 19, *No Mundo Maior* – Cap. 8 e *Evolução em Dois Mundos* – Cap. 19, espírito André Luiz, psicografia de Chico Xavier, *Perispírito*, Zalmino Zimmermann, Ed. Centro Esp. Allan Kardec, Campinas

Sabendo que nosso estudo não inclui obsessão, gostaríamos de chamar atenção de vocês para o seguinte, vamos citar aqui doenças, vamos citar alguns casos do Milton Menezes, vamos ver um caso do *Mundo Maior*. É importante que fique na mente o seguinte, cada doença que for citada aqui não quer dizer que essa doença em todas as pessoas obedeça à descrição que está sendo feita aqui. Não podemos esquecer da programação reencarnatória de cada um. Nós vamos falar de um caso de diabetes melito 1 Não vai querer dizer que toda pessoa que se encontrar com este problema diabético está enquadrada no estudo que foi feito a respeito dessa doença.

Eu estou seguindo a conceituação que temos, tradicional, de Joanna, de Emmanuel e André Luiz, provavelmente vai haver diferença para quem conhecer outras informações. Nós vamos seguir estritamente as informações dos autores citados, que foram a base do nosso trabalho.

Vamos começar conceituando saúde e doença com uma moderna conceituação de saúde dada pela Organização Mundial de Saúde. É o conceito que mais se adapta ao que estamos vivendo. Sempre se acreditou que saúde fosse ausência de doença, mas, modernamente, os aprofundamentos sobre o assunto, levaram a OMS a criar uma definição: **saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doenças e enfermidades**. Mas é importante observar que essa definição da OMS diz que saúde é um estado **completo** de bem-estar físico, mental e social. Esse “completo” ainda não encontramos, encontramos um relativo bem-estar físico, relativo bem-estar mental e social. Mas, no fim das contas estamos em busca da qualidade de vida. Com todos os problemas que possamos estar enfrentando na saúde física, mental, emocional, na medida que conseguimos equacionar, conviver com os problemas, encontramos uma relativa qualidade de vida e isso vai dar um bem-estar.

Emmanuel no *O Consolador* nos dá a definição de saúde e nos parece uma das mais importantes conceituações de saúde e doença, até porque, livros posteriores vêm repetindo com outras palavras. Joanna também coloca isso. Foi uma das primeiras definições que tivemos a respeito do assunto e está atualíssima em qualquer situação.

Pergunta 95 – *Em face dos esforços da Medicina, como devemos considerar a saúde?*

“— Para o homem da Terra, a saúde pode significar o equilíbrio perfeito dos órgãos materiais; para o plano espiritual, todavia, a saúde é a perfeita harmonia da alma, para obtenção da qual, muitas vezes, há necessidade da contribuição preciosa das moléstias e deficiências transitórias da Terra.”

(*O Consolador* – Emmanuel – psicografia de Chico Xavier – Ed. F.E.B.)

A saúde do ponto de vista espiritual é muito mais do que um simples bem-estar físico, pode inclusive, necessitar e, na maioria das vezes necessita, da doença, da moléstia, das deficiências transitórias da carne.

Pergunta 96 – *Toda moléstia do corpo tem ascendentes espirituais?*

“— As chagas da alma se manifestam através do envoltório humano. O corpo doente reflete o panorama interior do espírito enfermo. A patogenia é um conjunto de inferioridade do aparelho psíquico.

E é ainda na alma que reside a fonte primária de todos os recursos medicamentosos definitivos. A assistência farmacêutica do mundo não pode remover as causas transcendentais do caráter mórbido dos indivíduos. O remédio eficaz está na ação do próprio espírito enfermo.

Podeis objetar que as injeções e os comprimidos suprimem a dor; todavia, o mal ressurgirá mais tarde nas células do corpo. Indagareis, aflitos, quanto às moléstias incuráveis pela ciência da Terra e eu vos direi que a reencarnação, em si mesma, nas circunstâncias do mundo envelhecido nos abusos, já representa

uma estação de tratamento e de cura e que há enfermidades dalma, tão persistentes, que podem reclamar várias estações sucessivas, com a mesma intensidade nos processos regeneradores.”

(*O Consolador* – Emmanuel – psicografia de Chico Xavier – Ed. F.E.B.)

A doença está na alma e o remédio também está na alma. Os recursos para a cura estão dentro de nós, é preciso que aprendamos a encontrá-los e trabalhá-los. É para isso que fazemos esse tipo de estudo.

Nós entendemos porque em uma encarnação o problema não se resolve. O problema é tão grande que vai precisar de um escoamento através de vários corpos físicos, de várias reencarnações. É aí que entra a Doutrina Espírita para nos explicar o sofrimento, a dor, e especificamente, que é o nosso caso, os distúrbios orgânicos das doenças. Porque enquanto não entendermos do ponto de vista das informações doutrinárias, fica muito estranho a gente achar que para ficar curado temos que adoecer, e a idéia é essa: nós adoecemos porque precisamos nos curar, precisamos curar a alma, e isso está estritamente relacionado a condição planetária.

Uma das nossas maiores situações de revolta diante das dores, das doenças e das misérias humanas em geral, é o fato de nós não estarmos plenamente conscientes da nossa situação planetária. A Terra é um mundo de expiação e provas. Nós lemos isso, decoramos isso dentro da Doutrina, mas na hora do vamos ver, da nossa aflição, da nossa doença, da doença do ente querido, parece que esquecemos isso. Como diz a Joanna no livro *Plenitude*, capítulo I: “*É inevitável a ocorrência do sofrimento na Terra e nas áreas vibratórias que circundam o planeta.*” O sofrimento está nos dois planos, é inevitável. É inevitável, porque a Terra é esse mundo de expiações e provas e está a caminho do processo regenerador. Alguns espíritos nos dizem que já estamos nesse processo. É exatamente por isso que vemos a Terra nessa situação tão angustiante. É uma situação de preparação para os novos tempos. Embora, isso seja um pouquinho difícil de aceitar, porque achamos que se estamos nos preparando para um mundo regenerador, já devia estar acontecendo muita coisa boa. E estamos vendo que parece que está acontecendo cada vez mais coisa ruim. Parece, porque na realidade não é assim. O que acontece é que estamos vivendo esse momento de preparação, é exatamente a situação angustiante social, econômica e, principalmente, estamos vivendo uma época de excessos de estímulos e abundância de recursos. Parece ter tanta miséria, mas há uma abundância de recursos, tecnológicos então nem se fala, temos tudo à nossa disposição. Informação, a cada dia tem mais, tecnologia, a cada dia tem mais. A miséria é fruto do egoísmo humano, mas a abundância de recursos está aí e, conseqüentemente, nós somos estimulados excessivamente para tudo, é só observar nossas crianças, tão pequenas, recebendo essa carga de estímulos negativos, via televisão, via meios de comunicação em geral, já perturbando a mente da criança que não está apta, não está em condições de receber esse tipo de estímulo e de informação, especificamente quanto à sexualidade, isso observamos dentro dos nossos lares mesmo.

É diante dessa situação planetária, de mudança de tempo, de ciclo, de caminho para uma coisa melhor, que nós estamos em situações limite. A maioria das pessoas vive em situações limite, e é por isso, que explodimos com muita facilidade. Estamos sempre naquela corda esticada, prontos para explodir a qualquer momento. É no trabalho, na família, dentro da casa espírita também, na rua, em qualquer lugar em que a gente esteja. Por essa situação estamos predispostos às doenças, às enfermidades e é porque necessitamos, que vamos entrar nesse processo de adoecimento, em busca da nossa própria cura.

Uma outra coisa que a doutrina nos diz: a dor não é punição. Aprendemos através do conhecimento espírita que a dor e o sofrimento não são punição. As religiões tradicionais, na nossa própria formação algum tempo atrás e até no nosso atavismo de quantas e quantas vivências informa que é um castigo. Mas a doutrina nos fala que a lei de Deus é de amor e de progresso. E principalmente, antes da doutrina, Jesus vem nos falar de Deus, da verdadeira idéia de Deus, do verdadeiro conceito de Deus, que também ainda não está devidamente interiorizada em nós. Enquanto não tivermos a idéia correta de Deus, na hora da doença ainda vamos achar que estamos sendo castigados. Por que Deus está fazendo isso comigo? É importante que reforçemos em nós e em todos aqueles que participam do Encontro, que é importante que tenhamos a idéia de Deus que nos foi passada por Jesus, o Deus Pai, de amor e misericórdia. A doutrina vem acrescentar um Pai

que estabeleceu leis e nós estamos inseridos dentro dessas leis. Se violarmos essa lei, vamos ter que retornar e corrigir o caminho. Enquanto não colocarmos isso dentro de nós vai ser difícil.

Richard Simonetti exemplifica essa idéia de Deus, que nós na realidade ainda não temos, ele deu um exemplo: o sujeito vem dirigindo, se ele fizer uma contramão vai chegar rapidinho onde ele quer chegar. Ele olha para um lado, para o outro, não vê nenhum guarda e entra na contramão. Ele virou e o guarda apitou. Ele pára o guarda vem e pergunta:

“— Você não sabia que não podia entrar ali?”

“— Sabia.”

“— E por que entrou?”

“— Porque não o vi.”

O Simonetti diz que a nossa situação é a mesma, nós conhecemos a lei, mas Deus não está ali, do nosso lado. E precisamos ter essa consciência, para entendermos que não temos um policial ao nosso lado nas condutas morais e materiais. Se sei que estou errado não posso fazer. No Brasil nós temos a cultura do jeitinho, que nos estimula sempre a procurar facilidades, esquecidos de que essas facilidades vão representar mais adiante problemas, porque são violações da lei.

A nossa meta é ter uma mente sã. Porque no momento em que a mente for saudável, o corpo também será saudável. Esse é o nosso objetivo.

Como vamos alcançar uma mente sadia? Adequações às leis de Deus. Só vamos ter uma mente sã quando nos adequarmos à lei de Deus, a lei de amor.

Quem veio nos trazer o melhor exemplo e os melhores caminhos para seguirmos a lei de amor? Jesus.

Tudo o que precisamos para alcançar esse objetivo está em nós e já nos foi oferecido. Temos tudo o que precisamos. O planeta vai mudar, vai se regenerar e nós vamos decidir se vamos continuar por aqui trabalhando na regeneração, ou se vamos encontrar um cantinho mais adequado para nós, se não nos habilitarmos a continuar aqui.

A doutrina vem trazer uma nova visão do homem através do conceito de corpo, espírito e perispírito. Porque é exatamente aqui que nós vamos ter as explicações do porquê as doenças aparecem. Porque senão seria uma decisão de Deus, um dia quer que eu fique doente, outro que eu fique saudável, seria uma decisão que não estaria mais nas minhas mãos, dependeria da divindade. Mas, a partir dessa concepção de que eu não sou só corpo, sou um ser, sou espírito. Uso esse corpo para me manifestar, para progredir, para caminhar dentro das leis de Deus. E, ainda, existe um elemento intermediário, que é o perispírito, que é o corpo que vai arquivar todas as minhas vivências.

No livro *Perispírito*, cap. III, de Zalmir Zimmermann, que é um compêndio sobre perispírito, ele coloca algumas funções do perispírito. Nós destacamos duas das funções para o nosso estudo: função individualizadora e função organizadora.

A função individualizadora é a que preserva a nossa individualidade. A memória, pensamento, o caráter. É nessa função que está todo o meu sistema de crenças e valores, como chama Milton Menezes, e eu acho essa expressão perfeita. Nosso caráter se compõe desse sistema de crenças e valores que eu acumulei ao longo das minhas vivências. Tudo o que acredito e acho certo. Todo o que eu sei que é errado e continuo fazendo. É esse sistema que me dá o meu retrato enquanto indivíduo. Isso está na minha memória, arquivado.

A outra função que vai nos interessar é a função organizadora, porque é aí que o perispírito molda e marca todas as ações positivas e negativas. A expressão que ele usa aqui é a seguinte: “a organizadora é o mecanismo que traz ao corpo físico os reflexos, os conteúdos de desequilíbrio, ou os recursos para as experiências necessárias para o progresso do espírito”. Ou seja, é aqui que começam a aparecer as marcas e/ou as predisposições que nós vamos ter na nossa vida.

Nessa função organizadora que vai moldar o nosso corpo físico, vamos encontrar as matrizes para os nossos problemas físicos. Essa divisão em marcas e predisposições é puramente didática, mas quando vamos analisar alguns casos, temos que perceber que, às vezes, tem a marca e a predisposição. Às vezes pode ser só a marca, pode ser só predisposição. Isso não é uma gaveta que abriu, trancou, acabou. É uma situação didática para estudar as marcas, o que nós trazemos guardados no nosso campo espiritual e que nos dá doença ou saúde.

Essas marcas, predisposições ou situações, isso só vai poder ser eliminado do corpo espiritual, eliminado em nós, a partir da tal mudança do nosso sistema de crenças e valores. O que entra aqui no processo de cura dessas enfermidades é a mudança de comportamento. Eu ousaria dizer que nos outros casos também. É a nossa mudança comportamental que vai estabelecer a drenagem dessas marcas que trazem a doença ao corpo físico. Enquanto nós não mudarmos isso não vai acontecer. Não vai haver o escoamento dessas energias negativas.

O Milton Menezes diz que não basta viver experiências dolorosas, porque viver experiências dolorosas todo mundo vive, é necessário mudar a estrutura do comportamento. Ficar doente todos ficamos, ficar curados é uma outra história. Porque enquanto não houver essa mudança comportamental vai continuar existindo a propensão à doença, e podemos passar encarnações e encarnações com os mesmos problemas de saúde. Porque na realidade eles continuam marcados perispiritualmente, porque não foram eliminados pela mudança comportamental. É claro que aí vai entrar o desequilíbrio.

Marcas são doenças que podem ser identificadas ao nascer. A criança já nasce com aquele problema. Essas doenças podem ocorrer num determinado momento das nossas vidas. Às vezes surge no exato momento do nascimento. Mas, às vezes, a pessoa está saudável, em um momento x da vida, é como se fosse uma bomba relógio que estivesse prontinha e na hora certa explode. Por que ela explode naquela época é teoria.

Joanna, no livro *Plenitude* diz que essas doenças são “*necessidades severas de reeducação*” (*Plenitude*, cap. III). Conceito esse que é confirmado por Emmanuel e André Luiz. Esse conhecimento não nos dá o direito de apontar a criatura que vem até nós com uma paralisia, com uma doença mental. O dever que temos é apontar os mecanismos para a cura daquele espírito, porque o corpo, provavelmente, não vai mostrar cura.

Essas doenças que eclodem em determinados momentos de nossas vidas podem ser afetadas pelos nossos desequilíbrios emocionais, por isso a gente vê que é terapia para questão comportamental. Não é porque é uma doença congênita ou uma doença que surgiu aos vinte anos e me incapacitou, porque se minha emoção não estiver equilibrada, não vou conseguir a cura. Porque se continuar me irritando, continuar magoada, revoltada não encontrarei solução. Um dos médicos que escreve em *Porque Adoecemos*, dá o exemplo de uma complicação cardíaca. Energia mental em área previamente lesada. A criatura já trazia a área cardíaca com uma lesão, já tinha um problema para expurgar. Acontece que essa energia mental desequilibrada, as emoções à flor da pele, as explosões de ódio, de raiva, isso provoca uma mudança no quadro reeducativo, que não estava programado para ser daquela forma. A pessoa ia ter um problema cardíaco que iria conseguir levar a vida toda com o remédio, com controle. Mas, tem um temperamento irascível e não consegue se controlar. Deposita naquela área energia negativa e o que não era para ser um problema grave de coração, vai ser e pode levar ao desencarne, que não era exatamente para acontecer naquele momento. Toda a nossa parte emocional vai agir nesse campo, que nós já trazemos, de uma certa forma, com energias desequilibradas.

Vou citar algumas doenças, mas é aquela história, não tenho a menor familiaridade com a área médica. A bibliografia citada indica como as marcas mais fortes no perispírito, as psicóticas, o traumatismo craniano encefálico ou por alteração no sistema nervoso central, não havendo imprevidência ou conduta irresponsável. Se eu não fiz nada de errado, então, era alguma coisa que já estava impressa no meu perispírito e precisava escoar daquela maneira, e que pode atingir áreas mais ou menos incapacitantes.

Outros tipos de psicose citadas são: psicose neurótica e psiconeurótica que seriam as marcas mais violentas, deficiência mental em geral e a psicose senil, a chamada demência do idoso. Um exemplo: o paciente que está com essa demência senil, se ele teve um comportamento exemplar com realizações em benefício do próximo, e agora está nessa situação. Pode ser um débito cármico naquela área mental, precisava escoar aquilo. É um escoamento final, é um fim de débito.

Agora, a criatura que foi irascível a vida inteira, que aprontou a vida inteira, a gente diz que quando fica velho fica pior, mas é um comportamento que já existia, mas em outros casos pode ser o escoamento final daquelas energias.

Segundo Milton Menezes as predisposições vão depender muito mais da conduta do indivíduo ao longo da existência. São desencadeadas a partir de um determinado evento na vida da pessoa, num determinado período da vida da pessoa e necessitam mais do que nunca uma mudança de comportamento, para que não ecloda e se eclodir seja contornada com facilidade.

Num determinado momento da minha vida, por conta de um desequilíbrio emocional, eu que já tinha problema de coluna, fiquei no meu estado atual. Eu tinha um problema de coluna perfeitamente controlado, mas no momento do desequilíbrio fiquei inclusive, incapacitada de sair de casa, com síndrome de pânico, porque veio tudo junto. Eu tinha a predisposição, tinha a coluna complicada, mas isso não queria dizer que iria chegar ao ponto que cheguei. Agora tenho que dar conta até o final.

O Milton Menezes transcreve um caso de diabete, no livro *O Sentido do Sofrimento*, capítulo 6, página 108. Esse caso completo está no livro *Saúde e Espiritismo*, da Associação Médica Espírita do Brasil. O Milton faz o resumo da seguinte maneira: um dos grandes problemas dos pacientes com este tipo de diabete é a resistência ao tratamento, porque é limitador, impõe disciplina. Normalmente o paciente que tem essa doença é um indisciplinado. E o Dr. Júpiter Silveira, de Londrina, Paraná, analisando um grupo de pacientes concluiu que a maioria era de jovens inteligentes, muito sensíveis e extremamente indisciplinados. Esse médico teve que conscientizá-los da realidade da vida. Somos espíritos, temos um corpo, temos um perispírito, não fomos criados para sofrer. Ele teve que fazer um trabalho de conscientização da realidade espiritual, porque eles eram jovens e não aceitavam. Quando eles se conscientizaram da realidade da vida, o grau de aproveitamento, de melhora no tratamento, de menor dosagem de insulina foi excelente. E ele criou a frase: “Se você se disciplinar, você vence o diabetes. Do contrário o diabetes vence você.” Ele acompanhou mais de trezentos casos e com essa conscientização ele conseguiu das pessoas uma mudança de comportamento, uma mudança no sistema de valores desses jovens atingidos por essa doença.

Um caso de doença auto-imune, no mesmo cap. do livro do Milton Menezes. É o caso de um jovem que foi atacado por uma doença que degenerava os tecidos nervosos, músculos, levando a grandes episódios de dor, perda de funções vitais, por distrofia muscular e enrijecimento das articulações e ainda processo alérgico decorrente da medicação.

Ele era muito ansioso por conta da crise, das dores, tinha que tomar remédio para ansiedade e piorava da doença. Passou a se revoltar com o tratamento, porque ele não reduzia as dores. Na terapia de regressão de memória, conversando com o terapeuta, que no caso era o próprio Milton, começou a relacionar os episódios de grandes crises com os períodos que passava por contrariedades ou momentos de tensão. Quanto mais contrariado nas suas vontades e quanto mais tenso aumentavam as crises dolorosas, aumentava a necessidade do remédio para a ansiedade e ele cada vez ficava pior. No processo de regressão veio a descobrir que o que caracterizava a sua personalidade era a agressividade e a violência. Ele tinha passado “n” encarnações exercitando o poder, a autoridade e a violência. Compreendendo que o problema era a agressividade, por isso ele ficava contrariado e aborrecido com nada que não fosse a sua vontade, pôde perceber o quanto a agressividade contribuía para o aumento da doença que tinha. No momento em que percebeu e passou a disciplinar seu comportamento, o que vai acontecer? Quanto mais se conscientizava, mais distantes as crises e a deteriorização pela miopatia. As crises foram diminuindo e quando ocorriam ele tinha plena consciência do motivo que causava a situação. Processo de mudança comportamental. É um processo de autoconhecimento.

Como saber se é marca ou predisposição? No caso do diabetes melito, predisposição E a miopatia era uma predisposição ou marca cármica? Cármica. Ele podia minorar as crises, dependia dele, mas na organização perispiritual estava lá aquela doença, era uma necessidade. Como diz Joanna: “severas necessidades de reeducação”.

Intervenção: Talvez pudesse substituir a palavra marca por condições determinantes e a predisposição por condições predisponíveis. Porque a determinante não importa a sua conduta o fato vai ocorrer. A predisposição vai depender da conduta. Se tiver a conduta exigida pela lei, aquela predisposição nem vai se manifestar, vai desaparecer e na próxima encarnação nem vai existir.

No livro *Evolução em Dois Mundos*, Segunda Parte, capítulo 19, Predisposições Mórbidas André Luiz diz:

— *Como apreendermos a existência das predisposições mórbidas do corpo espiritual?*

— Não podemos olvidar que a imprudência e o ócio se responsabilizam por múltiplas enfermidades, como sejam os desastres circulatórios provenientes da gula, as infecções tomadas à carência de higiene, os desequilíbrios nervosos nascidos da toxicomania e a exaustão decorrente de excessos vários.

De modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas.

A recordação dessa ou daquela falta grave, mormente daquelas que jazem recalçadas no espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem por válvulas de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anômalo que podemos classificar de “zona de remorso”, em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo fisiopsicossomático ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria.

Estabelecida a idéia fixa sobre esse «nódulo de forças mentais desequilibradas», é indispensável que acontecimentos reparadores se nos contraponham ao modo enfermiço de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo, ou exatamente redimidos perante a Lei.

Essas enquistações de energias profundas, no imo de nossa alma, expressando as chamadas dividas cármicas, por se filiarem a causas infelizes que nós mesmos plasmamos na senda do destino, são perfeitamente transferíveis de uma existência para outra. Isso porque, se nos comprometemos diante da Lei Divina em qualquer idade da nossa vida responsável, é lógico venhamos a resgatar as nossas obrigações em qualquer tempo, dentro das mesmas circunstâncias nas quais patrocinamos a ofensa em prejuízo dos outros.

É assim que o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade, entendendo-se, ainda, que essas desarmonias são, algumas vezes, singularmente agravadas pelo assédio vindicativo dos seres a quem ferimos, quando imanizados a nós em processos de obsessão. Todavia, ainda mesmo quando sejamos perdoados pelas vítimas de nossa insânia, detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo de calma piscina, e que, um dia, virão à tona de nossa existência, para a necessária expulsão, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene moral.

— Como pode o débil mental comandar a renovação celular do seu corpo físico?

— Não era lícito esquecer que, mesmo conturbada, a consciência está presente nos débeis mentais ou nos doentes nervosos de toda espécie, presidindo, ainda que de modo impreciso e imperfeito, o automatismo dos processos orgânicos.

(*Evolução em Dois Mundos* – André Luiz – psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira – Ed. F.E.B.)

Intervenção: Conversando com o Altivo na Mallet sobre as estatísticas elevadas de tumorações que tem ocorrido ultimamente e ele diz que o Dr. Hermann explicou que eram espíritos da 1ª Guerra Mundial reencarnados e a vivência de trincheira, o medo, o pavor, aquela situação de extrema angústia criaram enquistamentos espirituais e que eles estavam expurgando em forma de tumores.

No caso das infecções: o contágio é possível quando existe o elemento fundamental, energético nas próprias criaturas. O germe infectante só prolifera quando no organismo se estabelece o terreno propício para eclosão da enfermidade. Os fatores imunológicos são enfraquecidos pelo mau humor, pessimismo, ódio, ciúme, viciações de qualquer natureza. Nós é que minamos o terreno (*Porque adoecemos* – vol. II, p. 93/94).

Uso de drogas, mesmo por pouco tempo, e quando falo de uso de drogas, falo cigarro, álcool de tudo. A pessoa faz, durante um pequeno tempo, uso de alguma droga e depois abandona. Mais tarde ela vem a ter um problema. A raiz está lá, porque ela não poderia ter se entregue àquele vício, ela veio para resistir. Entregou-se, já havia uma área vulnerável, então vem o problema. “Ah! Só usei um ano, tem pessoas que usam 20, 30 anos e não tem nada.” Essas outras pessoas não tem essa predisposição, ainda, na próxima vem lesados, vem com a marca, vão ter que expurgar com uma doença grave.

As frustrações amorosas, frustrações do trabalho, frustrações em geral, também podem causar... Por que estamos vendo tantas depressões, tanta síndrome do pânico aparecendo por aí, transtorno obsessivo-compulsivo, tudo isso está mais ou menos ligado ao lado emocional. “Eu queria, não consigo, estou frustrada.” Fica remoendo, remoendo, e toda a emoção violenta marca,

não precisa trazer marca nenhuma, está marcando agora. Mas, se já venho vulnerável, porque na minha outra encarnação perdi tudo o que queria, tudo o que achava que era meu e de repente deixou de ser, e agora perco de novo, então o terreno já está lá preparadinho. A perda de entes queridos, as perdas materiais que as pessoas não conseguem superar.

Além dos nossos desequilíbrios emocionais temos algumas coisas que podem agravar as nossas predisposições. Por ex. tensões e experiências traumáticas; o nosso dia-a-dia, medo de assalto, medo da violência em geral, medo de sair de casa, isso desequilibra, é a emoção violenta atingindo nosso corpo espiritual.

No livro *Pensamento e Vida*, capítulo 28, Emmanuel fala das doenças mais graves, de difícil cura, ele fala do nosso dia-a-dia. “*Na maioria esmagadora decorre dos reflexos inseridos na mente sobre o veículo de nossas manifestações, nosso corpo, operando desajustes. Toda emoção violenta é como uma martelada forte sobre a engrenagem de uma máquina sensível. Minha máquina física já é sensível se eu tenho os erros do passado mais sensível ela é ainda. “Toda aflição animalhada é como ferrugem destruidora, prejudicando-lhe o funcionamento.”*”, – “animalhada”, de mimo, paparicada. Tivemos um problema, uma aflição, falamos, falamos, sofremos, viramos coitadinhos e ficamos mimando aquela aflição, depois reclamamos que estamos com enxaqueca, com um monte de coisas. O desabafo é muito importante, chegar perto de um amigo e desabafar é ótimo, faz bem, libera aquela energia, o que não pode é cultivar e nós cultivamos. Quem cultiva mais? Os meios de comunicação. Acontece uma tragédia ouve-se aquilo de manhã, de tarde, de noite. Comenta-se no trabalho, aquilo é cultivado, até aparecer uma desgraça pior do que aquela. Tudo isso afeta o nosso organismo. Se fossemos espíritos evoluídos, absorveríamos muito bem essas pancadas. Mas o nosso perispírito já está suficientemente lesado, amarrado por tanta coisa errada, que é mais uma martelada, é mais uma ação negativa no nosso perispírito.

Uma outra influencia, a psicoambiental. O espírita pode ir a qualquer lugar? Poder pode. *Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém (PAULO)*. Eu tenho certeza que vou estar lá no meio da fofoca, no meio da bebida, do desregramento e vou conseguir me manter íntegra? Se eu não tenho afinidade com aquilo para que vou lá? Eu vou, vão contar uma piada daquelas escabrosas, vou acabar rindo, nem que seja para não me sentir deslocada. Eu posso ir a qualquer lugar, mas preciso ver se vai me acrescentar alguma coisa ou se vou me expor a riscos. Quem tem tarefa precisa ter muito cuidado com isso, porque num ambiente como esse ficamos mais doentes do que já estávamos. Ou talvez com alguma coisa que não era para acontecer e nós acabamos agasalhando aquela forma pensamento, que vai nos acompanhar durante um certo tempo e vai fazer um pequeno estrago mental refletindo-se em problemas físicos.

Na doença e na saúde não há separação entre pensamento, emoção e ação, e isso explica diferentes reações e gravidade variável do mesmo tipo de doença em diferentes pessoas. Quem é da área sabe. A mesma doença pode ser mais grave num e noutro não. Porque tudo está ligado ao nosso pensamento, nossa emoção e a nossa ação. A maneira como nos conduzimos, ou seja, nosso comportamento.

No livro *Ação e Reação*, capítulo 19, Sanções e auxílios, tem um caso muito interessante, que fala dessas doenças mais graves.

“Não nos reportamos aqui às medidas de natureza moral, pelas quais enfrentamos, compreensivelmente, na família consanguínea ou na intimidade da luta, a reaproximação com os Espíritos de que sejamos devedores de paciência e ternura, tolerância e sacrifício, na solução de certas dívidas que nos obscurecem a senda, mas sim a providências retificantes, depois de muitas quedas reiteradas nos mesmos deslizos e deserções, que imploramos em favor de nós e em nós mesmos, quais sejam as deficiências congeniais com que ressurgimos no berço físico. Aqueles que por vezes diversas perderam vastas oportunidades de trabalho na Terra, pela ingestão sistemática de elementos corrosivos, como sejam o álcool e outros venenos das forças orgânicas, tanto quanto os inveterados cultores da gula, quase sempre atravessam as águas da morte como suicidas indiretos e, despertando para a obra de reajuste que lhes é indispensável, imploram o regresso à carne em corpos desde a infância inclinados à estenose do piloro, à ulceração gástrica, ao desequilíbrio do pâncreas, à colite e às múltiplas enfermidades do intestino que lhes impõem torturas sistemáticas, embora suportáveis, no decurso da existência inteira. Inteligências notáveis, com sucessivas quedas morais, através da leviandade com que se utilizaram do esporte e da dança, espalhando desespero e infortúnio nos corações afetuosos e sensíveis, pedem formas orgânicas ameaçadas de paralisia e reumatismo,

visitadas de açaques e neoplasmas diversos, que lhes obstem os movimentos demasiado livres. Companheiros que, em muitas circunstâncias, se deixaram envenenar pelos olhos e pelos ouvidos, comprometendo-se em vasta rede de criminalidade. através da calúnia e da maledicência, imploram veículos fisiológicos castigados por deficiências auditivas e visuais que lhes impeçam recidivas desastrosas. Intelectuais e artistas que despedem sagrados recursos do espírito na perversão dos sentimentos humanos, por intermédio da criação de imagens menos dignas, rogam aparelhos cerebrais com inibições graves e dolorosas para que, nas reflexões de temporário ostracismo, possam desenvolver as esquecidas qualidades do coração. Homens e mulheres que abusaram de dotes físicos, manobrando a beleza e a perfeição das formas para disseminar a loucura e o sofrimento naqueles que lhes admitiam as falsas promessas, solicitam corpos vulneráveis às dermatoses aflitivas, quais o eczema e a tumoração cutânea, ou portadores; de alterações da tireóide que os constroem a reiteradas lutas educativas.. Grandes faladores que escarneceram da divina missão do verbo, conturbando multidões ou enlouquecendo almas desprevenidas, suplicam doenças das cordas vocais, para que, atravessando afonias periódicas, desistam de tumultuar os espíritos por intermédio da palavra brilhante. E milhares de pessoas que transformaram o santuário do sexo numa forja de perturbações para a vida alheia, arruinando lares e infelicitando consciências, imploram equipamentos físicos atormentados por lesões importantes no campo genésico, experimentando, desde a puberdade, inquietantes desequilíbrios ovarianos e testiculares. A cegueira, a mudez, a idiotia, a surdez, a paralisia, o câncer, a lepra, a epilepsia, o diabete, o pênfigo, a loucura e todo o conjunto das moléstias. dificilmente curáveis significam sanções instituídas pela Misericórdia Divina, portas a dentro da Justiça Universal, atendendo-nos aos próprios rogos, para que não venhamos a perder as bênçãos eternas do espírito a troco de lamentáveis ilusões humanas.

— Mas, existem institutos especiais que providenciem, por exemplo, as irregularidades orgânicas pedidas para a reencarnação? — perguntou meu colega, intrigado.

O interlocutor generoso sorriu, significativamente, e acentuou:

— Sim, Hilário, a Bondade do Senhor é infinita e permite-nos a graça de suplicar os impedimentos a que nos referimos, porque o reconhecimento de nossas fraquezas e transgressões nos faz imenso bem ao espírito endividado. A humildade, em qualquer situação, acende luz em nossas almas, gerando, em torno de nós, abençoados recursos de simpatia fraterna. Entretanto, ainda mesmo que não pedíssemos a aplicação das penas de que necessitamos, nossa posição não se modificaria, porquanto a prática do mal opera lesões imediatas em nossa consciência, que, entrando em condição desarmônica, desajusta, ela própria, os centros de força em que se mantém. Desse modo, os nossos institutos de trabalho para a reencarnação colaboram para que todos venhamos a receber na ribalta terrestre a vestimenta carnal merecida.”

(*Ação e Reação* – André Luiz – psicografia de Chico Xavier – Ed. F.E.B.)

No livro *No Mundo Maior*, capítulo 8, No Santuário da Alma, tem o caso do Marcelo, que foi um espírito que caiu muito, por mando e poder. O caso é riquíssimo para estudo da mente, do cérebro. Ao desencarnar ele foi presa dos inimigos, sofreu muito, foi seviciado perispiritualmente, caiu nas garras de todos os que estavam esperando para cobrar. Depois ele se arrependeu, reencarnou, começou seu processo de reparação. Nessa última encarnação está numa família espírita, se dedicando a um processo de reforma moral, mas desde os 14 anos tem epilepsia. Com a dedicação ao trabalho espírita e o estudo, as crises foram se espaçando. Calderaro e André Luiz estão observando a reunião familiar e vendo o quanto o rapaz está progredindo. Observam que o ambiente não tem interferência espiritual negativa. As crises não são detonadas por processo obsessivo. Acabou a reunião e Calderaro e André Luiz observam que se aproximam dois inimigos do passado, dois daqueles que haviam torturado o rapaz no plano espiritual. Ele não tem sintonia com eles, a simples aproximação detona na mente as lembranças do quanto ele sofreu nas mãos dos perseguidores, enquanto esteve nas regiões umbralinas. Ele sai desabalado para o corpo, e vem a crise epiléptica. As crises que ele tem são fruto das lembranças, da culpa que ele ainda carrega, as marcas da culpa que ele traz. A simples aproximação, sem que haja ligação com aqueles companheiros, como ele ainda não conseguiu se libertar do processo de culpa, detona a crise de epilepsia.

A terapêutica para todos os problemas de saúde, especificamente no campo físico, exigem de nós mudança de comportamento, conhecimento das leis de Deus e seguir, interiorizar esse conhecimento. Não podemos prescindir de uma terapêutica específica que é do grande médico de todos nós. O recado que Ele deu foi: “Vai e não tornes a pecar.” A terapêutica é do amor, do perdão, benevolência, solidariedade, processo de autoconhecimento, autoperdão, não no sentido

desculpismo, que não tem mérito nenhum. O processo de autoperdão tem que ser um processo de trabalho interior, para modificação. A terapêutica está em Jesus, nos exemplos de amor, no perdão, na caridade, porque é preciso dar, estar no lugar do outro para conseguir entender o que ele sente. E principalmente, não tornar a pecar, porque senão nossos problemas vão continuar seguindo encarnações a fora até que nos libertemos.

Doenças da Alma com Reflexos no Corpo Físico – Obsessão

Aula dada por Deuza Nogueira em 13/04/2006

Nós vamos trabalhar hoje esse importante tema, muito importante mesmo, que é o tema da obsessão. A obsessão sendo considerada uma doença da alma. Segundo Emmanuel, a obsessão graça no planeta mais do que o câncer. É algo muito sério, porque estamos distraídos acerca desta questão, desta possibilidade.

Vamos começar com a definição de obsessão e vamos trabalhar com o *Livro dos Médiuns*, porque é obra básica. Sabemos que uma porção de gente fala uma porção de coisas, eu acho que está faltando esse cuidado de nós, os estudantes espíritas, percebermos que o que o espírito escreve é uma opinião dele sobre o assunto. Agora quando se fala em codificação, a codificação tem um caráter que nenhum médium conseguiu juntar, que é o da universalidade. Quase sempre os médiuns traduzem a opinião do espírito sobre um tema. Na codificação Kardec juntou a opinião de vários espíritos em pontos diferentes e por médiuns diferentes para o mesmo tema e formou o conceito. Isso tem um peso incomparável, mais do que qualquer uma opinião particular.

Capítulo XXIII do *Livro dos Médiuns*, item 237:

237 – Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a *obsessão*, isto é, o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.

A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.

(O *Livro dos Médiuns* – Allan Kardec – Cap. XXIII – item 237 – Ed. F.E.B.)

Ela usa uma palavra chave, que é a palavra domínio. “Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem.” Aquele negócio de obsessão para o bem, isso é coisa da nossa cabeça. “Sou compulsivo por trabalho, os bons espíritos estão me pressionando a trabalhar sem parar”. Bom espírito não vai constranger ninguém a isso, nem vai causar estado compulsivo em ninguém. Só espírito inferior se impõe.

Aí já começamos a ter um padrão para analisar as circunstâncias, dentro do contato com a espiritualidade. O superior, por ter ascendência moral, aconselha, sugere, mas se o Fulano não quiser ele não se impõe. Porque o superior não tem a inquietação que nós temos. Nós queremos tudo para ontem, porque nossa visão é materialista. Mesmo tendo a doutrina na cabeça, mas na alma todos nós vivemos no materialismo.

O bom espírito sabe que vai dar certo. Os bons espíritos tentam, como o bom pai, reduzir o sacrifício desnecessário, mas nós, muitas vezes, queremos. Se queremos e vamos por aquele caminho, no final vai dar certo, porque Deus não criou nada que não fosse para dar certo.

O que caracteriza a obsessão é esse domínio. É a palavra chave que procurei pegar em cada questão. É domínio que está ligado à exclusividade.

Temos três tipos de obsessão: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

Obsessão simples:

238 – Dá-se a obsessão simples, quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados.

Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium

reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados.

Podem incluir-se nesta categoria os casos de *obsessão física*, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos. Pelo que concerne a este fenômeno, consulte-se o capítulo *Das manifestações físicas espontâneas*. (N. 82.)

(*O Livro dos Médiuns* – Allan Kardec – Cap. XXIII – item 238 – Ed. F.E.B.)

Na obsessão simples notamos que: “*o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso*” e porque Kardec fala médium? Porque médium é todo aquele que sofre a influência dos espíritos. Então, todo obsidiado vai ser um médium. Embora, nem todo médium seja obsidiado. O médium sabe que está acontecendo alguma coisa estranha com ele, mas ele não consegue se ver livre ou equacionar aquela questão.

A obsessão simples vai se caracterizar por uma inconveniência. É aquele pensamento esquisito na nossa cabeça. “Eu não sou disso, porque estou com vontade?”. A criatura percebe. O espírito, na obsessão simples, não disfarça suas intenções, é até um tanto quanto ingênuo e o médium percebe aquilo.

Fascinação:

239 – A fascinação tem conseqüências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que muito mais graves são as conseqüências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas. Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa. Para chegar a tais fins, preciso é que o Espírito seja destro, ardiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos – caridade, humildade, amor de Deus – lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o *fascinado* é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que vêem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter razão sempre.

(*O Livro dos Médiuns* – Allan Kardec – Cap. XXIII – item 239 – Ed. F.E.B.)

Na fascinação vamos ter uma outra palavra, é a questão da ilusão. A ilusão é pior que a inconveniência. Porque quando alguma coisa está me incomodando eu procuro resolver. Mas na ilusão não, todo mundo pode achar o contrário, que eu vou achar que está tudo bem. Porque o espírito fascinador é inteligente, tem astúcia e sabe dissimular. Ele observa o médium. Porque para haver um domínio tem que haver um território. E aqui, no caso, é o território espiritual. O fascinador estuda o território, os hábitos das pessoas, ele se disfarça e aproveita a vaidade da criatura, “eu sou o seu mentor”.

A “síndrome do guia”: algum dia alguém viu Jesus falando com o guia? Nunca, nem os discípulos. Com certeza naquele momento de Jesus aqui no planeta, toda uma cúpula espiritual estava também, não há dúvida. A Kardec, depois de muito tempo, se apresenta um espírito que dá o nome de Verdade. Isso é nome de alguém? E ficou por isso mesmo. Léon Denis trabalhou mais de 10 anos e não tinha. Tempos depois, é que ele vai saber de Joana D’arc, de Jerônimo de Praga, tempos depois, quando aquilo não tinha nem tanta importância para ele.

Divaldo naquela posição mediúnica e todo mundo perguntando quem é o guia. Um espírito chega e diz um nome: Joanna. E Divaldo responde: só isso. E ficou nisso mesmo. Tempos depois é que Joanna se apresenta dizendo quem era. Mas àquela altura já tinha sofrido tanta discriminação, que o nome já não importava mais.

Um dos mecanismos da fascinação é o isolamento do médium. O médium começa a não sentir muita vontade de ir à casa espírita. O fascinador vai começar assim: “Fulana você tem uma tarefa de relevância, é de benefício para a humanidade e lá, no centro, a coisa é devagar, não acompanha. Vou começar a dar uma orientação para você.” Ele vai usar o nome de Deus, de Jesus e vou pensar que tenho um mentor que está me orientando. E ele continua: “Sua missão vai ter muitos espinhos. Vai vir Fulano de camisa listrada para falar para você coisas assim, assim, assim.” Um dia chega o Fulano, de camisa listrada e diz: “Fulana toma cuidado, esse caminho do isolamento é muito difícil, tem espíritos enganadores.” Quando ele falar eu vou lembrar: bem que meu guia me avisou.

A fascinação é essa ilusão e, por incrível que pareça, é o caminho mas difícil. Porque em qualquer terapia temos que querer sair e nesse daqui quem é que vai querer sair do seu patamar de vaidade, de orgulho? Ainda mais em coisas que vão dar notoriedade, em que a pessoa vai se destacar da multidão.

A subjugação:

240 – A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era; porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente.

(O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – Cap. XXIII – item 240 – Ed. F.E.B.)

Vem a subjugação, e eu escolhi a palavra impotência. Porque a vontade vai estar bloqueada pela intervenção desse espírito.

Alguém pode falar: então está errado. Porque todo mundo é médium, todo mundo é sensível, será que vamos ficar à mercê dos espíritos fazerem o que quiserem com a gente? Eu estou muito vulnerável? É uma questão que vem à nossa cabeça.

Vamos voltar a questão do domínio, à questão do território. Se a obsessão tem como uma característica a idéia fixa, qualquer coisa para se fixar vai ter que ter uma base, um solo. O espírito só vai chegar e parar se ele tiver um lugar, e que solo é esse? É a nossa bagagem. Pensamentos, sentimentos e ações. É isso que a gente carrega e se organiza na nossa estrutura, que podemos ocultar de todo mundo, posso falar manso, dar um riso sem vontade, ter uma atitude cortês, mas a vibração não se engana. Por isso que dizemos: não sei o que é, parece que tem uma coisa esquisita em fulano, me trata bem, com educação, mas tem uma coisa. Porque nós vibramos o que somos, e é essa exteriorização do perispírito, porque o perispírito é o organismo responsável pela sensibilidade, então é nessa expansão que atrairemos tudo de acordo.

O que vai caracterizar a obsessão vai ser uma permanência. No nosso dia-a-dia de encarnado (e desencarnado também, porque ele passa por esses altos e baixos), não podemos fazer essa separação, não. Tudo que vai nos emocionar e impressionar vai dar uma oscilação vibratória. Essa oscilação de uma hora tenho raiva, outra tento me elevar. Na hora que fico com raiva posso atrair

alguém raivoso, mas isso não quer dizer que seja uma obsessão, é um processo de atração natural, que vai gerar um inconveniente desconforto, mas mudo meu pensamento e passa.

Na obsessão há uma permanência de determinados elementos do meu campo vibratório que sustenta o obsessor. E André Luiz, diz no livro *Evolução em Dois Mundos*, que vai haver uma simbiose, nós fornecemos alimentos para ele e ele para nós.

Houve um caso de processo obsessivo sério tratado pela casa, mas bem lentamente. A pessoa, médium da casa, não entendia o porquê da lentidão. Um dia alguém do local de trabalho da pessoa chegou e disse que aquela questão, na umbanda, se resolvia rapidamente. A pessoa foi e, quando chegou lá um espírito incorporado no médium disse: “Se esse espírito for retirado a criatura não vai agüentar não, pode morrer. Porque está muito entranhado.” A pessoa falou: “Eu pago o preço, porque o sofrimento é demasiado.” Conclusão: foi feita a desobsessão, a pessoa durou uma semana. Foi definhando e desencarnou em uma semana. Porque havia uma realimentação.

A obsessão é a nível psíquico, mas tudo que é a nível psíquico vai ter um reflexo no corpo físico. O organismo daquele companheiro já não tinha o funcionamento próprio dele, como espírito, já havia uma interferência, uma adaptação. Como quando se coloca um marca-passo, um aparelho qualquer, um corpo estranho: o organismo rejeita ou se adapta. Cria um funcionamento compatível com aquele corpo estranho que está ali. Assim é a obsessão, vai havendo um entrelaçamento fluídico tão grande, que o afastamento é difícil. Daí Chico Xavier falar judiciosamente: “Não cessamos o afastamento do obsessor, evangelizemo-nos juntos.” Vejam a beleza. É bom para ele e para mim também. Eu vou mudar isso aqui e vamos continuar como parceiros. Muitas vezes aquele obsessor vira um companheiro espiritual nas tarefas mais simples que o médium faz.

Pergunta: No caso dessa pessoa que não pode ter o obsessor retirado, porque acaba desencarnando. Há uma soma do espírito comandando o corpo? O comando de certas partes do corpo faz necessária a presença do espírito obsessor?

Deuza: Com certeza.

A pessoa que chega no centro e diz que está se sentindo mal, enfraquecida, porque muitas vezes o espírito fica lá fora, não entra. A comunhão psíquica é tão importante, que ela começa a sentir falta de alguma coisa e não sabe o quê, e vem a sensação de fraqueza, de desmaio, de abandono. A espiritualidade deixa ele entrar, começa a fazer um socorro em conjunto, é mais lento, é um tratamento.

A gente tem a questão do isolamento, que está dentro do sentimento da vaidade. Paulo de Tarso já falava: “Confessemos-nos uns aos outros.” No momento em que eu sento e converso sobre a minha dificuldade com alguém, além de estar trabalhando a humildade, que é a exposição, eu estou conquistando amigos, que vão vibrar comigo e não são só os amigos encarnados. Só que, quando se está no problema bloqueamos, o espírito não consegue penetrar, mas através do outro a ajuda vai sendo dada.

O isolamento não é estar longe das pessoas, é estar alheado das pessoas. Eu posso estar aqui com todo mundo e dentro da minha cabeça vibratoriamente, eu não estou trocando vibração. Quem será esse companheiro dentro do trabalho? Ele forma um quisto. Mesmo que dentro, do trabalho, não perceba, mas ele é um ponto nevrálgico dentro do trabalho. É só perceber: se ele faltar as coisas vão muito melhor. Como pode, tem menos um e foi melhor? Porque ele não soma, não compartilha. Ele pode estar na casa espírita junto a todo mundo, até, mecanicamente, executando uma tarefa, mas está isolado. É mais fácil para o espírito fascinador agir assim. Porque se a pessoa sumir, automaticamente vão procurar, começar a orar e vão mandar os espíritos que vão “atrapalhar” o processo obsessivo. Então, ele estando ali é mais fácil de ser monitorado.

O fascinador tem inteligência, astúcia e daqui a pouco vão se juntar outros que pensam da mesma forma. A questão de Hitler, ele não foi sozinho, mas quantos foram se associando àquela mesma idéia? E quando eu estou com uma idéia e as pessoas dizem: “você é bom”, eu vou me sentindo bem e começo a achar, pela vaidade, que os outros é que não estão em condição de entender a minha superioridade. É uma inversão dentro do papel.

Pergunta: No caso do espírito obsessor que chega no trabalho mediúnico e diz que há necessidade de colocar a sua dificuldade, também é a mesma situação?

Deusa: É a terapia deles.

Enquanto eu estou com a minha cabeça culpada eu não consigo ficar com a cabeça ocupada. Porque a culpa me leva à sensação de impotência. Eu abduco da condição de filho de Deus, eu acho que não presto para nada, nada que eu faço dá certo. Isso faz com que eu sinalize para o outro: “Meu terreno está livre, preciso ser comandado. Eu não tenho condição de me comandar. Porque quando me comando não dá certo.” Eu sinalizo para o outro.

A culpa é o outro mecanismo. Temos que conviver muito, mas muito mesmo. Ouvir as pessoas para vermos que tem gente que guarda culpa por uma coisa boba. Já tive conversa fraterna de pessoa que sentia culpa porque, quando vem para o centro não consegue lavar a louça do jantar. A pessoa está transtornada. Quem está de fora acha uma coisa absurda, mas não é não. Por que esse mecanismo de culpa foi aumentando para a pessoa ficar transtornada? Para tirá-la da casa.

Na mocidade espírita, eu conheci um centro que trabalhava com voluntariado. Eu, jovem, me propus a trabalhar no artesanato. A Biju era para mim um modelo, porque ela possuía uma casa grande, organizada. Ela era voluntária, tesoureira, responsável pela livraria, era esforçada e alegre. O tempo passou e perdemos o contato. Um dia fui falar numa casa espírita e no que eu estou passando encontrei com a Biju. Ela me contou sua história. Vejam a infiltração da obsessão na saúde espiritual. O marido não era espírita, tinham dois filhos. Um dia, quando passaram para chamá-la para reunião mediúnica, ela estava lavando a calçada e como não ia dar tempo, não foi. No outro dia ela não foi novamente e teve duas faltas no mês. A casa era muito severa e ela ficou sentada na assistência. Aquilo, na cabeça dela foi dando desânimo e não foi mais na reunião mediúnica, continuando nas outras tarefas. Ela foi perdendo as tarefas todas. E hoje ela está numa luta que já dura 5 anos, para se recuperar do processo obsessivo. Depois de 20 anos ininterruptos na casa espírita. É um exemplo clássico do cuidado que se deve ter. E como é que a espiritualidade nos observa para pegar o ponto fraco que temos que admitir ter. Porque se eu converso, reconheço o ponto fraco. Mas se não admito, não estou tomando conta, mas alguém vai tomar.

No livro *Nosso Lar*, de André Luiz, capítulo 31, “Vampiro”.

“ ...

— Esta mulher, por enquanto, não pode receber nosso socorro. Trata-se de um dos mais fortes vampiros que tenho visto até hoje. É preciso entregá-la à própria sorte.

... O Irmão Paulo, com a paciência dos que sabem esclarecer com amor, explicou:

— Esses pontos escuros representam cinquenta e oito crianças assassinadas ao nascerem. Em cada mancha vejo a imagem mental de uma criancinha aniquilada, umas por golpes esmagadores, outras por asfixia. Essa desventurada criatura foi profissional de ginecologia. A pretexto de aliviar consciências alheias, entregava-se a crimes nefandos, explorando a infelicidade de jovens inexperientes. A situação dela é pior que a dos suicidas e homicidas, que, por vezes, apresentam atenuantes de vulto.

....

— Que deseja a irmã, do nosso concurso fraterno?

— Socorro! Socorro! Socorro!... — respondeu lacrimosa.

— Mas minha amiga — ponderou acertadamente —, é preciso sabermos aceitar o sofrimento retificador. Por que razão tantas vezes cortou a vida a entezinhos frágeis, que iam à luta com a permissão de Deus?

Ouvindo-o, inquieta, ela exibiu terrível carantonha de ódio e bradou:

— Quem me atribui essa infâmia? Minha consciência está tranqüila, canalha!... Empreguei a existência auxiliando a maternidade na Terra. Fui caridosa e crente, boa e pura...

...

É imprescindível tomar cuidado com as boas ou más aparências. Naturalmente, a infeliz será atendida alhures pela Bondade Divina, mas, por princípios de caridade legítima, na posição em que me encontro, não lhe poderia abrir nossas portas.”

(*Nosso Lar* – André Luiz – Cap. 31 – Ed. F.E.B.)

O que acontecia com esse espírito? No fundo ela sabia o que tinha feito. Ela procurava dissimular a própria questão. Por que eu trouxe esse caso espiritual? Porque nós, às vezes, simulamos nossas questões. Eu sou médium, o que vai ser se souberem que fiz bobagem? Nós fazemos bobagens, sim. Um espírito falou uma vez: que a grande problemática nossa, e ele se incluiu, é perceber que o bem vale a pena. Você, às vezes, diz: o que é que tem? Quando eu falo o que é que tem, não é que eu seja má não, é porque realmente, aquele valor do bem ainda não está

consolidado em mim. Ainda não vale a pena lutar com todas as forças por ele. Mas aí vem a reflexão e eu digo: “Não é isso que eu aprendo. Não é isso que a doutrina me ensina. Não é esse o padrão de Jesus.” É um momento em que me reconheço assim. Se eu consigo conversar com um encarnado, se eu consigo através da prece, sem me desculpar: “Senhor como é que tenho ainda esse lodo dentro de mim? Naquela hora eu quis me vingar, sim. Naquela hora eu estava com raiva, sim. Naquela hora eu fui semelhante ao outro, sim.” Se eu vou colocando isto, é como se fosse desfazendo esses pontos negros. É o que o Léon Denis, no Encontro sobre o Pensamento, disse, como se fosse o grande apagador. A gente vai apagando isso. No momento em que eu justifico minha dificuldade eu cristalizo. A questão dessa companheira foi a justificativa da dificuldade. Ela cristalizou.

Porque se não fosse assim, todo o mal que fizéssemos nos levaria para o “fogo do inferno”. Todo o mal que fizéssemos cercearia nossa possibilidade de sermos bons. Isso é uma mentira. André Luiz em *Ação e Reação*, caps. 9 e 20, acompanha a questão de Silas e Druso. Ele observa que um é assistente e outro é diretor de trabalho. Ao final do livro, observamos que os dois se envolveram em um crime premeditado. Como é que pode alguém ser assassino e de repente virar instrutor espiritual? Eles não cristalizaram isso.

Pergunta: Nesse caso fica o registro da falta, mas o espírito prossegue conquistando outros valores...

Deuza: Fica. E eu vou trazer uma orientação do Dr. Hermann. Essa questão do registro da falta, e a possibilidade diante da lei. Isso é questão de saúde. Nós tivemos um amigo de mocidade espírita, que foi pelo caminho da polícia federal. Eu vivi aquele momento de repressão, anos 70 e ele foi do DOPS. Um dia, nos encontramos com ele e trouxemos para o centro. Dr. Hermann falou que ele só iria tomar passe com ele. Quem tomava passe de cura tinha que vir aos sábados assistir às reuniões públicas. No sábado em que ele estava, o Altivo na hora do passe saiu correndo e o colocou na fileira dele para tomar o passe. Quando acabou o Altivo me perguntou com ordem de quem ele estava ali. Eu respondi que quem tomava passe de cura tinha que vir na sessão complementar. Aí Dr. Hermann incorporou e disse: filha, vocês não estão preparados para trabalhar com determinadas manchas psíquicas sem tirar a possibilidade do outro. Porque qualquer médium vidente que observe a psicofera e que vá mentalizar, vai tirar do companheiro a possibilidade da recuperação. Aí eu fiquei quieta. As coisas foram melhorando e eu falei para ele entrar nos cursos. Ele consultou o Dr. Hermann, que mandou que ele fosse estudar em outra casa. E após o tratamento ele foi encaminhado para a Zona Sul e até hoje é trabalhador de lá.

A marca do que foi a repressão está lá no espírito. Mas o que é que a espiritualidade fez como terapia? Afastou, como que dissolvesse os sinais de atração; o registro está lá, mas os sinais de atração foram dissolvidos, até mesmo porque a criatura queria ficar curada e quis a oportunidade de trabalhar. E o Dr. Hermann informou: a questão é essa, o mal que foi feito, foi feito, vamos trabalhar para ganhar crédito. Ele é um trabalhador assíduo, dedicado mesmo. O fato tem uns 17, 18 anos, nesse tempo o que a criatura já produziu de bem, no momento que ele tiver que retomar essa situação, já não será o mesmo fragilzinho que veio aqui. Ele conquistou amigos espirituais e sabe lá Deus quantas companhias espirituais com ódio foram convertidas em função disso.

Outro fato: este ocorrido na Baixada Fluminense. A senhora vivia uma vida comum, espírita e ficou viúva. Ela estava com duas semanas de viuvez e deixaram uma criança na sua porta. Em seis meses ela recebeu 14 crianças. Até que chegou um andarilho de rua que, com muita pena dela, disse que se ela deixasse, poderia ajudar em troca de comida e um lugar para ficar. Um dia ela sem dormir, porque estava faltando comida, proteína, só tinha legumes, ela pensou que tinha muitos despachos por ali. Foi na encruzilhada e pegou os frangos. O tempo foi passando, as crianças crescendo, casando e só uma ficou com ela. A senhora era do Espírito Santo, queria ver a terra natal e a filha deu de presente a viagem. Ela viajou e à noite foi na reunião numa casa espírita. Num determinado momento, um espírito falou o nome dela mas ela não prestou atenção. Falou o nome e sobrenome e pediu para que ela se levantasse. Ela foi se levantando e ele disse: “Vocês não sabem o trabalho dessa mulher. Ela convenceu uma legião. Porque na primeira vez que ela apanhou o nosso alimento (na encruzilhada), nós ficamos com raiva e fomos atrás e vimos que havia crianças, crianças que mal se alimentavam. Quando a pressão foi maior, nós começamos a pedir mais. E com

isto nós nos remodelamos. Estamos aqui em número de centenas agradecendo o trabalho.” E a senhora confirmou que na época do almoço tinha uns quatro ou cinco. Aí vão dizer: “Aqueles espíritos estavam dedicados ao mal, a marca está lá?” A marca está lá, sim, do mal que foi feito, mas olha a possibilidade de remodelação através do trabalho. Até para quem estava dando a oferta, com a intenção que fosse, mas no fundo era o canal indireto da ajuda espiritual. Assim foi a grande desobsessão de uma comunidade. Imaginamos o alívio da comunidade que vivia em função dessas questões.

Por que Deus consente a obsessão? É uma dor que dói tanto, que é experimentada pelos dois lados. E na reunião mediúnica o espírito vai falar porque ele está dolorido. Embora, muitas vezes, ele nem saiba o quanto está doendo. Enquanto ele está se comprazendo no mal ele não é feliz. Essa experiência da emoção é uma experiência moral e fica latente no espírito. Quando muda de foco o espírito se torna um grande trabalhador.

Um outro mecanismo é o mecanismo das máscaras. Máscaras do encarnado e do desencarnado. É muito sério ficar na ilusão de ser o que não é. Uma vez alguém falou assim: “Nós já somos bons espíritos. Eu acabo até achando que posso impor a mão como Dr. Bezerra de Menezes”. Isso são ilusões que vão nos atrapalhar num mecanismo obsessivo.

Outro mecanismo usado são os desentendimentos, os conflitos. Porque no momento em que entro no desentendimento ou conflito eu me desestabilizo. Quando me desestabilizo, vibro de uma forma que consigo atrair. É outro mecanismo para instalar a obsessão. “Engraçado depois daquela briga eu nunca mais fui o mesmo.”

No livro *Sexo e Destino*, de André Luiz, capítulo 2, tem a questão da obsessão de encarnado para encarnado, que é um outro aspecto. Tem lá a Marina mentalmente pensando, e na medida que vai pensando, seu campo mental, sua aura fica impregnada da força psíquica do rapaz. O encarnado tem um grande magnetismo que é capaz de interferir na vida psíquica do outro. Daí o cuidado que temos que ter. Professor na sala de aula: “Essa turma não vai aprender mesmo. Aquele, aquele e aquele ali não vão conseguir nada.” A pessoa pode até nem falar, mas vibrou. O outro, que está na dependência da aquisição do conhecimento, acaba entrando nesse processo e aí se instala uma obsessão de encarnado para encarnado.

O processo de fascinação e subjugação são muito difíceis, porque na obsessão o espírito está por ali, na fascinação e subjugação é como se o espírito tivesse um controle remoto, o médium vidente não percebe espírito nenhum.

O livro *Entre a Terra e o Céu*, de André Luiz, capítulo 5, diz que através do sono físico poderemos ter encontros que vão acionar em nós certas imagens, que vão funcionar como tomadas para a obsessão. Imagens relacionadas à culpa, aos nossos interesses, certas situações que estão na bagagem e são remetidas para que, quando eu acordar já esteja diferente e comece a obsessão.

No livro *Libertação*, de André Luiz, caps. VI e XVI, há um caso em que a companheira é convocada no sono físico. Ela é médium em serviço e tem uma característica da personalidade que é o ciúme. Ela dorme e os espíritos começam a falar: “Não faz isso não. Você não tem mediunidade nenhuma. Eu sou seu mentor.” Ela se sente muito infeliz. Quando ela acorda chorando o marido percebe e fala: “Quer dizer que você está de novo sendo enganada pelos trapaceiros do além!” E a envolve com muito carinho.” Em uma outra situação, uma desencarnada encontra uma encarnada desprendida pelo sono e pergunta: “— Como está o processo com Fulano? — Ele está diferente, está manso, orando, não está dando para cumprir o prometido na espiritualidade, que seria perturbá-lo.” E o espírito: “— Nada desse negócio, quem entra na oração cai na mansidão. Vocês têm compromisso conosco.” Então vamos perceber que há certos encarnados que durante o sono físico são treinados na espiritualidade para, na volta, atrapalharem o processo de outros encarnados.

Na obsessão só há um remédio: atenção. Atenção para quem eu sou, como estou, como funciona meu sentimento, qual o meu lado de dificuldade, quais são os meus desafios. Eu tenho que estar atento a isso para perceber que todos nós somos influenciados. Porque o fascinador age através da vaidade: “Ah! Eu estou livre. Estou dentro da casa espírita nem faço culto do lar, para quê? Estou sempre no trabalho do bem.” Quem disse que se estou na casa espírita, estou sempre no trabalho do bem? O trabalho do bem é salvaguarda no momento em que estou inteira no trabalho. Eu posso estar no passe. Tenho que dar passe. Vou lá dou meu passe e vou embora. O passe foi

dados. A doação do fluido foi feita, mas não ganhei resistência. Isso é uma questão interessante para a saúde. Temos que criar anticorpos. O anticorpo para o ódio é o amor, para incompreensão é a compreensão, para o desequilíbrio é o equilíbrio. Cada um de nós tem que criar, não é um espírito vir e jogar em mim não, tenho que criar isso. Daí a obsessão ser um processo consentido por Deus. Daí a posição da exclusividade ser perigosa, qualquer exclusividade. Quando nos sentimos muito diferentes, muito maior cuidado.

O livro *E a Vida Continua*, de André Luiz, capítulo 19, vem alertando para esses estados de melancolia, de menos valia, de desamor que acarretam obsessão. Vemos um espírito que foi capaz de mover todo um processo de ajuda. Já estava equilibrado e no momento que volta em casa e vê a coisa perturbada, ele se perturba. É um caso de uma obsessão de alguém no plano espiritual. No livro *Sexo e Destino*, de André Luiz, também, Neves é um espírito que está ajudando o tempo todo, mas há um momento que ele não agüenta e pelo ódio acaba se perturbando, foi isolado do trabalho e teve que ser recolhido.

Nada melhor do que o Encontro de Medicina Espiritual para trabalhar bem esse tema. É muito sério e nós mesmos médiuns, trabalhadores não estamos prestando a atenção.

Que Deus nos abençoe.

Depressão, Síndrome do Pânico e Ansiedade

Aula dada por Alexandre Lobato em 15/04/2006

Todos nós temos a noção de homem integral: espírito, perispírito e corpo físico. Nós trabalhamos essa idéia no Encontro. Temos também a visão de que quem fica doente é o espírito. Do nosso ponto de vista, quando vamos ao médico vamos tratar a ponta do iceberg, uma consequência. Quando Jesus curava as pessoas ele dizia: “vai e não peques mais, para que não te aconteça coisa pior”. Jesus tratava da cegueira, sabia a origem dela. A cegueira não era problema de nascença, não era praga que jogaram na família, ela tinha origem naquela alma e ele sinalizava para a pessoa: não repita isso de novo, porque você vai voltar a ficar cego. Quem adocece é o espírito e vamos tratá-lo.

Já que é o espírito que fica doente, nós temos que entender como é que pode depois uma doença que é da alma aparecer no corpo. O espírito não é feito de matéria, é bem diferente do nosso corpo. Como pode uma doença que existe em algo que não é material se materializar, se tornar palpável em algo material, no corpo físico?

O perispírito faz o papel de intermediário entre o corpo e o espírito em muitas coisas, entre elas ser o canal que traz a doença para o corpo físico, para que ela seja vista. Esse mecanismo é uma benção divina. Na *Gênese* (cap. XIV – item 7), o perispírito é tratado como a mais importante transformação do fluido cósmico universal. Porque ele nos ajuda a perceber o espírito.

O trabalho no bem, nós achamos que é sinal de saúde, mas no nosso caso não é, é sinal de um doente em tratamento. Isso são agentes moderadores das nossas enfermidades espirituais. Nós estaríamos numa situação muito mais difícil. A Márcia diz que poderia ser manca de uma perna, cega, mas é médium. O trabalho no bem, no caso dela, a mediunidade, é moderador de uma série de coisas. E ela, olhando para si mesma, diz que deveria estar sofrendo de outras coisas.

Quando estamos com febre, a febre é um sinal, não é uma coisa da nossa cabeça. Sintoma é o que falamos para o médico que estamos sentindo. O que seria indicador de doença da alma? Ira, tristeza, mágoa (Dr. Hermann diz que a mágoa é o veneno da alma), melancolia, etc. Por que ficamos com mágoa, melancólicos? Nós estudamos, mas mesmo assim trilhamos esses caminhos. Dr. Hermann diz que a depressão é o inconformismo, porque a pessoa é orgulhosa, não aceita que algo aconteça em sua vida diferente do que ela queria que fosse, então se deprime.

Eis uma definição de **depressão** que peguei no site: www.sosdepressao.com.br – transtorno do humor com baixa atividade geral; sofrimento íntimo; profunda desesperança; falta de fé em si, em Deus e na vida.

A visão que temos da vida encerra todos os assuntos que a vida trata? Quando queremos aprender sobre todas as coisas da vida o que procuramos estudar, entender primeiro para não sofreremos? Há um código de conduta ético para seguirmos e que nos colocaria a distância dos efeitos danosos. Eu ficaria melancólico, mas não deixaria que a melancolia me levasse ao estado da enfermidade. Ficaria triste. Jesus chorou, se entristeceu, mas não ficou doente por causa da tristeza. O que o próprio Cristo mostrou para nós? Fé em Deus, a certeza da vida futura. As leis de Deus nos sinalizam um caminho que vai nos ensinar a ver isso daqui, perceber, conviver, experimentar e não nos desviarmos do caminho do equilíbrio.

A incompreensão das leis de Deus é a nossa doença. Somos doentes porque somos incapazes de compreender as leis de Deus. Somos espíritos imperfeitos, não temos obrigação de compreender tudo, mas poderíamos ter aprendido muitas coisas. Só de ensinamento do Evangelho são mais de dois mil anos. Uma parte delas já deveríamos ser capazes de compreender, mas nem isso a gente compreende e é isso que nos mantém num estado de enfermidade, que inquieta nossa alma.

Por conta da complicação Deus nos deu a imortalidade. Se sofremos de mágoa e determinarmos que precisamos de dez encarnações para resolver isso, Deus nos dá, quantas precisarmos. Nós não temos que trilhar a feira do mal.

Intervenção: Tem me chamado atenção nos livros que tenho lido que tudo isso que passamos de sofrimento é por conta da ilusão, porque não compreendemos as leis de Deus direito. Criamos uma ilusão e, até derrubá-la, passamos por muitas coisas.

Intervenção: Uma coisa interessante da incompreensão das leis de Deus. Antes da Doutrina Espírita, vemos tantos espíritos que conviveram, tiveram os ensinamentos de Jesus, do Evangelho, e eles compreenderam as leis de Deus, até em outras religiões. Compreenderam, seguiram e não se desviaram do caminho. Não é privilégio da Doutrina Espírita.

Alexandre: Se levamos em consideração o que está escrito em *Exilados de Capela* (que temos que ler com reservas, porque é um texto inspirado), é muito mais que dois mil anos.

Com relação ao perdão, a Doutrina ensina que a questão não é perdoar, é se colocar de acordo com as leis de Deus. Meu compromisso não é com Fulano, meu compromisso é com a lei. Em outra encarnação eu posso nem encontrá-lo e saldar o débito, porque meu problema é com a lei de Deus. Desrespeitei Fulano, mas muito mais grave, é ter desrespeitado uma lei de Deus: a fraternidade, solidariedade. Fulano pode até me perdoar, mas eu vou continuar em débito.

Síndrome do pânico – É como se fosse um alarme que toca a todo instante. O pânico é algo útil, ajuda a preservar nossa vida. A doença é um alarme. Você fica com medo de algo, evita aquele algo, está preservando a sua vida. Quando há a síndrome, o alarme toca toda hora, sem razão de ser, não experimenta nenhuma sensação de perigo, mas está com medo, é o desequilíbrio do espírito.

Intervenção: Você estava falando da mágoa, da oportunidade que recebemos de Deus para poder superar a enfermidade, eu estava lembrando da pergunta do *Livro dos Espíritos* e da resposta dos espíritos, aquele que mais rápido caminha...

Alexandre: O espírita vai perdendo o medo dessas coisas. Ele começa a lidar com as limitações com mais liberdade.

Jesus veio mostrar o remédio, ele não bebeu o remédio por nós, tanto é que continuo doente. O espírita encara de outra forma. Quando ele faz a prece, pede para ser ajudado a resolver o problema. Outros acham que vão resolver por ele.

Em qualquer grupo de auto-ajuda, primeiro a pessoa tem que se convencer de que está doente. Enquanto a pessoa achar que beber é normal, não vai ficar boa. Quando a pessoa admite e pede ajuda, daí em diante começa a resolver o problema. Primeiro, tenho que me convencer que estou doente, depois vem o tratamento de cura. Enquanto eu achar que está bom: “que mal tem ter um pouquinho de mágoa?” Esses pensamentos mascaram o sintoma e a doença ganha mais força dentro da criatura.

Intervenção: Você acha que essa ilusão é uma consequência da vida que tem crescido tecnologicamente, ou o espírito já é assim?

Alexandre: Nós podemos pensar assim: se fosse por conta da vida do homem moderno, antes não existiriam tais doenças. Mas temos notícias de estado de depressão, não com esse nome. A melancolia tinha o nome de banzo.

A vida moderna não só pela agitação, mas pelos recursos que ela trouxe, tornou isso mais claro para nós. Tanto é que vemos depressão em criança. Isso sempre houve. Quando dizemos que é do homem moderno, é porque ele tem mais recursos para ver. Talvez por ter mais recursos esteja na hora de resolver.

Intervenção: É como Ignácio falou há alguns anos, que o espírito tem condições de colocar para fora doenças, que antes não tinha.

Alexandre: O medicamento vai deixar você mais lúcido, mas não vai resolver. Se não fizer outras terapias, a pessoa vai tomar o antidepressivo até desencarnar. Qual terapia tem que fazer? Trabalho na comunidade, etc. Só o medicamento não vai resolver.

Intervenção: E a questão da terapia alternativa? A acupuntura, shiatsu, auriculoterapia, já há médicos estudando isso. A farmacologia não está dando conta.

Alexandre: Se ele é um profissional compromissado, ele vai buscar aquele conhecimento. Não é o que a gente faz na casa espírita? Eu cuido de criança, não sou professora, começo a ler livros, a assistir palestras. Não é minha área profissional, não tenho experiência naquilo, mas foi o que abracei na casa espírita, procuro me informar.

Na revista *Seleções* que sempre uso na palestra-convite para o Encontro sobre Medicina Espiritual, fala-se das escolas de medicina nos Estados Unidos. Na década de 80 havia 125 escolas, nenhuma tinha matéria que falasse de religião. Em 2003 havia 50 com pelo menos uma matéria. As estatísticas mostraram que 70 pessoas com problemas cardíacos e que freqüentam uma vez por semana o culto religioso, tem uma sobre-vida de mais de 10 anos. Hoje é admitido isso.

Ansiedade – Sentimento que acompanha uma sensação geral de perigo. O pânico é só o alarme, a ansiedade acompanha o tempo todo. A má ansiedade é desproporcional à dificuldade e improdutiva diante dela.

Exemplo: a pessoa tem 17 anos e tem uns 20 vestibulares para fazer, e acha que aquela é a chance da vida dela, se não passar. Os pais colocam o peso da família em cima do jovem. Isso gera uma ansiedade desproporcional, não se alimenta, não dorme. Somatiza algo que é mental no corpo físico, tal o grau de excitação que aquilo gerou para a pessoa.

O passe é só um medicamento que vai fazer parte do processo curativo. Ele sozinho não resolve. A cura se dá quando tivermos compreensão das leis. Quando vier uma situação de ira... Vamos pensar em Balthazar, ele educou a alma numa disciplina que nós não suportaríamos. Ele olha lá de cima e vê como infantilidade a nossa atitude. Isto aqui é uma vacina para imunizar dessas coisas. Os espíritos superiores entram em certos ambientes e não ficam mal humorados. Nós não podemos entrar em ambientes muito agudos, porque vamos despertar aquela mancha que ainda temos, de mágoa, egoísmo e vamos sintonizar. Falamos assim: “naquela hora eu estava mal humorado e agora estou melhor.” Ficamos desse jeito porque ainda tem aspectos dentro da alma que vêm isso daqui. No estado normal você não entra na faixa, mas se tocar naquele pontinho... O espírito obsessor vai colocar o dedo naquele ponto, porque sabe que ali tem chance de nos vencer. Eu posso ter várias conquistas, mas ainda entristeço fácil, ele vai multiplicar coisas na vida que entristeceriam. Ao mesmo tempo que é pedra de toque, é fator de amadurecimento. De tanto ficar triste vai chegar o dia que nada mais desequilibra. No livro *Pontos e Contos* uma moça levou 9 encarnações para resolver a vaidade. Deus é tão bom que até nos processos de experimentação ele consegue fazer com que a gente ande para frente.

No livro *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz diz que dentro das células há uma estrutura chamada mitocondria, ali dentro, em algum lugar, as coisas deixam de pertencer à esfera da alma e passam a pertencer à esfera orgânica. A mágoa dentro desse caminho vai deixar de ser simplesmente uma doença do espírito e vai virar uma gastrite, uma enxaqueca. A inquietação excessiva, se não tratar, em algum momento vai virar um problema do fígado, da coluna, do sistema nervoso. Era um problema da alma, agora é um problema de esgotamento nervoso, vai ter que repousar mesmo, terá que ficar quieto.

No livro *Os Mensageiros* tem um rapaz que levou um coice de um burro. André Luiz chega e pergunta porque ele tomou o coice, os espíritos respondem que ele metia o chicote no lombo do bicho, e, mesmo inspirado para que tivesse calma, não adiantava. Dessa vez ele ficou com tanta raiva, que ficou mais próximo do animal do que dos espíritos. O estado de cólera, de ira era tão forte que não puderam ajudá-lo. O animal ficou irritado e deu um coice na cabeça dele. Agora que ele vai ficar de cama, poderão inspirá-lo melhor, para ele aprender a pensar de outra forma, porque é o trabalho dele.

No livro *Missionários da Luz*, capítulo XIX, André Luiz observa o coração de uma pessoa, com a visão de médico. O desequilíbrio do espírito vai refletir nas células do corpo. Descreve quando começou o desequilíbrio. Na continuação do texto André Luiz pergunta se aquilo poderia piorar e responderam que sim, mas não piora porque a pessoa recebe o apoio dos passes regularmente e é adepta de orar. Cada vez que ela faz isso, se desliga um pouco das substâncias danosas. Ela está sentada assistindo à reunião pública, num centro espírita. Ela notou que era um desequilíbrio e foi assistir à palestra.

O Altivo fala que o espírita vai durar mais, porque come melhor, dorme mais, não perde noite de sono, se preocupa com que pensa. Mesmo que tenha uma doença crônica, tem uma qualidade de vida melhor e dura mais que o médico previu.

Mediunidade – Instrumento de Progresso para o Espírito

Aula dada por Marcelo Alves em 11/05/2006

Nossa aula de hoje fala de mediunidade como instrumento de progresso para o espírito.

Ao longo desses anos, no estudo para o Encontro sobre Medicina Espiritual, tem uma parte do tema 1, onde se explica o porquê ficamos doentes e a questão dos problemas que a mediunidade acarreta ao indivíduo. É comum vermos pessoas procurando a casa espírita porque tem desconforto, estão doentes, já foram aos médicos, a medicina convencional não achou nada, e a pessoa vem bater no Centro. E ficam sabendo que 99% dos desconfortos ou enfermidades que possuem é por conta do fato de ser médium.

“Então vou ter que desenvolver a mediunidade porque é ela que está causando esta doença?”

À medida que a pessoa vai se instruindo, vai frequentando a casa espírita, vai entendendo que, na verdade, não é a mediunidade que causa a doença. Descobre porque tinha aquele sintoma que estava relacionado à mediunidade.

A seção Doutrinária utilizava, no tema 1, a mediunidade como um fator de doença. Este ano nós estamos vendo que vai ser usado no tema 2, como elemento de cura do espírito, que descobriu que está doente porque transgrediu as leis de Deus, teve ações que geraram alguma doença ou dificuldade.

Quem lida com a mediunidade recebendo pessoas no atendimento fraterno ou no COMP (Curso de Orientação Mediúnica e Passes), vê que há um número muito grande de pessoas que confunde as doenças que está enfrentando e atribui a causa à mediunidade. É um descontrole, uma dificuldade muito grande, que cada vez tem crescido mais. Apesar de, hoje, no Grande Rio, podermos exercer a mediunidade sem rejeição, ainda há locais no Brasil em que uma criatura tem que ir escondida a uma reunião pública numa casa espírita, porque vai ficar falada, a família não aceita, há muito preconceito. Hoje, muitas vezes o médium é adulado, é buscado. Quando sabem que somos médiuns chegam e perguntam: “Está vendo alguém perto de mim?”, “Dá para me falar isso ou aquilo?”.

O médium está entre dois extremos, ou é odiado ou adorado. No ambiente de trabalho quando descobrem que somos espíritas perguntam se vamos bater tambor. Ao explicarmos, passamos a ser uma figura desejada, e isso, muitas vezes, é fator de queda para o médium que é vaidoso.

Por isso, é de suma importância estudar a mediunidade como instrumento de progresso, porque nem todos a vêem assim. Muitas das vezes a mediunidade é encarada como vir ao centro receber espírito para aliviar, descarregar um pouco. Mas será que isso está contribuindo para o nosso progresso espiritual? Às vezes estamos na mecânica da coisa. Alguém disse que sou médium, como eu tinha desconfortos e eles cessaram, então é verdade aquilo que me disseram. Mas o que tenho que fazer para o desconforto não voltar? Ir no centro dar passe. Eu vou para não passar mal. Isso foge ao propósito da mediunidade com Jesus. Foge à proposta do apostolado mediúnico. Fica a sensação que estamos no profissionalismo da mediunidade. Como na empresa, vestimos o macacão e vamos exercer a função, como se a mediunidade ficasse pendurada num gancho no centro espírita e só lá dentro eu fosse médium. Esse é um pensamento equivocado. Quando saímos da casa espírita deixa de ter importância para gente essa mediunidade como instrumento de progresso, porque no Centro os espíritos se aproximam de mim para eu poder trabalhar, lá fora eu posso viver a minha vida como eu bem entender. Não conseguimos fazer a correlação da nossa vida fora do centro com a de dentro do centro, o que é uma coisa só.

A página introdutória falou de sintonia, isso é de extrema importância, porque muitos de nós estamos adoecendo por conta dessa sintonia mal feita. Quando, pelo pensamento, entramos numa faixa vibratória que não é de saúde, pelo contrário, é de desequilíbrio, de medo, de não perdoar, ressentindo um acontecimento ruim na nossa vida.

O que é a mediunidade? **MISERICÓRDIA, TRABALHO, SUSTENTAÇÃO, PROGRESSO** e etc. Eu resolvi fechar nessas **quatro** definições.

Misericórdia por quê? Se não fosse a mediunidade na nossa vida, sabe lá Deus o que estaríamos passando ou fazendo. Passa a ser misericórdia de Deus na nossa vida, porque evita que a

gente cometa vários erros. Aflora a mediunidade em um jovem de 15 anos. Para que isso? Tudo tem um propósito. Dona Yvonne Pereira, em bebê, já apresentava fenômenos mediúnicos. Isso era um castigo na vida dela? Ela mesma dizia que era misericórdia divina, porque fazia lembrar do passado, do compromisso assumido, da necessidade de não resvalar, de não fracassar novamente. Aqueles chamados pelos quais ela passava não era para fazer sofrer, pelo contrário, era a misericórdia agindo na vida dela.

A mediunidade nos oferece **trabalho**. O que muitos de nós estaríamos fazendo, se não tivéssemos as ocupações que a mediunidade nos solicita? Não temos tempo para mais nada, quando vemos o dia passou, porque estamos dando utilidade ao nosso tempo. Estamos falando especificamente de nós, médiuns, da casa espírita, porque estamos começando a decidir, a escolher entre um churrasco na praia e vir dar passe às três da tarde no Léon Denis. É certo ou errado? Isso não está em questão. Para nós é o certo (não como regra para todos), fomos descobrindo que sentimos muito mais prazer. Descobrimos um ganho tão grande na nossa vida, como espírito, através do trabalho que a mediunidade oferece para que nos ocupemos, para diminuir as horas vazias na nossa vida.

Hoje eu li uma frase num carro que dizia: “Quem não vive para servir, não serve para viver.” O trabalho é de suma importância na nossa vida porque nos ocupa com utilidade. Porque, pelo presente, a gente já sabe avaliar como foi o nosso passado e não foi de glória mesmo. Dr. Hermann era campeão em responder quando escrevíamos uma lista enorme de dificuldades: “Filho, trabalha, trabalha mais, vai dar mais passe, vai ajudar na creche, trabalha no Condessa Paula.” Ele sempre orientava para que ocupássemos mais o nosso tempo com o bem, gerando saúde em nós.

Na mediunidade sempre temos campo de atuação, não só dentro da casa espírita, pois somos médiuns 24 horas por dia. Se nós não somos categoricamente médiuns de uma casa espírita ou médiuns espíritas, somos médiuns na fila do banco, com o vizinho, no hospital, no ambiente de trabalho. Sempre a misericórdia vai utilizar essa ferramenta de trabalho para o nosso progresso espiritual, seja lá onde estivermos. Tanto é que nem todo mundo tem o compromisso da mediunidade.

Qualquer criatura que seja, por que caminho, for ao encontro, dali para frente tudo vai ser diferente, não tem como não ser. Ainda que ela decida não ser espírita. Mas a proposta é mostrar que todos nós podemos auxiliar para sermos auxiliados. Não precisamos ficar presos a uma pessoa, a um determinado local para ter a saúde integral. Saúde é equilíbrio da mente, do corpo, do espírito e eu posso conseguir esse equilíbrio onde estiver, fazendo que estiver fazendo. Onde eu estiver atuando, posso estar fazendo um intercâmbio do mundo invisível com o mundo material, sem eu saber. Mas quando entro numa casa espírita, para assistir ao Encontro, passo a ser responsável pela informação que estou tendo, já sei que influencio pelo pensamento, pelo sentimento. Onde eu estiver a misericórdia vai estar me convocando, através da mediunidade, ao trabalho no bem. Porque nós viemos para vida material para sermos úteis, para fazermos o bem. E tudo concorre para que acertemos.

O Encontro de Mediunidade de uns anos para cá tem mostrado para o público que vem assistir que o médium não é só aquele que está naquele local fazendo e acontecendo. Todos nós somos médiuns em potencial, porque pensamos, sentimos, somos espíritos, saímos do corpo ao dormir, travamos contato com o mundo espiritual. Na generalidade todos nós somos médiuns. É essa a proposta que a casa espírita está multiplicando, espalhando esses conhecimentos, para que todos nós tenhamos a clareza. O Pai é de todos nós e, se ele dá oportunidade a uns, por que não vai dar a outros? Já dá só pelo fato de termos nascido por uma mãe. Já está criando um relacionamento que, muitas vezes, é complicado. Mas é necessário se vencer aquela dificuldade. Porque quando é um casamento, não deu certo vai embora. Mas quando é uma relação de pai, mãe, filho, etc., não se pode jogar fora, tem que passar. Deus escolheu a forma adequada, certa para que o perdão acontecesse na humanidade. O que estamos precisando é perdoar. O que está nos deixando doentes é a falta do perdão. A lei se mobiliza colocando recursos na nossa vida para que esse perdão aconteça. É a mãe que recebe o inimigo do passado ou vice-versa, sem saber. Por pior que ela seja, pelo menos amamenta. Se não amamenta, levou nove meses dentro do ventre, nem que depois ela abandone. Mas o fato de ter levado nove meses no ventre já está fazendo com que esses espíritos

comecem a pensar: “não foi tão ruim passar nove meses junto daquela pessoa.” Futuramente começa a refletir sobre a questão do perdão.

Quando o Dr. Hermann diz: “trabalha que vai melhorar”, o nosso pensamento apequenado não vê esse trabalho como extensão de se melhorar, como espírito, em vários aspectos. Porque o trabalho ocupa, faz suar, faz esquecer das nossas próprias mazelas. O objetivo é esse. Enquanto a não pararmos, de verdade, para pensar no próximo, não nos curamos. Caímos no ponto do egoísmo excessivo. Só eu mereço, só eu posso.

A vida vai dando tantas voltas que nos coloca em posições contrárias, para refletirmos. Quando quero só para mim e não meço esforços, derrubo quem estiver na minha frente, um dia a lei vai me colocar na outra situação e aí vou parar para pensar: “Eu gostei de terem feito isso comigo? Então não deveria ter feito.”

Por que a mediunidade dá **sustentação** à nossa vida?

“— Fortalece valores dentro de nós.”

Que valores são esses?

“— Valores sentimentais principalmente.”

Mas a mediunidade sustenta a casa própria, o carro do ano, compra de setecentos reais por mês? Não. Na verdade, a mediunidade é sustentação dos nossos sentimentos. Muitas das vezes nos equivocamos achando que porque entramos para casa espírita, estamos fazendo trabalho na mediunidade, tudo tem que transcender da melhor maneira possível na nossa vida material. O médium passa por todas as vicissitudes que forem necessárias para sua vida de espírito encarnado.

Como eu sei que estou me equilibrando, passando pelo que estou passando e continuando a trabalhar? Pelos sentimentos que me envolvem na hora da tarefa. E, vejo que lá fora eu posso ter estes mesmos sentimentos, se eu buscar. Porque dentro da casa espírita o espírito se aproxima de mim para dar o passe na criatura. Por que na minha vida de relação, passando as minhas dificuldades, não consigo ter esse sentimento? Porque a sustentação não pode ser só na casa espírita. Pois sou médium 24 horas. É aonde o estudo prevalece. Nós, médiuns espíritas, façamos essa busca incessante de nos melhorarmos como espíritos, como indivíduos. Essa sustentação que a casa espírita e os bons espíritos estão nos oferecendo, dentro da casa espírita, nós levamos para nossa vida de relação. É uma troca. Eles oferecem e nós devolvemos, até porque eles vão reencarnar no futuro. Se não melhorarmos a situação terrena, para eles vai ficar cada vez mais difícil o retorno.

Graças a certos trabalhos que desenvolvemos na mediunidade, temos a cura para as nossas mazelas. O trabalho da desobsessão vai mostrar claramente isso. Quantos de nós chegamos em posições particulares, incorporamos um espírito com a mesma problemática e o espírito perdoa, em meia hora. E pensamos: ele perdoou, porque não posso perdoar também? Vamos refletindo, pensando. Porque na casa espírita não tem ninguém na porta com uma prancheta perguntando: “Hoje você falou palavrão? Comeu bem? Fumou, bebeu, pensou besteira?” Não existe isso. A nossa consciência vai funcionar a todo instante. Nós é que vamos comparar. No dia em que eu fiz prece, li o assunto do dia, me esforcei para não cair nas tentações, o trabalho na casa espírita foi uma beleza, senti a presença dos espíritos. No dia que não faço nada disso, como é o trabalho? Eu começo a comparar. E começo a me educar em relação à minha vida.

Na cura, por exemplo, vamos dar passe numa pessoa com uma enfermidade. A reação da pessoa com relação à doença nos causa espanto. Porque muitas vezes pensamos: se fosse comigo não estaria nessa calma toda, ainda sorrindo. A criatura está com um câncer terrível, chegamos para visitar e a pessoa abre um sorriso desse tamanho e diz: “Ah! meu irmão eu gosto tanto quando vocês vêm aqui!” E nós, quando a geladeira está um pouco vazia, enfim, aquelas coisas do dia-a-dia, nós pensamos em não vir para o trabalho. “Hoje estou com tanta perturbação, tanto problema, não sei se vou não”. Mas os espíritos, pela misericórdia nos sustentando, nos empurram e chegamos lá numa visita dessas e nosso queixo cai.

O trabalho da mediunidade dá sustentação sobre esse aspecto também. Vamos mudando o nosso ponto de vista com relação às situações da vida.

Por que mediunidade é **progresso**? Porque nos faz ficar melhores do ponto de vista moral e intelectual.

Como o progresso se dá no campo da intelectualidade? O estudo que a todo instante somos convidados a fazer. Nós temos tanta carência de moralidade, que o intelectual vai trabalhando para que raciocinemos. Em um momento temos que parar e pensar. Por mais informação que tenhamos, ainda continuamos fazendo escolhas equivocadas; num certo momento não teremos mais para onde correr, porque o cerco vai se fechar. Teremos tanto conhecimento com relação aos nossos atos que ficará impossível praticá-los equivocadamente.

A misericórdia nos dá o trabalho, sustentando a nossa mediunidade, para que progredamos moral e intelectualmente. É o caminho que estamos percorrendo para esse progresso.

O médium tem que querer, gostar e se preparar. Se não fizer isso não adianta. “A vovó Fulana disse para mim que sou médium de cura, de incorporação, posso psicografar, ouço espírito e ainda vejo espírito.” Nada disso adianta se não quiser, se não gostar, porque tem que ter prazer. Não podemos ser médiuns com uma bola de ferro pendurada no pescoço. Ela vai pesar tanto que não vamos conseguir ver a mediunidade como instrumento de progresso. Quando atendemos criaturas com “problemas” da mediunidade, no início, elas não conseguem ver a mediunidade como misericórdia para seu progresso. Aquilo é um estorvo, um peso. Colocar no trabalho a pessoa que tem a faculdade, é prejuízo. Porque ela não sabe o motivo, o porquê e, principalmente, para quê. Eu não posso ver espírito simplesmente para fofocar a vida dos outros. Tem que haver uma proposta de utilidade nisso. É até para eu entender isso, preciso estudar, trabalhar, criar raiz. Por que, quantos de nós só ficamos na casa espírita depois de ter criado raiz nela? Se fosse antes, quando estávamos chegando, se alguém nos colocasse na desobsessão, duvido que ficássemos. Quantos fazem um trabalho aqui, vão para Mallet, vão para a creche, para a livraria, alguém convida para o estudo dos encontros, a pessoa acaba se envolvendo em tantas tarefas dentro da casa espírita, que lá na frente fica impossível ela não querer ser médium. Quantos de nós que trabalhamos no grupo de visitas, e ainda não somos médiuns passados pelo COMP, ficamos querendo ajudar, queremos dar o passe, criamos em nós a vontade de querer ser médium da casa, porque descobrimos uma proposta elevada dentro daquilo.

Quando o médium quer e gosta, vem sem reclamar. Não escolhe em quem vai dar passe nem o local, se é no Celdinho ou em qualquer lugar. Ignácio falou, numa entrevista, que o passe é uma felicidade. Se o médium descobrir que o passe que ele dá é motivo de felicidade, ele vai querer dar mil passes.

O médium não pode ser simplesmente o intermediário. Quando alguém ia para a umbanda, apagar charuto na mão, arriar obrigação, fazia aquele monte de coisas e se achava intermediário do mundo invisível. Mediunidade na Doutrina Espírita tem outra proposta. Eu não sou só o intermediário, passo a ser o intérprete dos espíritos.

Intervenção: O grande papel do médium é saber filtrar as informações. Até porque ele é senhor de si, não é um instrumento passivo dos espíritos.

Marcelo: Exatamente. Ele é atuante, contribui e ajuda. Para fazermos essa prática é preciso nos educarmos moral e intelectualmente, para termos conteúdo para os espíritos utilizarem. Se os espíritos não encontram em nós elementos, vai ficar difícil a comunicação. Até vai nos usar, mas vai dar uma grande trabalhadeira. Se o médium oferece cabedal suficiente, os espíritos só sugerem e o médium completa, fazendo um trabalho de parceria.

Observando a questão do progresso espiritual: “Dei a ferramenta para você construir, mas construir com sabedoria.” Você simplesmente fez qualquer coisa. É preciso saber usar a ferramenta.

Precisamos correr atrás das nossas dificuldades para conquistarmos valores e sentimentos elevados, porque essa é a proposta dos espíritos quando dizem: “Nós estamos em marcha acelerada para o progresso, vocês têm que nos acompanhar.” É da nossa natureza ser estimulado para isso. Isso está em nós, é natural. O germe do progresso está em nós. Nem que seja pela dor, vamos querer progredir. Então, quando nos instruímos, vamos ver que temos meios para progredir sem que a dor nos estimule. Por que não lançar mão? Dizem que o espírita só fala de sofrimento, é masoquista. Quando estudamos o Espiritismo vemos que não é isso. A verdade não é essa. O sofrimento e a dor, acabam sendo uma alavanca para o nosso progresso pelas nossas escolhas, mas podemos muito bem não escolher a dor e o sofrimento. Aí vai depender de nós.

Sabendo tudo isso, nós não devemos banalizar essa oportunidade de trabalho, de progresso em nossa vida. Porque senão banalizamos, como temos banalizado a família, o nosso corpo, a nossa vida. Descobrimos que a mediunidade sustenta nossa vida quando valorizamos esse fato. Quando começo a enxergar que tenho possibilidade de curar uma enfermidade, não é para achar que sou o “bonzão” e ficar feliz da vida. Mas, sim, para entender que isso faz parte dos recursos de Deus, auxiliando a nossa vida de espírito.

A proposta de sermos médiuns é refletir na questão: e se fosse eu? Quando vem um espírito suicida para incorporarmos, não é porque somos médiuns excelentes, não é nada disso, é para vermos como ele chegou àquele pensamento de acabar com a própria vida. Às vezes começou como o seu está começando.

Aquele que está pedindo esmola, morando debaixo do viaduto, demonstra o efeito de uma causa. A causa começou quando ele falava: “Minha vontade é largar todo mundo. Tanto problema, minha vontade é sumir.” A gente não fala isso às vezes? De tanto falar, a criatura faz e sofre as conseqüências desse ato.

Quando lidamos com uma situação dessas é para refletir: é doente cuidando de doente. Estamos dando passe de cura no outro, para poder curar as nossas mazelas, para evitar que fiquemos doentes. Se o outro ficou doente porque agiu de determinada maneira, qual a semelhança do ato dele com o meu? É isso que tem que ser refletido. Se não refletirmos, se não levarmos com seriedade, se não descobrirmos essa proposta elevada na nossa vida, se profissionalizarmos a mediunidade o resultado é o fracasso. Mas não é o fracasso de ser colocado num ambiente de penas eternas, não é isso, é o fracasso moral, é a consciência doendo com relação àquilo que poderia ter feito, para o que me instruí. Porque ninguém vem como médium sem ter feito o cursinho lá. O que estamos fazendo é, simplesmente, lembrar do que fomos instruídos no plano espiritual. Isso é fácil de vermos. Na nossa vida material não delegamos poderes a ninguém sem instruir. Você vai mandar seu sobrinho de 14 anos ao banco pagar uma conta, só dando o dinheiro e a conta? Não, você vai instruí-lo como agir.

Se existem tantas dificuldades para exercermos a mediunidade, na Terra, é porque se trata de um trabalho com Jesus e tudo que é trabalho com Jesus, num ambiente material, às vezes, é mal visto. Vem aquela sensação de guerra. Para sermos colocados na guerra houve a preparação, e por escolha nossa. Enquanto pensávamos que Deus nos deu a mediunidade simplesmente porque achou conveniente, achamos que Deus errou conosco, porque não estamos gostando de fazer isso. Depois descobrimos que somos médiuns com a nossa permissão. Se sou médium de incorporação, de cura, psicografo, faço e aconteço, foi porque eu cheguei à conclusão, com o meu guia, que isso era a melhor ferramenta para eu trabalhar.

Em *O Livro dos Espíritos*:

231 – *São felizes ou desgraçados os Espíritos errantes?*

“Mais ou menos, conforme seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cuja essência conservaram, ou são felizes, de conformidade com o grau de desmaterialização a que hajam chegado. Na erraticidade, o Espírito percebe o que lhe falta para ser mais feliz e, desde então, procura os meios de alcançá-lo. Nem sempre, porém, é permitido reencarnar como fora de seu agrado, representando isso, para ele, uma punição.”

(*O Livro dos Espíritos* – Allan Kardec – perg. 231 – Ed. F.E.B.)

Quando temos uma ficha cheia de equívocos e estamos discutindo com o guia a melhor forma de sanar essas dificuldades, ele diz para nós: “Por que você não volta espírita e médium de cura? Como médium de cura você vai lidar com sentimentos de paciência, tolerância, renúncia, abnegação.” Ouvimos o que ele fala, olhamos na ficha, vemos que precisamos e, consentimos. Vamos para a câmara de preparação do perispírito. Injeção fluídica para cura de câncer, magnetismo suficiente para ter força na troca da molécula malsã pela boa. Reencarnamos, caímos na casa espírita e dizemos: tem certeza que tenho que ir toda a quarta-feira?

Para uma pessoa que escreveu para o plano espiritual Dr. Hermann foi simples e rasteiro: és médium. Ela não queria ser médium, não estava preparada, ainda não sabia qual era o valor disso na vida dela, queria devolver o papel ao responsável pela entrega das respostas, porque achava que devolvendo o papel não tinha comprometimento com nada. Por que agimos assim? Por desconhecimento. Quando avivamos a memória com relação a tudo isso, nós queremos. Isso é

pensar como espírito, não como encarnado. O que preciso na minha vida para ser feliz? Quais são os valores que estou dando à minha vida de homem terreno, sendo espírito imortal? Vai mudando o foco e vamos desejando crescer, ser melhores. A TV de 29 polegadas, no momento, passa a não ter tanta importância. Se eu tiver, vai ser legal, mas não vou sofrer porque ainda não tenho. Porque minha vida tem outros valores, e acabo deixando isso para depois.

Qual o elemento de trabalho do médium? O enfermo do corpo, da alma.

Odilon Fernandes diz que o médium é o farol no meio do mar escuro, quando ele acende, quem está se afogando e começa a nadar em direção à luz. Quando desenvolvemos nossa mediunidade, acendemos a nossa luz. Começam a nos buscar e, se não estivermos preparados, os dois vão sentar na calçada e chorar.

O Livro dos Espíritos fala das encarnações que temos de descanso, parar para respirar, para depois pegar na enxada e trabalhar.

Tudo é elaborado para que tenhamos êxito. O pé doente, o cabelo que cai, tudo está contribuindo para o nosso progresso. Recebemos um corpo sadio, encontramos uma casa espírita, isso também é importante. O médium de cura até cai em outras religiões e tem êxito lá. Se cai numa carismática, vai doar fluido, curar. Está agindo na cura. O de incorporação não tem jeito, se não cair na casa espírita, na umbanda ou candomblé, cai no hospital psiquiátrico, porque ele não agüenta a pressão. A influência dos doentes espirituais é muito grande. O médium de incorporação é quase sempre levado a uma casa espírita.

Eis um texto que foi usado no Encontro de Mediunidade do ano passado. Refere-se a mediunidade de cura, mas podemos trazer para qualquer tipo de faculdade mediúnica.

“A conduta dos médiuns dentro desta tarefa, nos moldes propostos acima, tem papel decisivo na formação e no direcionamento da vida dos mesmos. A oportunidade de atestar ao vivo o processo de melhoria e até de cura dos doentes envolvidos, serve de estímulo a própria reforma íntima. Afinal ele vê o doente lutar, se instruir com a dor e vencer, do ponto de vista espiritual a mesma. Pois ainda que a morte venha lhe subtrair o corpo, o doente conseguiu ter esperança, desenvolver a fé, crer em Deus e, por isso mesmo, viver em paz.

O convívio com o doente o convida constantemente a ser paciente, tolerante, a entender a natureza humana. Com os bondosos guias espirituais ele tem a oportunidade de entender as razões maiores da luta na Terra. De experimentar como intermediário os efeitos salutares e superiores do trabalho com os sentimentos superiores e mais puros que ainda não tem da preservação da vida, da importância da vida espiritual, nosso bem maior. A certeza das leis de Deus enfim.

A participação como médium de cura no trabalho do bem, em nome de Jesus, vai conferir ao médium o entendimento superior da vida, que há um sentido justo para as aflições, que não há sofrimento gratuito, vai oferecer-lhe a compreensão antecipada da vida futura e o embasamento da fé. Tudo isso dentro de um esforço, onde ele, médium, lenta e paulatinamente vai transferindo os ganhos adquiridos no trabalho mediúnico para vida dele lá fora, num processo de transformação moral completo.”

Qual o ganho que temos com a mediunidade? É esse. É olhar o exemplo do outro e trazer para a nossa vida. É o estímulo necessário para que nós, que, muitas vezes, temos as nossas quedas, os arranhões, os ressentimentos, conquistemos o processo. E aí voltamos para dar passe, para incorporar espírito, porque descobrimos em nós uma vontade de crescer e vimos que a mediunidade é uma ferramenta excelente para que isso ocorra.

Condições para a Cura: Vontade, Perseverança, Autoconhecimento

Aula dada por Eulina Castro – 27/04/06

Nós, que já estamos estudando, há algum tempo, a medicina espiritual, aprendemos que o nosso corpo adoce porque há um desequilíbrio do nosso espírito. O corpo vai ser aquele que vai demonstrar as dificuldades da nossa alma.

Os espíritos dizem para Kardec que o orgulho e o egoísmo são as duas chagas da humanidade. Chaga é ferida que não seca.

Dr. Hermann, em dezembro de 2003, no encerramento do ano, falou que todos, sem exceção, são orgulhosos.

Fatores para a cura: vontade, perseverança e autoconhecimento.

Vontade – Faculdade de querer; desejo; resolução; necessidade física ou moral. (definição do dicionário). A vontade é uma expressão da alma. Tanto é assim que, quando alguém a quem queremos bem sai da nossa visão física, nós sentimos saudade. É a nossa alma que sente saudade.

Léon Denis nos diz que é na vida íntima que está o manancial das felicidades futuras.

Dentro da célula existe o núcleo, ela se reproduz, se distende, para formar um agregado celular. Esse núcleo é que dá o comando. Qual a maior célula que nós conhecemos, a olho nu? O ovo. Para o ovo ser cozido ele passa pelo calor da água fervendo. Com isso ele terá resistência.

Vamos nos imaginar, aqui, com a nossa alma recebendo os trancos da vida. Vamos criando essa têmpera que dá resistência ao corpo físico. É o calor da luta, das contrariedades que aquecem, porque, se passarmos em brancas nuvens não teremos passado pelo aquecimento das dificuldades. Dificuldade nunca vai ser para arrasar conosco. Deus nos manda dificuldades para ficarmos fortes para resistirmos aos embates da vida.

“Olhemos atentamente para o fundo de nós mesmos, fechemos nosso entendimento às coisas externas e, depois de havermos habituado nossos sentidos psíquicos à escuridão e ao silêncio, veremos surgir luzes inesperadas, ouviremos vozes fortificantes e consoladoras. Mas, há poucos homens que saibam ler em si, que saibam explorar as jazidas que encerram tesouros inestimáveis. Gastamos a vida em coisas banais, improfícuas: percorremos o caminho da existência sem nada saber de nós mesmos, das riquezas psíquicas cuja, valorização nos proporcionaria gozos inumeráveis.”

(*O Problema do Ser do Destino e da Dor* – 3ª Parte – As Potências da Alma – cap. XX – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

Léon Denis diz que gastamos a vida em coisas banais. Ele diz que devemos olhar para o nosso interior para vermos aonde já temos resistência. Há pessoas que têm resistência para a dor física, mas não tem para a dor moral. Há pessoas que têm resistências para ambas. Uma coisa que nos ajuda muito a ter resistência à dor física e que acaba dando resistência à moral é a mulher no trabalho de parto. Nós precisamos ter resistência mesmo para a dor moral.

No livro *O Céu e o Inferno* tem o caso do menino Charles de Saint-G (Sociedade Espírita de Paris, 1860). “Este era um rapaz de 13 anos, ainda encarnado, cujas faculdades intelectuais eram nulas a ponto de não reconhecer os próprios pais, mal podendo tomar por si mesmo o alimento. Dava-se nele a completa suspensão de desenvolvimento em todo o sistema orgânico.”

(*O Céu e o Inferno* – Allan Kardec – Segunda Parte – Cap. VIII – Expições Terrestres – Ed. F.E.B.)

Ele não reconhece nem os pais, porque o grau de alienação mental é máximo. Kardec pede autorização a São Luís para evocar esse menino. O menino vem absolutamente lúcido e diz que se sente preso como passarinho pelo pé, porque a vontade dele era voar, abandonar aquele corpo que não lhe facultava sequer o reconhecimento do pai. Ele fala que aquilo era uma expiação pelo mau uso do que Deus lhe havia dado.

“6. Experimentais no estado espiritual qualquer sensação dolorosa oriunda do vosso estado corpóreo?

— R. Sim, por isso que é uma punição.

7. Lembrai-vos da precedente encarnação?

— R. Oh! sim, e ela é a causa do meu exílio atual.

8. Que existência era essa?

— R. A de um jovem libertino no reinado de Henrique III.”

(*O Céu e o Inferno* – Allan Kardec – Segunda Parte – Cap. VIII – Expições Terrestres – Ed. F.E.B.)

Logo em seguida um espírito diz:

Instrução de um Espírito sobre os idiotas e os cretinos, dada na Sociedade de Paris.

“...A loucura não é das leis divinas, pois resultando materialmente da ignorância, da sordidez e da miséria, pode o homem debelá-la. Os modernos recursos da higiene, que a Ciência hoje executa e a todos faculta, tende a destruí-la.

Sendo o progresso condição expressa da Humanidade, as provações tendem a modificar-se, acompanhando a evolução dos séculos. *Dia virá em que as provações devam ser todas morais*; e quando a Terra, nova ainda, houver preenchido todas as fases da sua existência, então se transformará em morada de felicidade, como se dá com os planetas mais adiantados.”

Pierre Jouty, pai do médium.

(*O Céu e o Inferno* – Allan Kardec – Segunda Parte – Cap. VIII – Expições Terrestres – Ed. F.E.B. – grifo nosso)

Ele diz que no futuro as dores não serão mais físicas, ficarão apenas no campo moral porque não serão mais necessárias. O espírito vai estar temperado no calor das provações e expiações para que obter uma resistência maior.

Nós estamos aprendendo com Léon Denis a olhar para o nosso interior, como são as nossas manifestações.

Continua Léon Denis:

“Há em toda alma humana dois centros ou, melhor, duas esferas de ação e expressão. Uma delas, circunscrita à outra, manifesta a personalidade, o “eu”, com suas paixões, suas fraquezas, sua mobilidade, sua insuficiência. Enquanto ela for a reguladora de nosso proceder, temos a vida inferior semeada de provações e males. A outra, interna, profunda, imutável, é, ao mesmo tempo, a sede da consciência, a fonte da vida espiritual, o templo de Deus em nós. É somente quando este centro de ação domina o outro, quando suas impulsões nos dirigem, que se revelam nossas potências ocultas e que o espírito se afirma em seu brilho e beleza. É por ele que estamos em comunhão com “o Pai que habita em nós”, segundo as palavras do Cristo, com o Pai que é o foco de todo o amor, o princípio de todas as ações.

Por um, perpetuamo-nos em mundos materiais, onde tudo é inferioridade, incerteza e dor; pelo outro, temos entrada nos mundos celestes, onde tudo é paz, serenidade, grandeza. É só pela manifestação crescente do espírito divino em nós que chegamos a vencer o “eu” egoísta, a associar-nos plenamente à obra universal e eterna, a criar uma vida feliz e perfeita.”

(*O Problema do Ser do Destino e da Dor* – 3ª Parte – As Potências da Alma – cap. XX – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

Esse interior, esse eu profundo é que é a manifestação de Deus em nós.

Essa manifestação periférica é de acordo com as necessidades que vamos vivenciando ao longo das existências.

Vamos lembrar de *O Livro dos Espíritos* quando apresenta as leis morais, e de Jesus nas bem-aventuranças, quando ele fala para sermos misericordiosos, mansos. Nós somos mansos? Quando nos convêm.

Temos os Dez Mandamentos que encabeçam tudo. Deus nos dá todo o tempo um alô. “Olha presta atenção nisso.”

Esse nosso interior fica sofrido. Esse eu profundo, que é Deus manifestado em nós, está tão destrambelhado que vai externar a nossa ansiedade, o desejo de possuir o que é do outro. Isso gera em nós uma angústia tão grande que vai se transformar num desconforto. Quando vamos ver estamos com dor de cabeça, com intestino desarranjado. Porque o meu eu está em desacordo com as leis de Deus. Vai gerar em mim a doença.

Léon Denis diz que é só pela manifestação crescente do espírito divino em nós que chegamos a vencer o eu egoísta. Temos que estudar as coisas de Deus e trazer para nós.

Continua Léon Denis:

“Por que meio poremos em movimento as potências internas e as orientaremos para um ideal elevado? Pela vontade! O uso persistente, tenaz, desta faculdade soberana, permitir-nos-à modificar a nossa natureza, vencer todos os obstáculos, dominar a matéria, a doença e a morte.

É pela vontade que dirigimos nossos pensamentos para um alvo determinado...

... A vontade é a maior de todas as potências... A vontade de viver, de desenvolver em nós vida, atrai-nos novos recursos vitais;...

... A vontade, a confiança e o otimismo são outras tantas forças preservadoras. Outros tantos baluartes opostos em nós a toda causa de desassossego, de perturbação interna e externa.

...Sabei que todo homem pode ser bom e feliz; para vir sê-lo basta que o queira com energia e constância...

...Dirigi incessantemente vosso pensamento para esta verdade: — que podeis vir a ser o que quiserdes. E sabeis querer ser cada vez maiores e melhores... Quando tiverdes conquistado este domínio sobre vós mesmos, não mais tereis que temer os retardamentos nem as quedas, nem as doenças, nem a morte; tereis feito de vosso “eu” inferior e frágil uma alta e poderosa individualidade!”

(*O Problema do Ser do Destino e da Dor* – 3ª Parte – As Potências da Alma – cap. XX – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

Vamos lembrar do ovo, ele cozido fica mais resistente, porque ele passou pela têmpera do fragor da batalha, das decepções, das desilusões. Mas, se querer é poder, por que não consigo me mobilizar para conseguir aquilo que estou desejando? Porque temos esse eu interior, Deus, que na realidade, depois de tantos abusos por nós cometidos, dá uma inibida no nosso livre-arbítrio, porque estamos deixando toda hora o ovo quebrar, precisamos cozinhar o ovo. Então, ele dá uma limitação.

Como Léon Denis diz: eu posso ir aonde desejar pelo meu pensamento, pela minha força interior, porque essa força é divina. Agora, quando uso a força divina que existe em mim, para aquilo que vai me prejudicar, depois de tantos reveses e eu não cozinhei, continuo quebrando toda hora, então vamos sofrer essa limitação.

Por que muitas das vezes não conseguimos atingir um ideal? Porque falhamos no uso do livre-arbítrio e no interiorizar, olhar para dentro de nós mesmos e vermos a centelha divina.

Vou contar um fato real: a pessoa estava bem na vida, mas não conseguia ir adiante. Empregava e perdia o emprego. Isso duas, três décadas atrás. A pessoa escreveu ao plano espiritual e Dr. Hermann respondeu dizendo que eram providências dos benfeitores espirituais, porque ele fez mau uso das possibilidades lá atrás, por isso agora as coisas estavam difíceis, mas que ele se conformasse. E ele deveria aprender a estar num meio corrompido sem se corromper.

Temos vários exemplos de perseverança, mas nenhum me fala tão alto ao coração do que o da Dona Yvonne do Amaral Pereira. Eu aprendi que, na adversidade não devemos abaixar a cabeça e sim enfrentar.

Perseverança (definição do dicionário) – Qualidade ou ato de perseverante.

Perseverante (definição do dicionário) – Que persevera.

Perseverar (definição do dicionário) – Persistir, continuar, conservar-se firme e constante, permanecer sem se mudar ou variar de intento.

Dona Yvonne tinha um objetivo: se elevar aos olhos de Deus e do Cristo. E a doutrina espírita foi um móvel, um instrumento que ela utilizou.

Uma ocasião, ela passou uma dificuldade muito grande e um amigo disse para que ela perdoasse a pessoa que tinha causado tanto transtorno. Ela não conseguiu perdoar, porque seu orgulho não deixou.

Dona Yvonne teve que abater uma última coisa que restava nela, o orgulho. Os guias exigiam dela o perdão. Essa falta de perdão gera doença. Ela passou por essa têmpera toda e hoje é um espírito resistente. Na última encarnação, ela não teve dor no corpo físico e mas teve a dor moral. Ela foi perseverante, não desistiu em momento nenhum. Foi uma vida de quem tinha que superar a si mesmo, vencer todas as dificuldades e circunstâncias.

A proposta de Jesus para nós tem 4 itens: não criticar, não acusar, não julgar e muito menos condenar, que ele fecha com o comportamento da mulher adúltera.

Vamos lembrar do Salmo: “o Senhor é o meu pastor e nada me faltará”. Se isso estiver bem dentro de nós, venceremos. E no Eclesiastes que diz: “há tempo de plantar e tempo de colher; há tempo de rir e tempo de chorar”. Temos que saber conduzir a situação como ela se apresenta e perseverar no propósito de sedimentar o núcleo interno, esse Deus que existe em mim.

Dona Yvonne não tirou proveito da doutrina espírita e não colocou nada como dela.

Autoconhecimento eu fui buscar em Santo Agostinho, em *O Livro dos Espíritos*, questão 919.

Fora da codificação podemos até ganhar notoriedade, ganhar dinheiro, fazer palestras, o mundo todo nos reconhecer, mas a queda vai acontecer, porque começamos a nos envaidecer. A notoriedade é um fator de queda.

O conhecimento de si mesmo é a proposta de Léon Denis, olharmos para o nosso interior e reconhecer as nossas dificuldades. A doutrina espírita ensina que é fator de doença para mim, de desequilíbrio do espírito. Eu tenho que trabalhar isso.

Intervenção: Ninguém muda ninguém. Só a criatura quando se convence que precisa mudar, ela consegue fazer a mudança.

Eulina: Só, porque a esse eu íntimo só ela tem acesso.

Pergunta: Da maneira como você colocou representa o” brilhe a vossa luz” que Jesus disse?

Eulina: Exatamente. Quando a gente consegue perceber essa centelha divina que nós somos, começamos a irradiar e a brilhar como o sol.

Intervenção: Só se consegue fazer brilhar essa luz, que é o eu interno, quando se consegue harmonizar e equilibrar-se interiormente e vencer as cascas do desrespeito das leis, para o que ele alcançou em termos de equilíbrio interior, poder irradiar em sintonia com o Criador.

Eulina: Exatamente.

Intervenção: Ernesto Bozzano, no livro *Pensamento e Vontade*, mostra de forma gráfica essas camadas do consciente profundo e do superficial. Ele diz que o consciente profundo é a bagagem que o espírito vem carregando. No caso da Dona Yvonne, ela vem com aqueles registros no consciente profundo, vem caminhando com ele nas várias existências. O espírito vem caminhando e nunca quer mexer no baú, porque é o que se é realmente. Vai-se trabalhando a casca, mas o eu profundo, que é o registro do espírito transportado vida após vida, esse, um dia, ele tem que acertar contas com a lei.

Eulina: E só tem esse jeito para chegarmos à questão do equilíbrio. Por isso trouxe Dona Yvonne.

Intervenção: Na realidade, nós estamos rompendo essas barreiras, não porque já atingimos esse grau de perfeição, mas porque estamos nos conhecendo para trabalhar essas dificuldades

Eulina: Exatamente. Nós temos a doutrina espírita com um suporte muito grande para termos essa coragem. Porque já temos a informação de que somos imortais e vamos retornar.

Nós queremos a felicidade. Quem está feliz tem doença, tem insatisfação? Não. Deus nos criou para sermos felizes.

Pergunta: Muitas vezes, nós não temos coragem de buscar por nós mesmos a solução desses problemas. Trazer para fora o que temos internamente. Aí, a lei com os mecanismos da reencarnação, joga a gente em determinadas situações para vivenciarmos, e as necessidades e lutas é que vão fazendo isso aflorar. Seria dessa maneira?

Eulina: Com certeza.

Conhecimento de si mesmo

919 – *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?*

“Um sábio da antigüidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo.*”

a) *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

“Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: “Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?”

“Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

“O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avarento se considera apenas econômico e previdente; o orgulhosos julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na poderia ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de Sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, conseguintemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

“Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! Que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a idéia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos *O Livro dos Espíritos*.”

SANTO AGOSTINHO.

(*O Livro dos Espíritos* – Allan Kardec – Parte 3ª – Cap. XII – Questão 919 – Ed. F.E.B.)

Se tivermos coragem de entrar no nosso eu mais profundo e começar a trabalhar a nossa dificuldade, vai doer, vamos chorar, porque o orgulho é um terror na nossa vida, mas vamos conseguir.

Evangelho: Aceitação e Prática

Aula dada por Deuza Nogueira – 20/05/06

Nosso tema é: Evangelho, a aceitação e prática. Vamos ver isso inserido na questão “Bem-aventurados os aflitos”.

A palavra Evangelho quer dizer boa nova, a boa notícia. É um convite que, teoricamente, pela palavra, haveria de dar saúde, dar qualidade de vida. Se não está dando, tem alguma coisa contrária.

Nós tivemos um estudo para o Encontro do Livro dos Espíritos no ano em que trabalhamos a desencarnação e há um estudo científico da Dr. Margareth Ross, em que ela trabalhou com pacientes terminais. Para esses pacientes terminais ela elaborou umas questões sobre a desencarnação. Porque existem características que ocorrem com todo mundo. Porque podemos usar a mesma variável para uma doença ou para o momento em que passamos por uma contrariedade qualquer. Porque a contrariedade pode gerar em nós a perda da qualidade de vida. Posso gerar um carocinho a partir de uma situação adversa, que é a chamada contrariedade.

Ver Gráfico na Página 47:

O momento em que se recebe a notícia da doença, a notícia desagradável, um fato que nos causa uma dor qualquer. Qualquer notícia. Uma notícia acerca de mim mesma ou de alguém que vai me causar uma aflição, um desequilíbrio, que vai me tirar daquele estado que eu considero como normal, como bem estar.

Uma outra variável é o tempo. Até chegar a doença ou a cura. Porque dependendo de como me comporto, de como passo pelas situações, aonde eu vou ou onde paro, posso chegar a uma cura ou posso agravar o meu estado. Ela foi observando que a primeira coisa que acontece é o choque, é o momento em que tenho a notícia desagradável. Então eu vou ao médico e descubro o carocinho, vem o impacto. O impacto é tão esperado que eles mandam que a pessoa venha acompanhada por um familiar. A pessoa tem o choque, no momento. A partir do choque vai passar pela fase da negação: “Não é isso não, não tenho nada. Vou procurar outro médico.” É essa a fase da negação, a partir do choque.

Tem gente que fica em estado de choque durante um tempo muito grande sem se dar conta. Temos uma companheira que teve um filho que desencarnou aos 14 anos e ela só foi se dar conta da desencarnação dois meses depois, porque ela estava no chamado estado de choque. No choque há uma imobilidade, a pessoa fica parada. A partir daí vem a negação, depois vem a raiva: “Por que isso aconteceu logo comigo?” Essa raiva pode se traduzir em gestos externos: socar coisas, se socar, começar a agredir as pessoas. Ou entrar num mutismo, num fechamento, não quer ver ninguém, não querer tomar banho, etc.

A partir da raiva, começa a barganha: “Bem, se eu sair dessa eu...” Começo a fazer um monte de promessas. No nível espiritual só fazemos isso. “Estou trabalhando no bem para não enlouquecer.” É barganha. Como católico fazia promessa. Como protestante faço voto. Como espírita faço projeto. “Se eu conseguir sair dessa vou dar mais horas no trabalho do bem. Vou começar a me dedicar mais às crianças.” A partir daí, dessa barganha, eu vou ter uma depressão. Por quê? Porque pode dar certo ou não. Essa insegurança, essa instabilidade é o que a doutora chama de depressão, que pode ser reativa, uma forma de reagir aos estímulos. Mas pode ser também preparatória. Ela vai ser preparatória para a aceitação, a que posso dar o nome de obediência, e a resignação, que é o consentimento do coração.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo IX, Bem-aventurados os Mansos e Pacíficos, item 8, Obediência e Resignação:

“A doutrina de Jesus ensina, por toda a parte, a obediência e a resignação, duas virtudes que acompanham a doçura, e que são muito ativas, embora os homens as confundam, erradamente, com a negação do sentimento e da vontade. *A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração.* As duas são forças ativas, pois levam o fardo das provas que a revolta insensata deixa cair. O covarde não pode ser um resignado, assim como o orgulhoso e o egoísta não podem ser criaturas obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes que a antigüidade materialista desprezava. Ele veio no momento em que a sociedade romana naufragava nos desmandos da corrupção; Ele veio fazer brilhar, no meio da humanidade oprimida, os triunfos do sacrifício e da renúncia à sensualidade.

Cada época é marcada pela virtude ou pelo vício que deverão salvá-la ou perdê-la. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo, somente, atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre, sozinho, os horizontes que a multidão só verá depois dele, enquanto que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um objetivo menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos ao impulso que viemos dar aos vossos espíritos; obedeci à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Infeliz do espírito preguiçoso, daquele que fecha o seu entendimento! Infeliz dele! Porque nós, que somos os guias da humanidade em marcha, o chicotaremos, e forçaremos a sua vontade rebelde, com o duplo esforço do freio e da espora; mais cedo ou mais tarde toda a resistência orgulhosa deverá ceder, mas bem-aventurados os que são mansos, porquanto ouvirão docilmente os ensinamentos. (Lázaro. Paris, 1863.)”

(*O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Allan Kardec – Cap. IX – item 8 – Edições CELD)

Eu acho quase sempre que o obediente é servil: “Fulano é obediente porque não tem muita vontade, não tem determinação, não sabe o que quer da vida, com isso ele só obedece. No dia que ele for criativo, tiver mais autonomia, ele vai ser diferente.”

O Evangelho diz: “A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração.” Como é que se estrutura a nossa razão? Através daquilo que eu conheço. E eu conheço através do acúmulo de experiências. Na verdade o raciocínio e a razão são resultados da organização de tudo aquilo que experimento, analiso e concluo. Esse é o processo da formação da racionalidade nossa como espírito. Por isso, que eu só recito o que o outro falou não é racional, é fanatismo. Isso é que vai nos diferenciar no momento da questão, porque cada um de nós tem experiência de um modo. Então, a obediência é o consentimento da razão, porque ela vai ser fruto da minha experiência, da minha análise e da minha conclusão que aquilo é o melhor para mim. E o tempo vai continuar interferindo nesse processo.

Tem situações, e aí não é tem pessoas não, dizem que tem pessoa que concluem em menos tempo, não existe isso. Há áreas da nossa vida em que nós conseguimos concluir, racionalizar num tempo menor e há outras áreas que demoramos mais. Porque nosso desenvolvimento, nossa evolução não é uma linha reta. Às vezes, num setor da minha vida consigo vivenciar muito bem, mas no outro tenho uma dificuldade danada, porque sou pobre de experiência naquele setor, então vai demorar um pouco mais.

A resignação é o consentimento do coração. Só há resignação quando a emoção está integrada, senão não é resignação. Para ter resignação como o Evangelho diz tem que haver o sentimento de humildade.

Hammed no livro *Renovando Atitudes* diz que humildade é o saber aquilo de que sou capaz de fazer ou não. Então, eu serei humilde naquele momento em que digo que sei fazer um bolo muito bem? Serei, porque sei fazer. Agora se Fulana pede para eu fazer um bolo e eu respondo: quem sou eu para fazer um bolo para você. Eu estou sendo humilde? Não, isso é o estereótipo da humildade. Dentro de mim é o orgulho, não quero me expor, vai que eu faço o bolo e a Fulana não goste ou saiba fazer melhor do que eu. Mas, aí eu não estou competindo com ela para fazer melhor, mas eu sei que aquilo que eu faço fica agradável ao paladar. Por quê? Pela a razão. Que razão é essa? Já fiz, já analisei e concluí que é isso. Então, vamos observar que essa resignação, na verdade, vem a partir da razão.

Os espíritos nos falam em *O Livro dos Espíritos* o porquê do desenvolvimento intelectual vir antes do desenvolvimento moral: porque tem que haver discernimento. Não é ser bonzinho. Não é ser bom por acaso. Ser bom, ser virtuoso é uma escolha do espírito e, para escolher temos que conhecer. Para eu, emocionalmente, aceitar alguma coisa, tenho que conhecer, que compreender. O que não compreendo, não aceito, não resolvo.

Logo após a aceitação vem a resignação. Eu não posso ser resignado sem aceitar. Uma pessoa ficou viúva e era um amor muito grande, um casal muito unido. Ela estava lá segura. Quando veio tomar passe de cura o Dr. Hermann colocou a mão nela e disse: “Chora tudo o que você tem que chorar agora.” Porque aparentemente havia uma resignação, mas a coisa não estava resolvida. Depois que ela chorou aquilo tudo, Dr. Hermann deu a explicação do porquê da desencarnação do marido naquele momento, daquela forma e tão cedo. Aí ela entendeu, no que ela entendeu, aceitou e a resignação veio. Não pode haver resignação sem haver aceitação, e aceitação é obediência e o entendimento de que se Deus sabe mais, seus desígnios são melhores do que os

meus, e suas decisões são mais sábias do que as minhas. Enquanto eu não experimentar, analisar e concluir na minha vida a bondade de Deus, continuarei desobediente, por mais que apresente do lado de fora outra posição. Algumas pessoas falam: “Fulano ia tão bem de repente...” Ele não ia tão bem, não teve “de repente”, porque não há na lei Deus retrocesso na marcha. Ele até achava que ia bem, porque não havia uma obediência, uma aceitação. Havia uma acomodação, uma adaptação. No momento que vem a notícia, que há o choque do conhecimento da situação desagradável, a criatura descobre que não havia uma estrutura nela.

O Evangelho completa dizendo: “Obediência e resignação são duas forças ativas.” Ativas porque eu não sou obediente e resignada só na minha cabeça não, sou obediente e resignada nas atitudes do dia-a-dia da vida. Cada vez mais a doutrina vai se tornando um desafio para nós. Porque, quando passamos no tempo de espírito por outras situações religiosas, éramos religiosos no lugar. Tínhamos a igreja, o templo, o altar para ser religioso. A doutrina desafia. Como? “Você é religioso onde você estiver.” Mas por quê? Porque atitude é ação, a vida é ação. Obediência e resignação são atitudes ativas. Vamos colocar ativa como oposição a reativa. Isso é importantíssimo para o processo de saúde e doença.

O que é reativo? Eu ajo de acordo com as circunstâncias. Quando tudo na minha vida vai bem estou feliz. “Como é que você quer que eu esteja bem se está acontecendo isso, assim, assim.” Isso é a posição reativa. Eu coloco do lado de fora a determinação da minha vida. É o meio que está determinando como eu devo ser e aí vai ser mais difícil. Porque o meio nem sempre vai me aplaudir, me acariciar.

Emmanuel tem uma frase que diz assim: “A experiência é o que é. As pessoas são o que são.”

Eu estou lembrando uma experiência ocorrida com um amigo. Em função do seu trabalho na época em que poucos tinham carro importando, ele tinha. De repente, um carro velho bateu na porta do seu carro. A pessoa que bateu desceu do carro reclamando e meu amigo disse: “Calma, foi só uma porta, não houve problema com ninguém. Eu tenho seguro.” Conclusão: ele ganhou um amigo. O homem ficou sem ação, e depois falou que não foi pela batida, foi pela atitude que ele não esperava. Porque nós ficamos esperando a reação.

E o que é ser ativo? É se determinar a fazer. Ação é isso, passa pelo pensamento e pelo sentimento. Pensamento mais sentimento vão gerar discernimento. Ninguém é obediente ou resignado por acaso ou sem querer. A obediência e a resignação são escolhas do espírito e isso é o discernimento. Por isso, o Evangelho vem dizendo que são duas virtudes ativas, pois levam o fardo das provas que a revolta insensata deixa cair. A revolta no gráfico aparece na raiva e vai destruindo a saúde. A raiva destrói os anticorpos e desequilibra o sistema imunológico.

A obediência e a resignação têm como resultado a serenidade. A serenidade, primeiramente, dá uma pausa para meditarmos. Se conseguirmos antes de reagir dar uma respirada e pensar, a atitude vai ser melhor. Se parássemos para pensar um pouquinho mais não faríamos certas coisas. Até um gasto, se parássemos um pouquinho, não faríamos..

Estou me lembrando de uma pessoa que estava comprando uma casa financiada e estava preocupada. Frequentava um centro e foi conversar com o diretor, um médium muito ativo, que orientou que ela aguardasse um pouquinho mais. A pessoa não esperou e passou o apartamento. No dia seguinte a política de habitação mudou e ela perdeu um excelente apartamento e foi morar num lugar longe, numa casa grande demais o que acabou afetando sua saúde. Aí vem a questão da confiança. Se ao longo do tempo, eu, na prática com a espiritualidade experimentei, analisei e concluí que quando eles orientam num campo qualquer, onde quase sempre eles não se metem, quando se metem aquilo, é efetivo, eu devo aceitar. Agora se não trabalho isso fico sendo reativa e não tendo discernimento das coisas.

Continua o Evangelho:

“...Infeliz do espírito preguiçoso, daquele que fecha o seu entendimento! Infeliz dele! Porque nós, que somos os guias da humanidade em marcha, o chicotearemos...”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – Cap. IX – item 8 – Edições CELD)

Quem é o preguiçoso? Aquela pessoa que foge do discernimento. Isso é doença da alma. No aspecto que eu sei que vou ser bem sucedido, eu não tenho. Mas, naquilo que sei que posso errar eu prefiro que a vida me leve, por causa do meu orgulho.

Continua o Evangelho:

“...com o duplo esforço do freio e da espora; mais cedo ou mais tarde toda a resistência orgulhosa deverá ceder, mas bem-aventurados os que são mansos, porquanto ouvirão docilmente os ensinamentos.”

(*O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Allan Kardec – Cap. IX – item 8 – Edições CELD)

Quem é o manso? O estado de mansidão é o estado de serenidade, que demora um tempo. A serenidade leva a esperança.

Toda a vez que estou sereno estou esperançoso? Pensei na minha vida. Toda vez que eu tenho serenidade é porque tenho certeza que vai dar certo. Porque quando não tenho a certeza fico ansiosa, em qualquer situação; mesmo que o certo não seja uma expectativa anterior, mas a serenidade me faz renovar o planejamento.

Eu penso muito na desencarnação do meu filho. Eu tenho serenidade, porque tenho certeza dele ser filho de Deus, do encaminhamento a ser dado. Isso é uma esperança que alimenta a serenidade. É algo individual, intransferível, não se consegue passar para o outro. É uma estrutura que se tem dentro de si.

A serenidade é a esperança alicerçada pela fé raciocinada, que é a base de tudo.

“Ah! o passe não adianta, a água fluidificada não adianta, o receituário não adianta.”

Adianta sim, eu tenho que saber aproveitar e usar esse recurso senão vai ficar na superfície.

Lembro de uma experiência que aconteceu com um companheiro. Ele saiu da casa espírita tarde e dependia de condução. Estava com alguns vales-transporte no bolso. O ônibus é assaltado e ele diz que não tem nada para dar só o vale-transporte. O assaltante vira e diz: “— Vai passando porque você sabe o que vai acontecer.” Ele responde: — O máximo que pode acontecer é você matar o meu corpo. Teve que explicar para o assaltante o que era matar o corpo, porque ele quis saber o que era aquilo. Se eu sei que de qualquer jeito o meu corpo vai morrer, mas sei que não sou esse corpo, o meu investimento em termos de qualidade de vida é maior do que aquele que sabe que é só o corpo. Porque quem acha que é só o corpo vai investir em coisas relacionadas ao corpo e vai ter frustrações.

Uma amiga foi fazer uma lipoaspiração no abdômen e a cicatrização deu um problema. Teve que fazer uma plástica na cicatrização, que não ficou perfeita. Ficou de licença por depressão. Ela não investia nela, investia em coisas. Quando invisto em coisas, no que está do lado de fora, é a questão da reação, eu não sei se as coisas responderão de acordo com o que eu quero. Mas quando invisto em mim, sou dona dessa resposta. Quem tem a certeza da vida futura, tem qualidade de vida maior do que quem não tem essa certeza, porque o investimento em si mesmo é melhor.

Quando eu tenho a certeza que vou sobreviver ao meu corpo isso é fantástico. No trabalho de visita aos enfermos vemos muito isso. Aquele paciente que tem a certeza que vai sobreviver ao corpo, que delícia que é a visita. O assunto é de dor, temos que dar o passe, mas a criatura tem uma predisposição boa que não nos suga. Gasta-se fluido, mas somos realimentados pela certeza que ele tem. Ele manda sentimentos de gratidão, esperança, bondade, valorização do momento em que estamos ali.

Outro ponto fundamental é a certeza de que a vontade de Deus é a melhor opção. Vamos ver, na nossa encarnação, o momento em que a vontade de Deus contrariou a nossa, e passado o tempo agradecemos que aquilo não aconteceu, porque seria uma confusão. À medida que eu vejo que a lei de Deus vai funcionando para minha felicidade, vejo que é a melhor opção. Essa certeza vai me dando qualidade de vida. Eu gerencio aquilo que consigo da forma que eu sei. Mas existe uma lei que é superior à minha e, como a lei é de amor, no momento que eu não souber atuar da melhor forma, a lei vai atuar e funcionar. Isso vai dar segurança ao espírito.

Vejam a conclusão da Doutora Margareth, à medida que vou tendo essa certeza o tempo vai diminuindo a dor e o sofrimento.

Alguém pode dizer: “Eu conheço tanta gente que é obediente, resignado, sereno, tem a certeza da vida futura e mesmo assim morre doente. Não vê o Chico. Chico morreu doente? O corpo do Chico estava doente, mas ele já estava curado há muito tempo.

Ignácio Bittencourt sempre falou da medicina espiritual e do passe. O objetivo da cura é mostrar a bondade de Deus e ela seria muito pequena se fosse manifesta só no nosso corpo. Porque o corpo acaba. O investimento de Deus é em nós. Quando eu tenho a certeza desse grande investimento de Deus e da espiritualidade em mim, já estou me curando. Porque vou sentir coisas, vou agir de um modo que, mesmo que o corpo não funcione bem há a melhora.

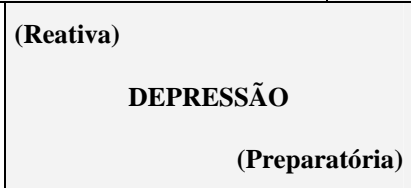
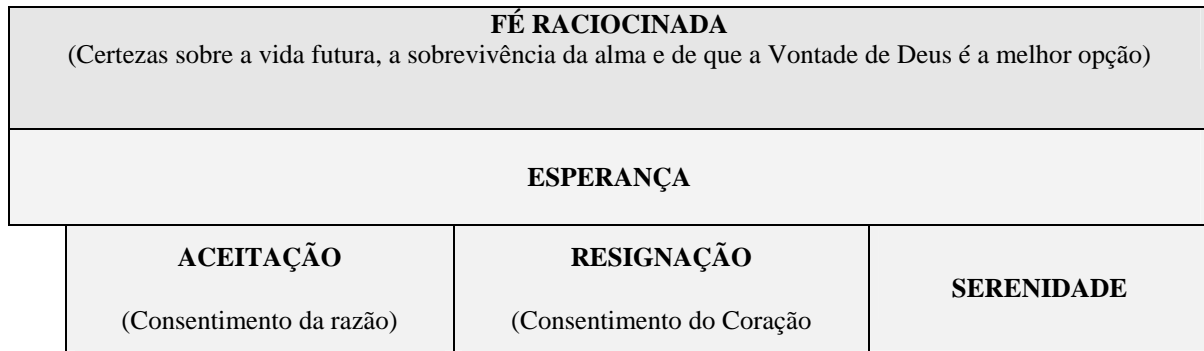
Temos a endorfina que é uma substância que o nosso corpo produz, é o físico, mas que resulta da nossa atividade mental, do nosso pensamento. Temos o exemplo da Lourdes Souza. O médico deu de 3 dias a 6 meses de vida. Ela implantou o trabalho de higiene na Mallet, catar piolho, ensinar assepsia, banho. Quando ela chegava no INCA os médicos queriam entender o que acontecia. As crises ao invés de encurtarem se espaçaram. Ela dizia: “A lei de Deus é justa, tem um porquê. Enquanto eu tiver cabeça para pensar, para orar, ler e boca para falar, estou no lucro.”

Eu pergunto: a Lourdinha morreu doente? Em relação a mim ela desempenhou uma missão. Em função da fé raciocinada.

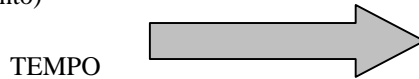
Esse é o grande gancho da questão da cura na medicina espiritual, porque as pessoas vêm em busca do milagre e milagre é a transgressão de uma lei. Temos que mostrar que o simples fato de acontecer uma cura física, não é garantia de felicidade para ninguém. Eu posso estar com o meu corpo funcionando perfeitamente e estar profundamente infeliz. Como posso estar com o corpo todo destrambelhado e estar bem. Aí lembro de Jerônimo Mendonça. Era um jovem belo, atlético e veio a degeneração e ficou tetraplégico. Era uma criatura feliz. Fez um trabalho assistencial imenso.

Jerônimo Mendonça e Chico Xavier levaram Roberto Carlos a dizer que respeitava a Doutrina Espírita e todas as doutrinas que levam criaturas como Jerônimo e Chico, mesmo numa situação de maior dificuldade, a terem alegria e a nos ensinarem a viver. Isso é a cura.

Quando eu descubro o porquê fico doente, já resolvi. A dor é um sinal para eu descobrir o que está funcionando em mim, a dor não tem razão de ser. Mesmo o corpo continuando ali a dor não vai ter aquela relevância. Até porque mentalmente vou passar a buscar a cura. Quando busco a cura, automaticamente, me qualifico.



- * RAIVA
- * NEGAÇÃO
- * CHOQUE (Momento)



OS ESTÁGIOS DO MORRER – CONDIÇÃO ESPÍRITA
(Adaptado do Livro *Sobre a Morte e o Morrer*)

Jesus – O Médico das Almas – As Curas de Jesus

Aula dada por Lúcia Ventura – 25/05/06

Segundo a Organização Mundial de Saúde a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente ausência de doenças ou enfermidades.

Numa retrospectiva de 20, 30 anos atrás, o conceito de saúde era totalmente diferente. O conceito era não ter doença. E nisso se esqueciam as questões da mente e do social.

Se eu moro numa comunidade em que o esgoto corre a céu aberto, não tenho água encanada, dificuldade de energia elétrica, eu já não posso dizer que sou uma pessoa saudável. Hoje, pela OMS, muda o entendimento.

Se eu estou muito triste, muito aborrecida por um problema, não posso dizer que tenho saúde. Podemos ver que a ciência material, aos poucos, caminha para o entendimento que nós temos na doutrina espírita do que realmente seja saúde.

Somos espíritos doentes, porque se não fôssemos, reencarnaríamos em mundos mais evoluídos, onde não existe pobreza, doença, dor e as dificuldades que enfrentamos no planeta Terra.

A definição oficial de saúde está começando a caminhar para a visão mais ampla do que seja doença e saúde.

Doença é qualquer dificuldade que eu tenho na área mental e quando se entra na área mental estamos na moral e também na área social.

Questão 95 do livro *O Consolador*:

95 – Em face dos esforços da Medicina, como devemos considerar a saúde?

R: Para o homem da Terra, a saúde pode significar o equilíbrio perfeito dos órgãos materiais; para o plano espiritual, todavia a saúde é a perfeita harmonia da alma, para obtenção da qual, muitas vezes, há necessidade da contribuição preciosa das moléstias e deficiências transitórias da Terra.

(*O Consolador* – espírito Emmanuel – psicografado por Chico Xavier – Questão 95 – Ed. F.E.B.)

Além de vermos a questão física, mental e social vamos adentrar na questão do nosso progresso espiritual. Para que tenhamos saúde temos que passar pelas necessidades que a moléstia e a deficiência trazem para nós.

Olhamos para uma criatura e dizemos: coitadinho é deficiente mental; pobrezinho é surdo; tem aquele problema na mão. Ficamos dizendo: pobrezinho, coitadinho, quando na realidade essa deficiência veio justamente como mecanismo de reajuste para a criatura. Aquela doença-deficiência é o remédio para nossa saúde espiritual. É uma necessidade do espírito passar por determinadas doenças.

Emmanuel diz que é uma contribuição preciosa. Nós ainda temos dificuldade de entender, vemos a doença como algo horroroso. E esquecemos que ela é transitória. É da lei de Deus que o ser progrida, então a dor vai ser transitória. Se a pessoa não quiser acompanhar o progresso, uma hora ela vai ser levada de roldão, não tem como. Ou por cansar de sofrer, ou por ser levada nesse “caixote” espiritual, ela vai ter que aprender. Pode ficar dez encarnações doente, mas num momento ela vai ter que perceber que tem que agir de outro jeito e isso depende de cada um de nós.

No livro “*Por que adoecemos?*”, comenta-se que essas nossas doenças podem ter causas próximas, relativas à vida atual. Divide em dois aspectos: as que são provocadas diretamente por nós. Eu como de mais ou de menos; ingiro substâncias tóxicas e enveneno o meu organismo, ou não cuido dele de maneira a preservá-lo da melhor forma possível. É uma causa próxima provocada por mim mesma. E há as causas próximas ligadas a outras pessoas, ou seja, substâncias tóxicas que minha mãe ingeriu durante a gravidez: uso do cigarro, álcool, comportamentos que levaram a ter uma gravidez problemática ou que de alguma forma atingiu ao bebê. E na convivência familiar, a maneira como eu fui educada. Fui educada a ter hábitos de higiene, a preservar meu corpo, olhar para ele como uma coisa divina que Deus me deu e preciso cuidar. Se eu não tenho essa consciência e meus familiares não trouxeram essa informação para mim vou dilapidando meu corpo ao longo da existência.

Depois aborda as causas remotas, ligadas ao passado. As causas remotas podem ser classificadas em dor expiação e dor auxílio. A dor expiação vem de dentro para fora, porque está diretamente ligada ao que eu fiz de errado a mim mesma ou a outra pessoa em outra encarnação. Eu

prejudiquei alguém, dei um tiro no coração, em outra encarnação, nessa venho com um problema no coração para poder sentir a dificuldade que o companheiro passou por minha causa. Ou até nas causas próximas em que abusamos da bebida, sexualidade, drogas e numa encarnação eu venho com um problema digestivo de nascença, tenho dificuldades relacionadas à saúde para expiar.

A dor auxílio não é uma expiação e sim uma prova, vai nos restringir para que não cometamos os erros que já cometemos no passado.

Perguntaram-me, hoje, o seguinte: uma pessoa que vem deficiente mental, em que isso vai ajudá-la a progredir? Às vezes é um momento em que o espírito fica preso, o corpo não permite que o espírito haja, mas enquanto ele está preso no corpo, ele tem a noção das coisas à sua volta. Ele vê as oportunidades que está perdendo.

Eu fui num abrigo de pessoas com diversos tipos de deficiências, mas principalmente deficiência mental. Tinha um setor em que as pessoas que quisessem podiam entrar e ajudar aos que estavam internados. Tinha um outro setor em que só se podia entrar para olhar, mas acompanhado e um outro onde não se podia entrar. Percebíamos que tinha espírito que estava numa situação de prova, de aceitação, sentíamos um brilho no olhar, um sorriso. E tinha outros que expiavam. No setor em que entrávamos acompanhados, percebíamos o olhar de revolta por estar ali. Pelo olhar, pelo semblante, dava para perceber a sutileza do que é a dor para um e para outro.

Lembrei-me de uma historinha sobre Gandhi: uma mãe foi falar com ele pedindo que convencesse o filho dela a parar de comer açúcar. Gandhi pediu que ela trouxesse o menino. Ela voltou e ele não conversou com o menino nada sobre o açúcar e mandou que voltasse dali a um mês. Um mês depois, ela voltou e então Gandhi falou com o menino. Quando ela o questionou, ele respondeu que primeiro, ele, Gandhi, tinha que parar de comer açúcar para depois falar com o menino para parar. Olha a consciência de Gandhi, de passar pela experiência.

A dor evolução é de fora para dentro. Seriam aquelas coisas que não temos como controlar. A morte de um ente querido vai nos fazer sofrer. Aí a pegamos a definição de saúde ligada à questão mental: se estou sofrendo pela morte de um ente querido, eu não estou em pleno vigor da minha saúde, estou doente. É aquela dor evolução, que vai me atingir, mas vai trazer um aprendizado. Tudo é dor evolução, porque estamos aqui para aprender.

Se a dor expiação é do indivíduo que ainda não entende a lei de Deus, ele vai passar para fazer um aprendizado. Se a dor auxílio está cerceando para ele não fazer besteiras, também é para a evolução dele. E a dor evolução também é para a pessoa aprender alguma coisa, então é sempre para nossa evolução.

A contaminação fluídica seria o estabelecimento de determinadas sintonias, por processo obsessivo, por estarmos pensando o que não deveríamos e atraímos espíritos na mesma sintonia. São as ligações que estabelecemos com o plano espiritual.

Questão 96 do livro *O Consolador*:

96 – Toda moléstia do corpo tem ascendentes espirituais?

R: As chagas da alma se manifestam através do envoltório humano, o corpo doente reflete o panorama interior do espírito enfermo. A patogenia é um conjunto de inferioridades do aparelho psíquico.

E é ainda na alma que reside a fonte primária de todos os recursos medicamentosos definitivos.

A assistência farmacêutica do mundo não pode remover as causas transcendentais do caráter mórbido dos indivíduos. O remédio eficaz está na ação do próprio espírito enfermo.

Podeis objetar que as injeções e os comprimidos suprimem a dor; todavia, o mal ressurgirá mais tarde nas células do corpo. Indagareis, aflitos, quanto às moléstias incuráveis pela ciência da Terra e eu vos direi que a reencarnação, em si mesma, nas circunstâncias do mundo envelhecido nos abusos, já representa uma estação de tratamento e de cura e que há enfermidades dalma, tão persistentes, que podem reclamar várias estações sucessivas, com a mesma intensidade nos processos regeneradores.

(*O Consolador* – espírito Emmanuel – psicografado por Chico Xavier – Questão 96 – Ed. F.E.B.– grifo nosso)

Vamos nos submeter a um tratamento médico, usar o remédio, ter os recursos materiais necessários, mas a verdadeira cura está dentro de nós. Enquanto não entendermos que a cura está dentro de nós, vamos continuar a ter encarnações com problemas de saúde. Porque a doença é o resultado de burlarmos as leis de Deus.

Joana de Ângelis no livro *Dias Gloriosos* diz o seguinte: “A sementeira do ódio, do ciúme, da inveja, da raiva, da ira e de outros anestésicos do espírito produz vírus e vibriões psíquicos. Ao mesmo

tempo ideoplastias sustentadas pelo pensamento fixo em idéias perturbadoras e agressivas contribuem para o surgimento de toxinas que invadem o organismo.”

(*Dias Gloriosos* – espírito Joanna de Ângelis – Divaldo Franco – Ed. LEAL)

Joanna mostra as doenças morais ligadas ao psiquismo, à mente, que podem gerar a doença física. Porque a pessoa que não perdoa, que guarda mágoa, gera no corpo físico a doença. Sintomatiza a doença em função do desequilíbrio emocional que tenha.

Atualmente, temos uma gama de doenças que se refletem no corpo físico, mas são de cunho espiritual, por exemplo, a depressão. São doenças da alma.

“E, como dizíamos, a Humanidade terrena aproxima-se, dia a dia, da esfera de vibrações dos invisíveis de condição inferior, que a rodeia em todos os sentidos. Mas, segundo reconhecemos, esmagadora percentagem de habitantes da Terra não se preparou para os atuais acontecimentos evolutivos. E os mais angustiosos conflitos se verificam no sendal humano. A Ciência progride vertiginosamente no planeta, e, no entanto, à medida que se suprimem sofrimentos do corpo, multiplicam-se aflições da alma. Os jornais do mundo estão cheios de notícias maravilhosas, quanto ao progresso material. Segredos sublimes da Natureza são surpreendidos nos domínios do mar, da terra e do ar; mas a estatística dos crimes humanos é espantosa. Os assassinios da guerra, apresentam requintes de perversidade muito além dos que foram conhecidos em épocas anteriores. Os homicídios, os suicídios, as tragédias conjugais, os desastres do sentimento, as greves, os impulsos revolucionários da indisciplina, a sede de experimentação inferior, a inquietação sexual, as moléstias desconhecidas, a loucura, invadem os lares humanos. Não existe em país alguma preparação espiritual bastante para o conforto físico. Entretanto, esse conforto tende a aumentar naturalmente. **O homem dominará, cada vez mais, a paisagem exterior que lhe constitui moradia, embora não se conheça a si mesmo.** Atendido, porém, o corpo revelará as necessidades da alma e vemos agora a criatura terrestre assoberbada de problemas graves, não só pelas deficiências de si própria, senão também pela espontânea aproximação psíquica com a esfera vibratória de milhões de desencarnados, que se agarram à Crosta planetária, sequiosos de renovar a existência que menosprezaram, sem maior consideração aos desígnios do Eterno.”

(*Os Mensageiros* – espírito André Luiz – Chico Xavier – Cap. V – Ouvindo Instruções – Ed. F.E.B. – grifo nosso)

O espírito tem todas as possibilidades técnicas e de conforto, mas não conhece a si mesmo e vai criando essa insatisfação consigo mesmo, está faltando alguma coisa. Quando estamos sentindo esse vazio criamos doenças espirituais para nós. São as questões espirituais.

Nos Domínios da Mediunidade temos:

“A doença, como resultante de desequilíbrio moral, sobrevive no perispírito, alimentada pelos pensamentos que a geraram, quando esses pensamentos persistem depois da morte do corpo físico.”

(*Nos Domínios da Mediunidade* – espírito André Luiz – Chico Xavier – Cap. IV – Ante o Serviço – Ed. F.E.B.)

Temos determinados tipos de pensamentos, sentimentos ou de hábitos, marcamos o perispírito. Desencarnamos e continuamos com eles, vamos levar a doença para a vida espiritual e para a próxima encarnação. Precisamos cortar essa seqüência, porque senão levaremos a doença de forma mais grave até para a próxima encarnação.

Do livro *Pensamento e Vida* temos:

“As enfermidades congênicas nada mais são que reflexos da posição infeliz a que nos conduzimos no pretérito próximo, reclamando-nos a internação na esfera física, às vezes por prazo curto, para tratamento da desarmonia interior em que fomos comprometidos.”

(*Pensamento e Vida* – espírito Emmanuel – Chico Xavier – Cap. XIV – O Corpo – Ed. F.E.B.)

Nossa doença, nossa enfermidade é, justamente, porque fugimos das leis de Deus.

O que sabemos, agora, pela OMS e pela doutrina espírita, Jesus já sabia há muito mais tempo. Ele sabia quem poderia curar ou não. Se para um bastava dizer levanta-te e anda, para outro ele dizia: não tornes a pecar. Ele sabia manipular o fluido que tinha e, de olhar a criatura, sabia como agir e realizava as curas.

Em *A Gênese* temos:

“Como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9). Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao

corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava dupla vista, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito à que de ordinário possuem os homens comuns. O mesmo havia de dar-se, nele, com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.”

(A *Gênese* – Allan Kardec – cap. XV – item 2 – 2ª§ – Ed. F.E.B.)

Qualquer dor que Jesus teve no corpo físico, para ele não era nada, porque sabia da transitoriedade, ele “tirava de letra”.

Por que ele não ficou doente e nós ficamos? Vem a questão moral. O medicamento está dentro de nós. Ele sabia usar nós não.

Jesus, sendo espírito puro, tirou a parte mais pura do fluido do planeta para constituir seu perispírito. Ele só pôde pegar do mais puro por ser mais puro.

Dentro do que temos aprendido na doutrina espírita o “como” é palavra chave para nós. Como eu reajo diante das circunstâncias da vida, sejam elas quais forem. Como estou conduzido meu amor, minha saúde, minha doença, minha dificuldade emocional. Posso conduzir com resignação, com aceitação e tento compreender a lei de Deus que, às vezes, é difícil entender, ou vou me rebelar e fazer besteira por causa disso.

Voltando para Jesus, ele só de olhar sabia quem era essa pessoa. E curava ou não de acordo com a análise da criatura.

Jesus não era médium de outro espírito, no máximo seria médium de Deus.

No Evangelho temos:

“9. Nos mundos que alcançaram um grau superior, as condições de vida moral e material são completamente diferentes das da Terra. A forma do corpo é sempre, como por toda a parte, a forma humana, mas embelezada, aperfeiçoada e principalmente purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre, e não está, por consequência, sujeito às necessidades, nem às doenças, nem às deteriorações geradas pela predominância da matéria. Os sentidos, mais delicados, têm percepções que, na Terra, são anuladas pela grosseria dos órgãos. A leveza específica dos corpos torna a locomoção rápida e fácil; em lugar de se arrastar penosamente sobre o solo, ele desliza, por assim dizer, sobre a superfície, ou plana na atmosfera sem outro esforço que o da vontade, da forma que se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos.”

(O *Evangelho Segundo o Espiritismo* – Allan Kardec – Cap. III – item 9 – Ed. CELD)

Jesus e suas curas:

Jesus e a mulher hemorroíssa (mulher que sofre de um fluxo de sangue.) – É o caso em que Jesus caminhando com muita gente em volta, lá pelas tantas, diz que alguma coisa saiu dele. Ele chama de virtude, que era o fluido benéfico dele que produziria a cura. Ele quer saber quem foi. A mulher, tendo coragem, se identifica e Jesus diz: tua fé te salvou, vai em paz e fica curada. Jesus sabia das possibilidades fluídicas, que podia curar e aquela mulher em particular, ele viu a cura, por isso ela teve possibilidade de sugar. Porque se ela não tivesse a condição de fé, continuaria com sua hemorragia.

Tem um caso em que uma pessoa vai pedir ajuda a Jesus para o filho que está num processo de epilepsia, com obsessão. Jesus pergunta se ela crê e a pessoa diz: me ajuda a crer Senhor. Jesus vai lá e cura o menino, mas existe uma incerteza por parte dos familiares.

Jesus produziu as várias curas para mostrar que ele era o enviado de Deus para trazer a mensagem de amor ao próximo. A lei de amor não era muito bem entendida. Não havia a visão de Deus como Pai.

Paralítico de Carfanaum – Jesus está chegando à cidade e apresentam um paralítico deitado num leito. Jesus diz: “Tem confiança. Perdoado estão os teus pecados.” Esse paralítico está

nessa situação por expiação, dificuldades de outra encarnação. Os fariseus questionam e Jesus responde “que é mais fácil dizer que os pecados estão perdoados ou fazê-lo andar?”

Jesus já sabia que ia ter aquele encaminhamento, mas se não soubesse, de repente, aquele companheiro iria continuar paraplégico, mas curado para uma próxima encarnação. Terminaria paraplégico essa encarnação, mas com condições de vir numa outra com todas as possibilidades de locomoção.

Paraplégico da piscina de Betesda – Havia uma piscina natural que jorrava uma água e as pessoas acreditavam que a primeira pessoa que entrasse nela ficaria curada, porque os anjos do senhor estariam movimentando as águas. Dentro de estudos mais modernos, já se sabe que eram águas medicamentosas, águas minerais, dada a força com que a água saía. As pessoas disputavam para serem o primeiro a cair. O paraplégico nunca conseguia ser o primeiro.

Jesus pergunta se ele queria ficar curado. É a questão do querer. Às vezes a pessoa vem para o passe de cura, mas não acredita, não tem convicção que o outro, através do passe, vai poder ajudar e aí fica refratária. Jesus primeiro pergunta se ele quer ficar curado. O paraplégico responde que sim. Então Jesus diz: “levanta, toma teu leito e vai. Não tornes a pecar, para que não te aconteça coisa pior.” É a possibilidade de saber quem é a criatura.

O cego de Betesda – Jesus pega a saliva direto e passa no olho do cego. Vemos a necessidade de algo material para ele acreditar. Ele fica enxergando mais ou menos, não fica logo curado. Jesus, numa segunda vez, coloca as mãos nos olhos e, somente aí, ele volta a enxergar completamente. Vemos a questão associada a algo material e o processo de recuperação.

O cego de nascença – Jesus produz a cura nele. Jesus cospe no chão, faz aquela lama e coloca no olho do cego e manda lavar. Os discípulos perguntam quem tinha pecado se ele ou os pais. Não foi ninguém, é só para mostrar que Deus tem poder através de mim. Esse não tinha nada a ver com a fé em si, mas teve a técnica mais longa de todos. Talvez fosse um espírito mais resignado, compreendesse as leis de Deus.

O cego de Jericó – Ele estava na porta da cidade e Jesus entra na cidade. Ele grita: “— Filho de David tem compaixão de mim.”. Jesus pergunta: “— Que queres que te faça?” novamente a questão de saber o que se está pedindo. Queremos nos livrar de uma dificuldade para cair em outra pior. Jesus produz a cura só falando, nem tocou.

Os dez leprosos – Jesus manda que os dez se apresentem aos sacerdotes da cidade. No meio do caminho eles ficam curados e só um volta para agradecer Jesus e a glorificar Deus. É a questão da ingratidão. Só Deus sabe o que aconteceu com os nove.

A mulher curvada – Durante dezoito anos ela foi obsidiada, mas por um espírito que queria deixá-la curvada de modo que ela não pudesse olhar para frente nem para o alto. Ela procura Jesus e pede ajuda. Jesus também só diz: “Mulher estás livre da tua enfermidade.” Ele impõe a mão e ela segue sem problema nenhum. Aí entra a questão da imposição de mãos.

O médium de cura, pelo olhar pode curar. São raríssimos. Para um vai ser assim, para outro, tem que usar a técnica do passe, para outros o tratamento médico. Jesus deixou sinalizado. A doutrina espírita não trouxe nenhuma novidade, apenas explica melhor o que Jesus deixou sinalizado.

Essa mulher também fica bem, porque devia ter algum merecimento, até porque ela foi ao encontro de Jesus, é o esforço próprio.

O menino epiléptico – Era problema de epilepsia junto com obsessão. Na época de Jesus, esses problemas epilépticos eram desconhecidos, tudo era considerado como problema ligado a espíritos. O pai diz que o filho está possesso de um espírito mudo. O espírito que ali aparecia era para fazer eclodir a epilepsia, mas ele não se manifestava. Jesus diz: “Espírito surdo e mudo sai desse menino e não entres mais nele.” Quando ele fala isso é para afastar os espíritos, porque seu poder magnético já atingiu a epilepsia. Ele resolve as duas coisas ao mesmo tempo.

A filha de Jairo – A menina está num processo de doença, todos acham que ela vai morrer. Quando Jesus chega já está todo mundo chorando achando que ela morreu e Jesus diz: “Não se aflija, crê apenas. Essa menina não está morta, está apenas dormindo.” Era a questão da letargia, não estava morta. Ele fez a imposição de mãos, pela doação fluídica fez com que ela voltasse a reagir.

O conhecimento de Jesus possibilitou várias curas, em situações mais diversas e com métodos diferentes. Vai desde um simples falar, ao tocar, ao produzir uma substância impregnada com seu magnetismo, o pré-conhecimento das pessoas só de olhar: o teu problema é expiatório, mas agora segue teu caminho, não peques mais. Teu problema está resolvido, já conseguiu superar a dificuldade, agora segue em paz. Tua fé te salvou.

Jesus deixou para gente: “Vós sois deuses”. Se somos deuses também temos possibilidades. Mas não sabemos ainda trabalhar com elas, não sabemos acionar de modo que elas tenham uma potencialidade maior em nós. E “Brilhe a vossa luz”. Porque em nossa luz brilhando vamos irradiar e vai ser como a sombra de Pedro, como a mulher hemorroíssa que só de tocar na veste, mas temos que trabalhar um bocado para isso.

Dentro do Encontro de Medicina Espiritual é lembrar a palavra de Emmanuel dizendo que o remédio está dentro de nós, precisamos aprender a acionar.

O Perdão

Aula dada por Nilcea – 29/06/06

“Um dos companheiros trazia ao culto o evangélico enorme expressão de abatimento.

Ante as indagações fraternas do Senhor, esclareceu que fora rudemente tratado na via pública. Vários devedores, por ele convidados a pagamento, responderam com ingratidão e grosseria.

Não se internou o Cristo através da consolação individual, mas, exortando evidentemente todos os companheiros, narrou, benevolente:

Um grande explicador dos textos de JOB.....

Amparado, certa ocasião, um aprendiz irrequieto que freqüentes vezes se lamuriava de maus tratos que recebia na praça pública, saiu pacientemente em companhia do discípulo, pelas ruas implorando esmolas... para o templo.

A maioria dos transeuntes dava ou negava, com indiferença, mas, numa esquina movimentada, um homem vigoroso respondeu-lhes à rogativa com aspereza e zombaria...

... um cavalheiro que nem se dignou responder-lhes à súplica, endereçando-lhes tão somente um olhar rancoroso e duro...

Prosseguiram esmolando..., receberam fortes palavrões de um rapaz a quem se haviam dirigido...

Em seguida, ouviram atrevidas frases de um velho que lhes prometia prisão e pedradas.”

(*Jesus no Lar* – Lição 35 – A necessidade de entendimento – Francisco C. Xavier pelo Espírito Neio Lúcio – Ed. F.E.B.)

“Naquela noite, Simão Pedro trazia à conversação o espírito ralado por extremo desgosto.

Agastara-se com parentes descriteriosos e rudes.

Velho tio acusara-o de dilapidador dos bens da família e um primo ameaçara esbofeteá-lo na via pública.

Quando o Mestre leu algumas frases dos Sagrados Escritos, o pescador desabafou. Descreveu o conflito com a parentela e Jesus o ouviu em silêncio.

E que fizeste, Simão, ante as arremetidas dos familiares incompreensivos?

Sem dúvida, reagi como devia! – respondeu o apóstolo, veemente – Coloquei cada um no lugar próprio. Anunciei, sem reboços, as más qualidades de que são portadores. Meu tio é raro exemplar de sovínice e meu primo é mentiroso contumaz. Provei, perante numerosa assistência, que ambos são hipócritas, e não me arrependi do que fiz...”

(*Jesus no Lar* – Lição 6 – Os instrumentos da perfeição – Francisco C. Xavier pelo Espírito Neio Lúcio – Ed. F.E.B.)

No primeiro texto nós encontramos um ouvinte do culto do lar que era realizado na casa de Simão Pedro. Ele chegou com enorme expressão de abatimento, essa expressão de abatimento foi em função de quê? Ele estava abatido porque foi tratado de forma rude. E não esperava que fosse tratado assim. O Mestre para elucidar a dificuldade enfrentada por esse companheiro, nos trouxe uma parábola. Nessa parábola ele conta que um discípulo de Job, sempre se apresentava irrequieto, que freqüentes vezes se lamuriava dos maus tratos que recebia na praça pública.

No outro texto temos Simão Pedro apresentando um conflito com sua parentela. Ele se encolerizou com seus parentes. Jesus perguntou: “— O que fizeste, Simão, ante as arremetidas dos familiares incompreensivos? Simão respondeu: — Sem dúvida, reagi como devia! – respondeu o apóstolo, veemente – Coloquei cada um no lugar próprio.” Jesus colocou que o que ele fizera diante da incompreensão dos familiares. Ele não disse que Pedro havia sido também incompreensivo. Ouve o revide de Pedro. Ele declarou as dificuldades de seus parentes na presença de muitos.

No Evangelho capítulo X, item 13, Mateus 18, Jesus diz: se o nosso irmão pecou contra nós, o chamemos em particular e acertemos as dificuldades. Pedro anunciou em público e não se arrependeu. Porque acreditava estar certo.

Qual a dificuldade, em comum, apresentada pelos personagens nos dois textos? Dificuldade no trato com as pessoas e com eles mesmos – Relacionamento interpessoal e/ou relacionamento intrapessoal. Como é difícil o nosso relacionamento.

Todos os compromissos que assumimos, desde que ingressamos na fase hominal, é em função do outro. O nosso tendão de Aquiles o saber relacionar-se. Mas é também saber relacionar-se consigo mesmo. Porque se não me amar, como vou conseguir amar o outro?

Às vezes, estamos em conflito com nossas dificuldades e não percebemos. Isso vai interferir no nosso relacionamento interpessoal.

“O homem é um ser social ou é um ser político, são expressões conhecidas que se referem à nossa propensão natural para a vida em sociedade...”

Conforme esclarece a Doutrina Espírita, a vida em sociedade é uma disposição divina pela qual oferecemos à coletividade a nossa contribuição pessoal e dela recebemos o que nos é necessário...

Embora devido à nossa liberdade ainda mal conduzida, a convivência social se ressinta de muitas dificuldades a culminarem nos tristes espetáculos...

A vida social é, no fundo, um grande curso de progresso espiritual em que, vivenciando situações e papéis diversos, caminhamos, lenta, porém, seguramente, para a aquisição da consciência de que somos irmãos uns dos outros, membros da grande família humana.”

(Enfoques Doutrinários – Lição 32)

Nós somos sereis sociais e políticos. A lei de Sociedade é uma lei Natural.

“Liberdade ainda mal conduzida” é o nosso livre-arbítrio, a parcela que ainda possuímos. E temos dificuldade em administrar essa fatia que nos cabe, sempre revertemos em prejuízo de nós mesmos. Muitas das vezes por ignorância somada à rebeldia.

“Embora devido à nossa liberdade ainda mal conduzida a convivência social se ressinta de muitas dificuldades a culminarem nos tristes espetáculos...” Nós, às vezes, nos prestamos a grande espetáculos, infelizes. Imagine o espetáculo de Simão Pedro com seus familiares, não é nada estranho para nós, porque até hoje estamos a experienciar esse quadro.

Questão 766 – *A vida social está em a Natureza?*

“Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.”

(*O Livro dos Espíritos* – questão 766 – Allan Kardec – Ed. F.E.B.)

Tanto a palavra quanto as nossas potencialidade são atributos que nos foram dados para que desenvolvamos habilidades de viver em sociedade.

Qual a causa (o vetor) dessa dificuldade que apresentamos no trato com as pessoas e inclusive conosco? O orgulho, que vem a ser a exaltação da personalidade. Eu sou mais importante que todos vocês. E, se sou mais importante e me coloco em primeiro lugar, o que vai acontecer nos atritos? Se alguém vier, por qualquer motivo, me causar um desgosto, o que vai acontecer? Eu irei revidar, porque sou mais importante. Sempre me colocarei como ofendido. Então, vamos ver exaltação da personalidade, um dos grandes fatores, mas segundo o *Livro dos Espíritos*, os espíritos nos afirmam que a raiz de todas as nossas imperfeições vem a ser o egoísmo. Primeiro o meu lado, em segundo, o seu.

Os espíritos também colocam que apresentamos uma grande dificuldade nas relações, no nosso relacionamento, uma delas vem ser o interesse pessoal. Eu vou me apresentar para vocês como boazinha, desde que vocês não venham arranhar minha vaidade pessoal. Isso vai mexer com o meu amor-próprio, com o meu egoísmo. Eu irei colocar a pessoa no seu devido lugar, porque eu sou mais importante que ela.

No relacionamento encontramos sérios entraves: egoísmo/orgulho; interesse pessoal; apego. Nós somos muito apegados ao ponto de vista. Os meus valores é que devem predominar sobre os valores da outra pessoa. Muitas vezes entramos em conflito em função do nosso ponto de vista. Nós precisamos estar vigilantes para avaliarmos se esse ponto de vista está em consonância com as leis divinas. Porque o ponto de vista é um dos fatores preponderantes para os conflitos. Por que Pedro se desentendeu com seus parentes? Diferentes pontos de vista. Temos que ficar atentos aos apegos aos pontos de vista, ao apego aos bens materiais.

Questão 917 – “De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pode libertar-se...”

(*O Livro dos Espíritos* – questão 917 – Allan Kardec – Ed. F.E.B.)

Outra dificuldade ao nosso bom relacionamento? Estarmos próximo da nossa origem. Eu, como ser a caminho da luz, tenho o direito de não concordar com você. Mas tenho o dever de buscar compreender. Porque estamos mais próximos da origem do que do nosso destino. Mas o que isso nos interessa saber? Muito, porque se nós pensarmos que temos que perdoar a todos, tem que

ser igual ao Dr. Bezerra de Menezes, a Eurípedes Barsanulfo, sim eles são espíritos já com conquistas. Nós, segundo os amigos espirituais, se formos buscar o capítulo IV em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, nas mensagens de São Luís, na necessidade de reencarnação, ele diz que estamos nos primeiros ensaios do uso do livre-arbítrio. No livro *No Limiar do Infinito*, de Joanna de Ângelis, capítulo 2, “Ante o Cosmo”, vamos ver que o nosso sistema solar em comparação com a Galáxia seria quase o mesmo que uma moeda de 25 centavos em relação as Américas. Ela diz que existem no Universo aproximadamente 10 milhões de Galáxias. No sistema solar, segundo Allan Kardec, na Revista Espírita de 1858, o nosso planeta é o terceiro mais atrasado do sistema, que são nove planetas.

Não podemos nos desequilibrar nem revoltar com os nossos deslizes. Senão poderemos entrar em depressão. Ainda temos direito aos erros que cometemos, mas não podemos reincidir nos erros. Temos que dar sempre mais um passo a cada oportunidade concedida por Deus.

Nós fomos treinados ao longo das existências para o revide. Porque não revidar é um ato de covardia. Um outro dificultador que encontramos é a cultura do revide. Nós sempre colocamos: nós temos que nos defender. E o que é nos defender? É não reagir. É agir em consonância com a lei.

Quais as conseqüências dessa causa moral, deficiência, que apresentamos no trato com as pessoas e inclusive conosco? A impiedade, o combate, o revide, a agressão, a mágoa, o ressentimento, o rancor, a ira, a vingança, a ignorância, etc.

Qual o meio de erradicação dessas conseqüências? Precisamos conhecer, para experienciar, interiorizar, através da sabedoria. A sabedoria é a vivência contínua do conhecimento adquirido. Passa a ser um automatismo do seu ser. A educação que nós recebemos era da autodefesa através da agressão, não da compreensão. Precisamos estudar, refletir, meditar, para que possa ser interiorizado.

O Júlio César de Sá Roriz nos apresenta uns passos interessantes. Ele diz que quando nós passamos a tomar conhecimento da Doutrina, nós entramos na Doutrina. Quando começamos a estudar com seriedade a Doutrina, ela começa a entrar em nós. Mas chega um momento em que nós começamos a vivenciar a Doutrina, que é quando a Doutrina sai de nós sob a forma de pensamentos e atitudes em consonância com a lei. Nós estamos precisando de educação. O primeiro estágio da educação é tomarmos conhecimento dos princípios básicos da Doutrina e depois ruminá-los através da meditação. Nós somos seres ansiosos e, por isso, temos dificuldade de ter a tranqüilidade dos orientais, para que possamos meditar em torno dos conceitos adquiridos, para que eles sejam sedimentados em nós.

O mantra, eles repetem a mesma coisa. De tanto eles falarem acabam memorizando, imprimindo aquele conceito no seu corpo mental. É através da meditação é que iremos repetir o que nós precisamos conquistar.

O processo da educação será alavancado através do Espiritismo. As outras religiões também, mas sabemos que a Doutrina Espírita apresenta facilitadores para que nós possamos acelerar nosso processo evolutivo. Todas as religiões sérias conduzem a Deus, mas vamos encontrar filosofias como a Doutrina Espírita que aceleram o processo evolutivo do ser.

Nós não podemos permitir que os nossos pontos de vista interfiram no entendimento da Doutrina.

O Altivo falava que quando nós fôssemos fazer visita fraterna não apresentássemos o nosso ponto de vista. Porque as pessoas estavam ali para ouvirem e estudarem conosco a Doutrina Espírita, que nós representávamos o Centro Espírita Léon Denis e tínhamos que falar de Doutrina. O que nós achávamos deveríamos guardar.

Questão 917 – “...Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral...”

“... Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, crenças, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece...”

(O Livro dos Espíritos – questão 917 – Allan Kardec – Ed. F.E.B.)

Nosso objetivo é minimizar a exaltação que damos ao nosso eu, aos nossos valores, para que aprendamos a nos relacionar. Porque não sabemos nos relacionar e jogamos fora muitas oportunidades.

A partir do início do processo educacional do “ser”, nós já nos conscientizamos que a educação é fundamental para combatermos as arestas morais que interferem no nosso relacionamento; qual passará a ser “o móvel” das ações humanas diante de qualquer ofensa? O perdão, a indulgência, a misericórdia.

Num mesmo momento você pode usar de perdão, indulgência e misericórdia, mas um resume tudo, que é a misericórdia. A misericórdia está muito além do nosso momento. Nosso momento ainda é de indulgência, é de perdão, mas misericórdia está muito além.

INDULGÊNCIA

O que é ter indulgência?

“Ah, Fulana fez uma”. Aí faço como Pedro, falo para todos da dificuldade da Fulana. Faltei com indulgência. Eu encontro certas arestas morais na Fulana, mas ela tem qualidades. Ter indulgência é não exaltar as dificuldades do outro, é guardar para si. E se a maledicência, por acaso, descobrir, é você tentar ressaltar as qualidades dela, buscando minimizar as dificuldades morais dela.

Por que a falha do outro me chama tanto a atenção? Porque minha natureza é semelhante à do outro.

Despertar virtudes é um exercício. É tentar descobrir alguma coisa boa no outro.

16 – “Espíritas, agora queremos vos falar sobre a indulgência, esse sentimento tão doce, tão fraterno que todo homem deve ter por seus irmãos, mas do qual muitos poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos dos outros ou, se os vê, procura não falar deles, não divulgá-los; ao contrário, os esconde a fim de que sejam conhecidos apenas por ela, e se a malevolência os descobre, tem sempre uma desculpa pronta para amenizá-los, ou seja, uma desculpa plausível, séria, e não daquelas que, com a aparência de atenuar a falta, a fazem ressaltar com pérfida astúcia.

A indulgência jamais se ocupa com os maus atos dos outros, a menos que isso seja para prestar um serviço, porém, mesmo assim, ela tem o cuidado de atenuá-los tanto quanto seja possível. Não faz observações que possam chocar, não traz censuras em seus lábios, apenas conselhos e a maior parte das vezes discretos. Quando criticais alguém, que conclusão pode ser tirada das vossas palavras? A de que vós, que o reprovais, não fizestes o que foi motivo da vossa reprovação e de que sois melhor do que o culpado. Homens, quando julgareis vossos próprios corações, vossos próprios pensamentos, vossos próprios atos, sem vos preocupardes com o que fazem os vossos irmãos? Quando tereis olhares severos somente para vós mesmos?

Sede, portanto, severos convosco e indulgentes com os outros. Pensai naquele que julga em última instância, que conhece os pensamentos secretos de cada coração, e, em consequência, freqüentemente perdoa as faltas que censurais, ou condena as que desculpais, porque Ele sabe o que motiva todos os vossos atos. Pensai também que vós, que gritais: “maldito!” talvez tenhais cometido faltas mais graves.

Meus amigos, sede indulgentes porque a indulgência seduz, acalma, corrige, enquanto que o rigor desanima, afasta e irrita.” (Joseph, Espírito protetor, Bordeaux, 1863.)

17 – “Sede indulgentes com as faltas dos outros, quaisquer que sejam; julgai com severidade unicamente as vossas ações, o Senhor será indulgente convosco assim como usardes de indulgência para com os outros.

Apoiai os fortes: encorajai-os a ser perseverantes; fortificai os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus que leva em consideração o mínimo remorso, mostrai a todos o anjo do arrependimento estendendo suas brancas asas sobre os erros dos humanos, ocultando-os assim dos olhos daquele que não pode ver o que é impuro. Compreendei todos vós a misericórdia infinita do vosso Pai, e não esquecei jamais de lhe dizer por vosso pensamento e principalmente por vossos atos: *“Perdoai nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos têm ofendido.”* Compreendei bem o valor dessas sublimes palavras em que não só a letra é admirável, mas também o ensinamento que elas contêm.

O que é que pedis ao Senhor quando implorais que ele vos perdoe? Será somente o esquecimento das vossas ofensas? Esquecimento que vos deixa no nada porquanto se Deus se limitasse em esquecer as vossas faltas, ele não vos puniria, mas também não vos recompensaria. A recompensa não pode ser o preço do bem que não se fez, e ainda menos do mal que se praticou, mesmo que esse mal fosse esquecido. Rogando perdão pelos vossos erros, pedis a Deus o favor das suas graças para não voltardes a cair; a força necessária para

entrar em um novo caminho, um caminho de submissão e de amor no qual podereis unir a reparação ao arrependimento.

Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis em cobrir os seus erros com o véu do esquecimento, porquanto freqüentemente esse véu é muito transparente aos vossos olhos; juntamente com o perdão ofereci-lhes o amor, fazei por eles o mesmo que pedis a vosso Pai celeste para fazer por vós. Substituí a cólera que desonra as criaturas pelo amor que as purifica. Pelo exemplo, pregai essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a como Ele mesmo o fez durante todo o tempo em que viveu na Terra, visível ao olhos do corpo, e como ainda a prega, incessantemente, desde que só é visível aos olhos do espírito. Segui esse divino modelo, caminhei sobre as suas pegadas, elas vos conduzirão ao lugar de refúgio onde desfrutareis de repouso após a luta. Como Ele, pregai a vossa cruz, todos vós, e subi penosamente, mas também corajosamente, o vosso Calvário, no alto do qual está a glorificação.” (João, bispo de Bordeaux, 1862.)

18 – “Queridos amigos, sede severos convosco e indulgentes para as fraquezas dos outros; esta é uma prática da santa caridade que ainda muito poucas pessoas respeitam. Todos vós tendes más tendências para vencer, defeitos para corrigir, hábitos para modificar; todos vós tendes um fardo mais ou menos pesado do qual vos deveis livrar para conseguir alcançar o alto da montanha do progresso. Por que, então, sois tão clarividentes para o próximo e tão cegos para vós mesmos? Quando deixareis de perceber a palhinha que fere o olho do vosso irmão, sem ver, no vosso, a trave que vos cega e faz caminhar de queda em queda? Acreditai em vossos irmãos, os espíritos. Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior aos seus irmãos encarnados, em virtudes e em méritos, é insensato e culpado, e Deus o punirá no dia da sua justiça. A verdadeira característica da caridade é a modéstia e a humildade, que consiste em ver os defeitos dos outros apenas superficialmente, procurando destacar o que têm de bom e virtuoso; porquanto, se o coração humano é um abismo de corrupção, sempre existe em algumas das suas partes mais secretas o germe de bons sentimentos, centelha viva da essência espiritual.

Espiritismo, doutrina bendita e consoladora, felizes os que te conhecessem e tiram proveito dos salutarens ensinamentos dos espíritos do Senhor. Para tais pessoas, o caminho está iluminado, e em todo o seu percurso eles podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegar ao objetivo: caridade prática, caridade do coração, caridade para o próximo como para si mesmo, em uma palavra, caridade para todos, e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres porquanto é impossível amar realmente a Deus sem praticar a caridade da qual ele faz uma lei para todas as criaturas.” (Dufêtre, bispo de Nevers, Bordeaux)

(*O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Cap. X – itens 16, 17 e 18 – Allan Kardec – Ed. CELD – **grifo nosso**)

“É a indulgência a expressão de um sentimento delicadíssimo da reta justiça...”

“A indulgência, portanto, não consiste em fechar os olhos ante as falhas do próximo, para não as ver; mas, em reconhecer essas faltas, para colocar sobre as elas um sudário de piedade, impregnado de amor.”

“... a indulgência é filha da bondade e a bondade exige em todas as ocasiões que a criatura faça o bem ao seu semelhante...”

(*O Espiritismo de A a Z* – Equipe da FEB – Ed. F.E.B.)

MISERICÓRDIA

“O inimigo caído nas complexas redes do mal que haja feito sofrer, é certo, o impositivo da justiça. No entanto, cada um se deve reservar a contribuição da misericórdia que lhe é dever oferecer. (...)

O verdugo chora transformado em vítima da própria sanha. Recupera-se ao impositivo da justiça, entretanto, necessita de misericórdia. (...)

Este tombou, aquele explora, esse mente, uns caluniam, outros zombam, diversos são pusilânimes, incontáveis se fazem de algozes, todavia, não se erga a clava contra eles, mesmo que, aparentemente ao jogo da impiedade ou de insensatez deles, se esteja coma a razão.

Pregando correção não se censure o erro exorbitando da tarefa que é a de ensinar. (...)

Une-se sempre se misericórdia...”

(*No Limiar do Infinito* – cap. 16 - Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis – Ed. LEAL)

“A misericórdia é o complemento da brandura, porque aquele que não é misericordioso não poderia ser brando nem pacífico...”

(*O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Cap. X – item 4 – Allan Kardec – Ed. CELD)

Nós sabemos que o outro está sofrendo as conseqüências de um momento de invigilância nessa existência ou em outra, mas não nos cabe julgar, nem devemos nos omitir em ajudá-lo. Nosso

interesse é apenas ajudá-lo, procurar amenizar as conseqüências dos efeitos que ele está vivenciando.

Na parábola do bom samaritano Jesus diz que ele usou de compaixão. Essa é a virtude que movimenta o nosso sentimento gerando a misericórdia. O bom samaritano foi movido pela compaixão diante de um irmão que havia sofrido uma agressão séria e estava precisando de auxílio. Ele deu uma parada, socorreu o companheiro. Jesus pergunta aos fariseus quem foi o próximo desse homem caído na estrada. O fariseu responde que foi aquele que usou de misericórdia para com ele.

Eu falto com misericórdia quando começo a julgar, pois falto com indulgência e vai faltar o perdão. Primeiro comentando a causa do efeito que a pessoa está sofrendo. Segundo a falta de perdão, que é o revide. Você revida quando questiona a conseqüência que a pessoa está enfrentando.

PERDÃO

O que é o perdão?

Para o esquecimento você leva séculos. Porque fica impresso no corpo mental. Nós temos memória. Alguns autores colocam que o esquecimento é a longuíssimo prazo, porque temos memória. Mesmo que encontre com o ser lá na Ásia, vai sentir o choque.

Joanna de Ângelis fala que na psicologia profunda perdoar é simplesmente não revidar. Você não revidou, você perdoou. Mas não esqueceu, porque fica impresso no corpo mental, não tem como esquecer. Eu vou olhar para Fulano e vou lembrar sempre. Mas isso não quer dizer que irei me afastar de Fulano. Só não revidar o mal com mal, você já está perdando. Agora esquecer é misericórdia. Além de esquecer, dinamizar o amor através da ação.

Eu posso não revidar, que é estar ao lado de Fulano. Relacionar-me normalmente com Fulano. Vou lembrar, mas não permito que essa lembrança me perturbe, porque aí é ressentimento. Ficar ressentida é sentir várias vezes aquela dor.

“Amai vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos perseguem e vos caluniam, a fim de que sejais os filhos do vosso Pai que estais nos céus, que faz o sol se erguer sobre os bons e sobre os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos; portanto, se amais apenas aqueles que vos amam, que recompensa tereis? ... E se saudardes somente os vossos irmãos, o que fazeis mais do que os outros? ... Eu vos digo que, se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.” (Mt.v. 43 a 48 e 20)

(*O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Cap. XII – item 1 – Allan Kardec – Ed. CELD)

Nós não temos que exigir de nós sermos misericordiosos, porque ainda não temos condições. Somos ainda inferiores. O apego às coisas materiais é característico dos espíritos inferiores. Está lá em *O Livro dos Espíritos*. Misericórdia nós só temos para com os filhos e pais. Mas, para os não consangüíneos é muito difícil.

Devo ser boa tanto com quem me relaciono bem e com quem tem dificuldade de se relacionar comigo.

O amor é a lei magna do Universo. Nós ainda não amamos, nós gostamos, porque se amamos somos indulgentes, misericordiosos, perdoamos. Temos essa dificuldade.

“Do ponto de vista psicológico, o perdão é uma atitude de não devolução do mal que alguém nos fez.

Do ponto de vista da psicologia profunda, perdoar é não conservar a idéia perturbadora, procurando recapitular o momento infeliz, todos sem exceção, naturalmente, eliminando a figura de Jesus, somos muito sensíveis à gentileza, à bondade, e também, à aspereza, ingratidão, à rebeldia...

...é dar o direito a cada um de ser como está, e concedermos o direito de sermos como estamos, se o nosso próximo está assim, não irei mudá-lo, mas se estou desta forma, tenho o dever de modificar-me para melhor.”

(*Seminário O Perdão e o Autoperdão* – Divaldo P. Franco)

No capítulo X, item 5, Reconciliar-se com seus adversários em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, comentário de Kardec: “...Deus não deixa aquele que perdoou ficar exposto à vingança...” Se eu perdoei Fulano e ele fica rosnando para mim, já mudei de faixa. É da lei.

Devemos apresentar propostas de melhoria para o nosso próximo, através da palavra articulada, presentear com um livro, mas o meu dever está em me modificar.

“... Perdoar é não guardar mágoas e ressentimentos. Não revidar o mal com o mal.”

“O conceito de perdão, segundo o Espiritismo, é idêntico ao do Evangelho, que lhe é fundamento: concessão, indefinida, de oportunidades para que o ofensor se arrependa, o pecador se recomponha, o criminoso se libere do mal, redimido para ascensão luminosa.”

“... o perdão será sempre profilaxia segura, garantindo, onde estiver, saúde e paz, renovação e segurança.”

“Como nos explica Huberto Rohden... em todas as línguas a palavra perdoar é um composto de dar ou doar. De maneira que, perdoar quer dizer doar completamente, abrir mão de si mesmo, dar ou doar o próprio Eu a outrem; neste caso, o ofensor...”

(*O Espiritismo de A a Z* – Equipe da FEB – Ed. F.E.B.)

Per – significa totalmente. Então perdoar é doar-se totalmente. Porque para não revidar tem que se anular, banir o interesse pessoal, abrir mão do revide, resumindo é renúncia.

Qual o objeto central da mágoa? A ofensa.

O que é ofensa?

“Toda ofensa – friamente exumada – é tão exclusivamente um arranhão provocado em nossa vaidade pessoal, alimento para o amor próprio doentamente acalentado, um convite para que o nosso orgulho venha a explodir ruidosamente”.

(*O Espiritismo de A a Z* – Equipe da FEB – Ed. F.E.B.)

Tem ofensas que você sofre e não qualifica como ofensa, porque você é a vítima. E vítima é sofrer ação do mal sem merecer. Você tem que tirar lá de dentro, para enxergar que o móvel daquele desentendimento foi porque você se ofendeu com ele. E se você se ofendeu, você é orgulhoso.

Se você sofreu ação do mal e não merecia, Deus está sendo injusto, porque não existe o acaso. Então Deus perde um atributo e deixa de ser Deus, que é a justiça e a bondade. Como Deus permitiu que me fizessem mal? Deus não é bom nem justo, é parcial. Então, eu não sou vítima. Porque sou espírito, creio na reencarnação e na lei de causa e efeito, sei que o acaso não existe e que Deus é bom e justo. Eu não tenho inimigo e sim instrumento, que Deus coloca no meu caminho para o meu aperfeiçoamento. Ele não é meu inimigo, ele é uma oportunidade concedida por Deus para que eu possa ser testada nos conceitos adquiridos.

Até quando precisaremos perdoar o nosso próximo: “setenta vezes sete” ?

Até o momento que eu identificar que preciso dele para o meu crescimento. A partir desse momento não vou me sentir ofendido, porque sei que preciso dele para sedimentar os conceitos, para o desenvolvimento das virtudes.

Qual o fim providencial do papel do “ofensor” em nosso aprimoramento espiritual? Nos educar, sedimentar conceitos em nós.

“Ofensor é uma pessoa que Deus manda, de imprevisto, para ver nossa atitude... no ensino de Jesus Cristo.”

(*O Espiritismo de A a Z* – Equipe da FEB – Ed. F.E.B.)

“Quando te conscientizares de que és espírito em aprendizado, inestimável na Terra, e não te superestimares, passarás a recolher de cada experiência os resultados benéficos que te podem ser propiciados.

Desse modo, a ofensa, assim examinada, produz resultados e frutos opinos (férteis), exatamente o oposto do desejo do ofensor.

Ao invés de reagires desta ou daquela forma, equivalente ao revide, mergulha no exame do petardo (bomba) que te é atirado e retira dele as lições de que precisas.

Perceberás que o ofensor se transforma em amigo ignorado, em vigilante observador dos teus atos, aguardando ocasião para alcançar-te em erro. Vigiarás, então, melhormente a tua conduta, e aspirarás a horizontes mais felizes, esforçando-te por libertação e paz.

Assim procedendo, sentirás estímulo por testificares as resistências íntimas, e, esclarecido quanto às conjunturas da estrada evolutiva, esforçar-te-ás mais, para abandonar as faixas primárias em que ainda transitas. (...)

Se, todavia, após perdoares e esqueceres, resolveres ajudar o teu ofensor, terás logrado plenitude daquilo que almejas, desde que ele, embora sem o saber, é instrumento da vida para admoestar-te no instante necessário, acusando-te de erros cometidos, ou que poderias, ou poderás cometer, colocando-te em alerta,

contra ti mesmo, em considerando que os adversários mais severos estão sempre no homem, em forma de inferioridade e paixões, e não fora dele como se supõe.”

(*Celeiro de Bênçãos* – Lição 28 – Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis – Ed. Leal)

A plenitude é a misericórdia.

Quem somos nós, os ofendidos, as vítimas?

“As pessoas que se dizem ofendidas pelos ultrajes decorrentes da insensatez ou pelo primitivismo do próximo, tristeza maior deveriam experimentar pela carga do orgulho que conduzem, antes que pela agressão de que se crêem vítimas.

Somente o orgulho, muitas vezes inconfessável, facultava clima e campo propícios à germinação das ofensas que favorecem os vários estágios progressivos da ira, da revolta, da mágoa e, por fim do ódio de longo curso.”

(*Celeiro de Bênçãos* – Lição 28 – Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis – Ed., Leal.)

Todas as vezes que nos sentimos ofendidos estamos sofrendo de orgulho.

Quais as conseqüências, para o suposto “ofendido”, em não usar de compaixão para com o “seu suposto algoz”?

“Sem ele, o clima social se intoxica com os vapores venenosos e os indivíduos se asselvajam, descontrolados; a intolerância extrapola na agressividade e a ira arma o ódio de vingança brutal. (...)”

Enquanto o homem não perdoa, permanece no estágio primário da vida, renteando com a barbárie em processo de estagnação.

Aquele que recusa o perdão, duplamente enfermo, padece de hipertrofia dos sentimentos, ruminando desforço, atado a distúrbios da emoção.”

(*Pelos Caminhos de Jesus* – Lição 13 – Divaldo P. Franco, pelo espírito de Amélia Rodrigues – Ed. Leal)

“O ressentimento – que é uma manifestação da impotência agressiva não exteriorizada – converte-se em trava de amargura, a tornar insuportável a convivência com aqueles contra os quais se volta.” (...)”

O ódio é o filho predileto da selvageria que permanece em a natureza humana. Irracional, ele trabalha pela destruição de seu oponente, real ou imaginário, não cessando, mesmo após a derrota daquele.

Quando não pode descarregar as energias em descontrolo contra o opositor, volta-se contra si mesmo articulando mecanismos de autodestruição, graças aos quais se vingam da sociedade que nele vive.

Os danos que o ódio proporciona ao psiquismo, por destrambelhar a delicada maquinaria que exterioriza o pensamento e mantém a harmonia do ser, tornam-se de difícil catalogação. Simultaneamente, advêm reações orgânicas que se refletem nas funções hepáticas, digestivas, circulatória, dando origem a futuros processos cancerígenos, cardíacos, cerebrais...”

(*O Homem Integral* – cap. 2, pág. 40 – Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis – Ed. Leal)

“... podemos repetir que somente há doenças, porque há doentes, isto é, a doença é um efeito de distúrbios profundos no campo da energia pensante ou Espírito.”

(*O Homem Integral* – cap. 5, pág. 81 – Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis – Ed. Leal)

“O ressentimento, por caracterizar-se como expressão de inferioridade, anela pelo desforço, consciente ou não, trabalhando por sobrepor o ego ferido ao conceito daquele que o desconsiderou.

No importante capítulo da saúde mental, indispensável ao equilíbrio integral, o ressentimento pode ser comparado a ferrugem nas peças da sensibilidade, transferindo-se para a organização somática, renovando-se como distúrbios gástricos e intestinais de demoradas conseqüências. Gastrite e diarreias inexplicáveis procedem dos tóxicos exalados pelo ressentimento. (...)”

Quando uma doença se instala no organismo físico há uma fissura no conjunto vibratório que a mantém. A mente deve então ser acionada de imediato para corrigir tal distúrbio, de modo a propiciar-se a saúde.

Quase sempre, porém, os tóxicos da ira, da rebeldia e do ressentimento são introjetados no organismo, agravando mais a paisagem afetada.”

(*O Ser Consciente* – pág. 77 – Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis.)

“Não raro, na gênese de muitas psicopatologias encontramos a presença de cobradores espirituais que, embora desvestidos da roupagem física, permanecem em lamentável situação de vingança, em terrível transtorno mental, gerando dilacerações psíquicas naqueles que os ofenderam e não tiveram tempo, nem oportunidade ou interesse para se reabilitarem.”

(*Jesus e o Evangelho* – À luz da psicologia profunda – Lição Reconciliação – Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis – Ed. Leal)

“À luz da psicologia profunda, tenha a raiva, faz muito bem, mas não conserve a raiva, que nos faz muito mal. Se alguém nos diz alguma coisa grosseira, nós temos um choque, é fisiológico, a emoção nos exige derramar enzimas na corrente sanguínea e reagimos, é a predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual (questão 742 do LE), mas conservar a mágoa é da minha vontade, conservando a lembrança, terei um transtorno psicológico, estarei sendo masoquista, porque gosto de sofrer e adoramos ser infelizes, é tão maravilhoso, porque todos nos falarão: — Coitadinho! Então nos tornaremos um depósito de lixo, carregando lixo, intoxicando-nos, perdendo a alegria de viver, porque o racional é nos libertarmos de tudo que nos perturba, para isso somos seres inteligentes e possuímos o mecanismo de auto libertação.

A raiva é uma reação nervosa do sistema nervoso central, o rancor é um sentimento inferior que conservamos.

A raiva e a ira são semelhantes a uma labareda impensada, o rancor é calculado/programado, pois ele promove prazer nas almas em aprendizado, com expressões do tipo: Deus é Pai, Deus fará por mim, etc. São mecanismos de vingança, tenhamos prazer na felicidade de tudo e de todos.”

(Seminário O Perdão e o Autoperdão – Divaldo P. Franco.)

Quais os instrumentos de processo educacional do ser necessários ao despertar/desenvolvimento da potência “misericórdia”? A necessidade da oração, páginas de otimismo, etc.

“A fim de colimares a excelência do perdão aos que te ofendem, mister te adestre mediante antecipados critérios e exercícios contínuos.

Habitua-te iniciar o dia ... oração.

Não te descuides de ler uma página mensageira de otimismo...

Reprime as observações menos dignas, as apreciações fúteis, as referências deprimentes e maliciosas.

Estimula a conversação edificante ... silêncio discreto ...

... uma técnica própria, ... diretriz segura.

Indispensável exercitar-te mentalmente para o cometimento do perdão ... a cada instante.

Treina, então, a paciência, disciplinada a vontade e aprimorando a indulgência.

Não te permitas a autocomiseração ou personalismo prejudicial...”

(*Celeiro de Bênçãos* – Lição 25 – Treinamento para o Perdão – Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis – Ed. Leal)

“Não é importante que o outro, o agressor, aceite a vibração luarizadora de quem perdoa, portanto, a ação beneficente é sempre maior e mais útil para quem a exerce. Todavia, se a onda de amor encontra receptividade naquele a quem vai dirigida, mais extraordinários serão os efeitos da doação.”

(*Pelos Caminhos de Jesus* – Lição 13 – Divaldo P. Franco, pelo espírito Amélia Rodrigues – Ed. Leal)

Não temos que nos incomodar se o outro não aceitou o nosso perdão. Se nós perdoamos e o outro foi refratário ao nosso perdão o problema é dele. Temos que estar em paz com a nossa consciência.

“A amoterapia tem as suas diretrizes firmadas no ensinamento evangélico, proposto por Jesus, quando estabeleceu: — Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

... como a si mesmo é um imperativo que não pode ser confundido com o egoísmo, ou o egocentrismo, mas como respeito e direito à vida, à felicidade que o indivíduo tem e merece. Trata-se de um amor preservador da paz, do culto aos hábitos sadios e dos cuidados morais, espirituais, intelectuais para consigo mesmo, sem o que, a manifestação do amor ao próximo é transferência da sua sombra, da sua imagem (fracassada) que logo se transforma em decepção e amargura, ou a Deus, a Quem não vê, tudo dEle esperando, ainda como mecanismo de fuga da responsabilidade.

O auto-amor induz à elevação dos sentimentos e à conquista de valores éticos que promovem o indivíduo interiormente (...)”

(*O Ser Consciente* – pág. 98 – Divaldo P. Franco, pelo espírito Joanna de Ângelis – Ed. Leal)

“Sejamos gentis conosco, ... dando o direito da pessoa ser agressiva, mas não nos dando direito de revidar a agressão.” (Gandhi)

Adverte-nos o Senhor Jesus:

“Reconciliai-vos o mais cedo possível com o vosso adversário, enquanto estais em caminho com ele, ... Em verdade vos digo que não saireis de lá enquanto não houverdes pago até o último centavo.” (Mateus. 5, 25 e 26)

“Amái os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem e vos caluniam. Porque se amáis aqueles que vos amam, que recompensa haveis de ter? ... E, se saudardes apenas os vossos irmãos, que fazeis de especial mais que os outros?...” (Mateus. 5, 44 e 46 a 48)

Livro: Jesus no Lar – Francisco C. Xavier pelo Espírito Neio Lúcio

Lições:

35 – A necessidade de entendimento

06 – Os Instrumentos da perfeição

42 – A mensagem da compaixão

Livro: Pelos Caminhos de Jesus

Lições:

13 – Perdão – Melhor Terapia

20 – O Poema do Perdão

A Casa Espírita – Núcleo de Transformação Superior das Almas

Aula dada por Joaquim Couto em 13/07/2006

Falar sobre a casa espírita é falar sobre aquele teto, aquela construção, aquela parede aonde, através dos anos, nós vamos fazendo o nosso tratamento espiritual. Porque, num mundo de provas e expiações, é onde a imperfeição campeia mesmo. Nós não vamos ter a pretensão de sermos daqueles espíritos que estão plenamente resolvidos com a lei de Deus. Falta um longo percurso para atingirmos a perfeição.

No nosso caso, que nos preparamos no plano espiritual, não somos médiuns, não somos doutrinadores, evangelizadores por acaso. Nos preparamos no plano espiritual para exercer essa função aqui na Terra.

O chamado para uns começa no berço, para outros na infância, na puberdade, na juventude ou na fase adulta. Mas, haverá um momento em que seremos chamados para darmos cumprimento a esse compromisso, a essa programação assumida, um dia, na espiritualidade. A casa espírita tem justamente essa função. Embora seja um edifício, como está lá colocado no dicionário, destinado em geral à habitação. Mas também se constroem casas ou prédios para que possamos estudar e trabalhar dentro deles.

A casa espírita tem a finalidade de nos receber. Muitas vezes chegamos na condição de enfermo, de necessitado espiritual, para ser tratado, esclarecido, orientado e encaminhado para cumprir as tarefas. Porque não vamos ficar toda a vida apenas sentados assistindo a reunião, tomando passe. Vai chegar um momento em que vamos sentir a necessidade do trabalho. Senão do trabalho mediúnic, ou do trabalho no aspecto da divulgação da Doutrina, mas, muitas vezes, o trabalho junto à assistência social, o serviço junto à comunidade carente como nós temos na Mallet.

Vamos ver uma colocação que o Palhano Júnior fez no livro *Teologia Espírita*. “Os espíritas não formam igrejas, nem templos, nem cultos, mas centros, grêmios, grupos e sociedades. Instituições regidas por estatuto, reconhecido em cartório, que servem de pontos de convergência de suas obras e propósitos.”

Qual o propósito de uma casa espírita? Difundir a Doutrina, através de estudos, esclarecer os que nada sabem, nada conhecem acerca dos fenômenos, das manifestações, da mediunidade, do que é ser médium. A finalidade da casa espírita é levar a Doutrina Espírita para aqueles que nada sabem, que nada entendem disso.

Quem já passou pelo processo da ignorância sabe o quanto é benesse encontrar uma casa onde haja estudo.

Até uns 30, 40 anos atrás o estudo era muito fechado, destinado apenas a um grupo mais restrito e onde aquele que seria o candidato ao trabalho mediúnic iria adquirir algum conhecimento. Mesmo assim conhecimento, às vezes, muito superficial.

De uns anos para cá, a própria espiritualidade tem incentivado muito que as casas espíritas façam e implantem cursos de estudo da Doutrina. Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo III, Do Método, Allan Kardec cita que será mais interessante que primeiro se comece pelo conhecimento da teoria, para que depois comecemos na fase ou etapa do trabalho prático do Espiritismo, manifestações mediúnicas ou espirituais. É mais interessante, apropriado, começar a conhecer, para depois saber o terreno onde se está pisando e começar com mais segurança.

Eu conversei com uma senhora que começou no centro espírita com o homem que olhou para ela e a colocou na mesa. Como ela já vinha sofrendo um processo de muita influenciação, de sentir e ver os espíritos, não estranhou muito. Mas, imaginem uma pessoa que nada sabe ser colocada, de repente, numa mesa mediúnic para receber espírito. Hoje com os estudos vemos que o processo não é tão simples assim. De médium para médium as faculdades e aptidões variam muito. A sensibilidade, a questão de ter o registro do plano espiritual também varia de médium para médium. Uns vão ter mais dificuldades outros menos, porque quanto mais ostensiva a mediunidade, mais possibilidade tem de sentir, ver e ouvir os espíritos. Mas, mesmo assim há pessoas que têm a possibilidade e tem dificuldade.

Palhano, nesse mesmo livro, diz a diferença de uma casa espírita para outro tempo religioso. Ele diz: “A Doutrina Espírita preconiza que perdoemos os inimigos. Fazamos preces em seu

benefício e procuremos sempre recuperar a amizade, enquanto estamos a caminho com eles. As igrejas, porém, trataram e tratam os crentes de outras religiões como infiéis, portanto, inimigos da fé, como se cada variedade religiosa estivesse com a verdade.”

Nós temos que ter muito cuidado, inclusive, entre as sociedades espíritas, está lá, no *Livro dos Médiuns*, a questão da rivalidade. Ninguém precisa dizer que “o meu centro é maior que o seu”. Se ele for tem que produzir mais frutos no bem. É assim que a gente identifica, pelos frutos. Não é o tamanho da Instituição que vai fazer com que ali esteja o melhor Espiritismo e na Instituição menor não ter nada de Espiritismo de prática ou de estudo. Não é isso. Não podemos, nós espíritas, cultivarmos esse tipo de idéia, termos rivalidade ou ciúme, porque é uma coisa muito arraigada dentro da nossa alma, o orgulho, a inveja, o egoísmo, o ciúme está muito presente. Muitas vezes nós que estudamos tanto a Doutrina Espírita esquecemos de pôr em prática, dentro da instituição e fora dela. Precisamos estar muito atentos a isso.

No livro *No Invisível* Léon Denis, o capítulo X, fala de formação e direção dos grupos dentro da casa espírita. É importante ressaltar bem isso aqui, porque a casa espírita é formada por seres humanos encarnados e desencarnados, e tem por meta difundir uma Doutrina, mas também acolher, receber, instruir e orientar aqueles que estão no processo maior de dificuldades e perturbações maiores do que as nossas, já que por sermos instruídos e orientados estamos encontrando o caminho a seguir na nossa frente. Se nos desviamos, é por nossa conta e livre-arbítrio. Mas não podemos esquecer que pessoas chegarão, atraídas ou levadas por necessidades. Precisamos nos preparar para isso. Então, a formação e direção dos grupos, é uma coisa muito importante numa casa espírita, porque um grupo mal formado, mal orientado também vai formar maus médiuns, vai alimentar imperfeições, vai criar dificuldades na vida dos outros.

Diz Léon Denis:

“A constituição dos grupos – dissemos – comporta regras e condições cuja observância influi consideravelmente no resultado a alcançar...”

(*No Invisível* – Capítulo X – Formação e Direção dos Grupos – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

Em geral queremos colher bons frutos. Temos que selecionar as sementes que irão produzir as árvores e irão dar esses frutos no futuro.

Muitas pessoas acham que há rigorismo demais aqui no Léon Denis, porque se orienta as pessoas estudarem primeiro. Essa orientação foi passada pelo plano espiritual. Quem achar que demora muito pode procurar uma outra Instituição que demore menos. Mas, às vezes, o demorar muito é o tempo certo para a pessoa amadurecer. Porque não é só entender e assimilar, é também digerir a coisa, incorporar ao seu patrimônio espiritual como verdade. Porque há pessoas que deixam a coisa nesse nível e não descem ao coração a informação dos estudos que fazem. Vemos pessoas, às vezes, tendo grandes quedas, porque se intelectualizaram um pouco mais, estão informadas, instruídas, mas não vivenciam aquilo. São capazes de falar muito bem do tema, têm conhecimento, cultura, instrução para isso, mas não vivenciam na hora da prática. Não podemos esquecer do ditado: a palavra pode convencer, mas o exemplo é que arrasta.

Nós temos observado que grandes médiuns que tivemos entre nós, muito mais do que pelas obras mediúnicas que receberam do plano espiritual, não só a palavra, mas o exemplo é que tem arrastado e eles são constantemente citados em estudos e palestras, porque são exemplos a serem seguidos.

Continua Léon Denis:

“... Conforme o seu estado psíquico, os assistentes favorecem ou embaraçam a ação dos espíritos.”

(*No Invisível* – Capítulo X – Formação e Direção dos Grupos – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

Se vocês não estiverem com a cabeça no sentido de buscar a instrução, fazer o estudo e começar a cabeça a voar, o pensamento ir longe, quem estiver fazendo o estudo, dependendo da sensibilidade, vai perceber que o grupo não está coeso em torno do objetivo. Está de corpo presente, mas a mente está ligada a outras coisas lá fora. Sabemos que há pessoas que tem o dom de prender mais do que outras. Mas, é também da sua parte buscar o interesse naquilo que está sendo apresentado, por mais insignificante que seja, porque, muitas vezes, naquelas palestras mais simples é que escutamos grandes verdades, de pessoas aparentemente não tão cultas, não tão famosas, não

conhecidas no meio espírita e, às vezes, elas vão ser um instrumento para se ouvir determinadas coisas. É importante sempre prestar atenção, porque é um apoio para quem fala.

A questão do estado psíquico num grupo heterogêneo: temos dificuldade de fazer a unificação de pensamentos.

Nós vamos ver uma coisa interessante. O plano espiritual cria uma situação para irmos dilapidando e identificando fluidicamente com a casa. A pessoa começa na casa pelo estudo do livro *O que é o Espiritismo*. Chega com a cabeça perturbada. Quando começa a entrar nos cursos a finalidade é tirar as dúvidas, ter respostas para as questões e receber um tipo de orientação. E se estiver com o propósito de assimilar e liberar, vai perceber que, à medida que for passando de obra em obra, principalmente as obras básicas, as situações vão sendo amenizados em torno da pessoa. Porque muitos de nós somos encaminhados para o passe da cura, para os estudos das reuniões públicas onde vamos tomar passe, tudo isso é um processo de tratamento, de atendimento do plano espiritual em relação à pessoa.

Os pensamentos que nós emitimos e também os fluidos que cada um de nós têm, dentro da sua faculdade mediúnica, são as características que fazem a distinção de um médium para outro. Como as impressões digitais, não existe um médium igual ao outro. É o estado mental, os sentimentos, as emoções, é um processo de evolução em que uns tem mais outros menos. Tudo isso influencia e favorece a reunião, seja de caráter privativo ou público.

O que está acontecendo aqui agora é um somatório de interesses, sentimentos, vontades e emoções que vai impregnando esse ambiente, que não foi casa espírita, estamos adaptando a casa aos nossos estudos. Com as preces que aqui fazemos estamos transformando fluidicamente este ambiente. Quanto mais se trabalhar em cima disso melhor para nós e para os espíritos também, que encontram um clima mais favorável a esses nossos propósitos.

Continua Léon Denis:

“... Assim, também a direção do grupo deve ser confiada a uma pessoa excelentemente dotada, no ponto de vista das atrações psíquicas, digna, além disso, de simpatia e confiança.”

(*No Invisível* – Capítulo X – Formação e Direção dos Grupos – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

De vez em quando temos uns altos e baixos. Não é que queiramos, mas são situações que passamos que podem nos sacudir. Não é questão de não acreditar nos espíritos, de não acreditar em nós, mas são situações que consideramos serem uma cruz pesada.

Nós tivemos na nossa casa como presidente um companheiro que inicialmente ficaria uns 14, 16 anos, mas foi ficando, foi ficando. Ele já sabia que o contrato estava expirando e ele teria que ir. Mas, nós encarnados, precisávamos passar pelo processo de direção, condução, sofrer os espinhos. Agora chegou o momento em que o que era excelentemente dotado está ausente. Entra aquele que talvez não seja tão excelente, mas que se tiver boa vontade e com a mente sintonizada com a espiritualidade que ampara e sustenta a tarefa, estará resguardado.

É um grande erro nós colocarmos tudo nos ombros de uma só pessoa, quando o trabalho deve ser em equipe. Há tarefas que são específicas daquele médium e há tarefas que são específicas do grupo. Não podemos nos ausentar quando o trabalho é de grupo.

Simpatia e confiança não são vaquinha de presépio não. Porque nós confundimos simpatia com aquele que concorda com tudo. Há momento em que temos que tomar atitude pela doutrina, pela casa, pelo grupo, e muitas vezes, para determinados companheiros, será uma atitude antipática. Acima de tudo precisamos estar com Deus, com Jesus, com a doutrina e depois com os homens. Porque haverá momentos em que o amigo de muitos anos foi embora, “ah! eu vou também.” Ele foi atender os interesses dele, são os teus também?

Vocês devem saber de centros espíritas que fecharam ou quase fecharam as portas porque o trabalho ficava em cima de uma única cabeça. Aquele médium desencarnou, o centro deixou de existir. Fecha-se um ponto de estudo, de esclarecimento, de orientação porque não tinha mais médium. E Kardec diz em *O Livro dos Médiuns* que um grupo espírita que não tiver médiuns pode funcionar normalmente, porque há o estudo, os livros para serem estudados e divulgados.

A confiança é baseada na conduta que a pessoa tem dentro da vida. É muito difícil confiar numa pessoa que, na tribuna fala uma coisa, e você fica sabendo de histórias desagradáveis da vida pessoa. Ninguém é perfeito, mas quando se sabe que determinadas posturas, palavras, atitudes vão

comprometer o trabalho que você desenvolve, precisa ter mais cuidado. Á medida que vamos avançando, que se é mais visto numa tarefa, as pessoas que chegam vão tomando como ponto de referência, vão observando, ouvindo o que você fala. Temos que ter muito cuidado, dentro da casa, com certas brincadeiras, anedotas que não tem nada a ver com o ambiente da casa. Pode parecer radicalismo, mas é o que Léon Denis fala da questão do psiquismo, o estado psíquico das pessoas que formam o grupo. Nós, que já passamos pela fieira do estudo, sabemos o quanto é necessário o esforço no dia-a-dia. É um esforço constante, não quer dizer que vai ter sangue de barata, que não vai reagir. Vamos reagir, mas de forma educada, com maior controle sobre as emoções, das palavras. Porque no momento que decepcionarmos alguém pagaremos por isso também.

Continua Léon Denis:

“... Nenhum grupo, sem ser submetido a uma certa disciplina, pode funcionar...”

(*No Invisível* – Capítulo X – Formação e Direção dos Grupos – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

A palavra disciplina assusta muita gente. Dá impressão que alguém vai colocar uma bola de ferro no seu pé e que você não vai ter quase como andar dentro da casa e que vão ficar vigiando, controlando o tempo todo para ver se você fala alguma coisa errada. Bobagem, ninguém vai fazer isso. Nós só acessávamos uma pessoa quando ela estava tendo um comportamento que extrapolava a vida íntima dela, e que afetava o grupo. Temos que conversar com a pessoa e dizer que o seu comportamento é inadequado.

Nós temos mania de achar que só o plano espiritual é que tem que defender a casa, a reunião, não é não. Nós, encarnados, também fazemos parte desse processo.

No momento que deixo um celular ligado ou vibrando... Celular é a moda, ninguém vive mais sem ele. No futuro vai ter hospital para tratar a cabeça de gente que usou celular. Eu estou vendo tanta coisa, tanta ansiedade, virou uma obsessão. Você vê pessoas que deveriam, como médiuns desligar aquilo ali e ficar com a mente apoiando a reunião, desde a leitura dos avisos, sustentando. Porque não é brincadeira para quem está lá na tribuna, com aquelas pessoas olhando e ter médium distraído, que deveria estar dando sustentação e apoio.

Quando eu fazia os comentários do Livro dos Médiuns ninguém entrava para comer na sala, porque eu falava para ir comer na cantina. Porque ali é uma sala de cura, de atendimento aos sofrendores na desobsessão, é uma sala preparada para isso e não podemos vir com essas atitudes cá para dentro. As pessoas continuam com hábitos do mundo e querem trazer esses hábitos para dentro de uma reunião mais espiritualizada, quando já fomos informados de quanto o psiquismo, o pensamento vai ajudar ou atrapalhar.

Quanto mais você sabe, mais responsável você tem que ser. Ninguém está falando de santidade. É você dizer: “Eu acredito nisso e vou fazer as coisas dessa forma”. Isso vai forçar a uma transformação violenta. Uma modificação de hábitos, de condicionamentos que trazemos, às vezes, de muito tempo. Mas é necessário para que ao desencarnar, chegar com vitórias ao plano espiritual. “Ah! Eu sou assim mesmo.” Aí, nasceu médium, veio para a casa espírita, estudou tanto e continua dizendo que é assim mesmo. Isso não “cola” do outro lado. Isso vai nos cobrar dores e sofrimentos. Porque quantas vezes você vai fazer a coisa e faz a coisa errada. Mas, é pela insistência, pela perseverança, pela vontade de acertar que vamos chegar lá. Aí você recebe o apoio dos espíritos muito grande, porque eles vão ver que você tem a vontade de acertar. É diferente daquele que quer continuar o mesmo, rebelde, indisciplinado e é a casa que tem que se adaptar aos seus gostos e tendências.

Continua Léon Denis:

“... O diretor do grupo deve ser um homem de dupla enfiatura, assistido por um espírito-guia que estabelecerá a ordem no meio oculto, como ele próprio a manterá no meio terrestre e humano...”

(*No Invisível* – Capítulo X – Formação e Direção dos Grupos – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

Você tem um encarnado que vai ter a função de ser diretor do grupo, aquele que vai conduzir o trabalho entre os encarnados. E tem o espírito-guia que mantém a ordem no meio espiritual. Nós precisamos desses dois companheiros, porque a espiritualidade inspira e conduz o trabalho. Nós temos no livro *Os Mensageiros* um trabalho em cima de um diretor de reunião chamado Raul. O espírito está muito próximo dele e ele praticamente repete as palavras do espírito.

Com as nossas limitações e dificuldades se estivermos com boa vontade, desejo de servir e vontade de acertar vamos receber intuições, vamos ser conduzidos no estudo.

Quem faz comentário do Evangelho, faz palestra ou comenta uma página na sala, tem sempre que buscar inspiração para que a palavra não fique restrita ao texto e não pegue o que está nas entrelinhas. A espiritualidade pode ajudar muito nesse sentido. Você pede que os espíritos intuem naquilo que seja melhor para a reunião, para o público, para a necessidade das pessoas aqui presentes. Mas, em geral estamos querendo os holofotes e esquecemos de fazer este tipo de prece. Queremos fazer um discurso brilhante, mas que não consola ninguém, não atinge o coração de ninguém, fica uma coisa muito técnica, e muito fria.

Falar com emoção é colocar a vibração magnética naquilo que se fala, acredita, ter fé, ter certeza, é a sua convicção. Quem ouvir pode nem gostar, nem acreditar, mas vai dizer que a pessoa acredita no que está falando. É a grande diferença de falar brilhantemente e o pessoal sentir um vazio de vibração, aquela coisa que não vem da alma, do coração, porque falta alguma coisa ali.

Função do diretor material: discernir a natureza dos espíritos, desmascarar os impostores, moralizar os atrasados, opor uma vontade firme aos espíritos levianos e perturbadores, emitir esclarecida apreciação sobre as comunicações obtidas. É uma posição muito delicada, porque tem que saber se aproximar, sem magoar, sem ferir, sem melindrar as pessoas. Se você nota que um médium está com dificuldade na tarefa, não precisa, na avaliação, chamar a atenção do médium. Fale em particular e converse.

Continua Léon Denis:

“... Sofrear as exigências e as opiniões demasiado pessoais de uns, a possível rivalidade de outros, principalmente dos médiuns que atraem os maus elementos do Além e imprimem aos fenômenos estranhas e desordenadas modalidades — eis a tarefa do presidente, como se vê, das mais delicadas...”

(*No Invisível* – Capítulo X – Formação e Direção dos Grupos – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

Você vê que é um trabalho que tem que se preparar para ele. Não basta só boa vontade, a boa vontade conta e muito, mas tem que estudar e se possível tem que conhecer bem, não intimamente, mas a natureza de cada médium que está no seu grupo. Com a convivência, nós vamos aprendendo a reconhecer qualidades e defeitos que a pessoa têm. É um trabalho muito delicado, que requer um certo tempo e deve fazê-lo sempre com sentimento de amor e fraternidade em relação a você e aos outros que ali estão. Sempre pedindo a inspiração do plano espiritual, para que não se precipite no julgamento. Quando entramos num trabalho precisamos de um certo tempo de adaptação.

“Muitas tentativas se tornam infrutíferas, grande número de grupos não têm mais que uma existência efêmera em consequência da falta de paciência, de dedicação e coesão...”

(*No Invisível* – Capítulo X – Formação e Direção dos Grupos – Léon Denis – Ed. F.E.B.)

Uma casa que não esteja sedimentada nesses pontos pode ruir. O grupo vai ficar aberto a influências, interferências e ataques. Se a maioria tiver paciência, dedicação e coesão quando espocar a perturbação nesse ou naquele elemento, a maioria estará atenta. A vibração vai cercar o indivíduo e ajudá-lo. Não há quem não tenha certos momentos de vacilação, de insegurança e dúvida. Se nós percebemos isso vamos orar pelo companheiro e, se tivermos relativa intimidade, podemos perguntar se ele está passando por algum problema. Tem pessoas que não se abrem e, às vezes, estão passando por situações terríveis. E sabe-se lá como a pessoa está tendo forças para estar comparecendo ali.

Essa paciência, dedicação e coesão é que sustenta um grupo, uma casa espírita, é o que mantém a união.

No livro *Desobsessão* de André Luiz ele diz:

“À medida que se nos aclara o entendimento, nas realizações de caráter mediúnico, percebemos que as lides da desobsessão pedem o ambiente do templo espírita para se efetivarem com segurança.

Para compreender isso, recordemos que, se muitos doentes conseguem recuperar a saúde no clima doméstico, muitos outros reclamam o hospital.

Se no lar dispomos de agentes empíricos a benefício dos enfermos, numa casa de saúde encontramos toda uma coleção de instrumentos selecionados para a assistência pronta.

No templo espírita, os instrutores desencarnados conseguem localizar recursos avançados do plano espiritual para o socorro a obsidiados e obsessores, razão por que, tanto quanto nos seja possível, é aí, entre

as paredes respeitáveis da nossa escola de fé viva, que nos cabe situar o ministério da desobsessão. Razoável, ainda, observar que os servidores de semelhante realização não podem assumir, sem prejuízo, compromissos para outras atividades medianímicas, antes ou depois do trabalho em que se comprometem a benefício dos sofrendores desencarnados.”

(*Desobsessão* – Cap. X – Templo Espírita – André Luiz – Ed. F.E.B.)

É a finalidade de um centro espírita segundo a visão de um centro espírita.

É o ambiente mais adequado para o trabalho mediúnico e estudos. Atinge tanto aos que sofrem, aos que obsidiam, aos que estão sendo obsidiados, encarnados e desencarnados. Imaginem a multidão que deve ter numa reunião pública, nós só vemos os encarnados, não temos idéia do plano espiritual, quantos espíritos estão ali.

Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIX, Das Reuniões e Sociedades Espíritas, item 331:

“331 – Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for...”

(*O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIX, Das Reuniões e Sociedades Espíritas, item 331 – Allan Kardec – Ed. F.E.B.)

A gente percebe numa reunião que tenha uma multidão de necessitados, mas se você estiver ligado à faixa, não da necessidade, mas na faixa dos espíritos que estão acima disso aquilo não incomoda nem perturba. Se estamos nessa coesão, no trabalho do bem e ligados aos bons espíritos, esse tipo de vibração ou influenciação chegará a nível de pele, mas não vai perturbar o nosso espírito, a mente e o coração, porque fica na periferia, do lado de fora, não tem que colocar dentro de você.

“334 – ...A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos homogêneos deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações...”

(*O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIX, Das Reuniões e Sociedades Espíritas, item 334 – Allan Kardec – Ed. F.E.B.)

Aparentemente grupo pequeno não tem perturbação. Eu vim de um grupo pequeno que eu nunca vi ter tanta perturbação. Não havia mais de trinta pessoas. Foi uma experiência para nunca mais esquecer. O trabalho que começou muito bonito, uma vibração maravilhosa. De repente, os espíritos começaram a agir, até bombardear e desfazer o grupo. Trinta pessoas não conseguiram ser coesas e harmonizadas. Então, aqui pode ter uma multidão de médiuns e cooperadores, que estão todos atentos e responsáveis no seu serviço e não ter problema nenhum, a casa funciona muito bem, obrigado. Dentro do grupão o trabalho é feito em pequenos núcleos, que fazem o trabalho específico da mediunidade, que é a desobsessão, irradiação, prece pelo suicida, o receituário, a cura e os passes das reuniões públicas.

“335 – Já vimos de quanta importância é a uniformidade de sentimentos, para a obtenção de bons resultados. Necessariamente, tanto mais difícil é obter-se essa uniformidade, quanto maior for o número. Nos agregados pouco numerosos, todos se conhecem melhor e há mais segurança quanto à eficácia dos elementos que para eles entram. O silêncio e o recolhimento são mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembléias excluem a intimidade, pela variedade dos elementos de que se compõem; exigem sedes especiais, recursos pecuniários e um aparelho administrativo desnecessário nos pequenos grupos...”

(*O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIX, Das Reuniões e Sociedades Espíritas, item 335 – Allan Kardec – Ed. F.E.B.)

O próprio Léon Denis começou com um grupo pequeno e a espiritualidade instruiu o Altivo que comprasse um terreno para a construção da sede. Porque eles sabiam que a casa iria trabalhar com multidões.

Há centros espíritas que são fundados para serem grupos menores e percebemos que o trabalho nesses centros tem um certo diapasão e não passa disso. E tem uma vibração sensacional. Não é o tamanho e nem a quantidade de pessoas que importa é a coesão, a ligação, a amizade, a afinidade que dão suporte e estrutura não só material, mas também espiritual, para atrair espíritos cada vez mais evoluídos, que venham ajudar no nosso propósito de esclarecer, ajudar, reeducar e orientar as pessoas.